CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
DEPARTAMENTO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA

Sara Lopes Fonseca

OS JOVENS POBRES E A CONSTRUÇÃO CIVIL: a recusa pelos canteiros de obras

Belo Horizonte
2017

Sara Lopes Fonseca

OS JOVENS POBRES E A CONSTRUÇÃO CIVIL: a recusa pelos canteiros de obras

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica do Centro de Educação Tecnológica de Minas Gerais, para obtenção do título de Mestre em Educação Tecnológica.

Orientador: Prof. Antônio de Pádua Nunes Tomasi.

Belo Horizonte

2017

Fonseca, Sara Lopes
F676j Os jovens pobres e a construção civil: a recusa pelos canteiros de obras. / Sara Lopes Fonseca. – – Belo Horizonte, 2017.

102 f. : il.

Dissertação (mestrado) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica, 2017.

Orientador: Prof. Dr. Antônio de Pádua Nunes Tomasi Bibliografia

1. Jovens Pobres. 2. Trabalho. 3.Indústria da Construção Civil. I. Tomasi, Antônio de Pádua Nunes. II. Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. III. Título

CDD 370.193

Elaboração da ficha catalográfica pela Biblioteca-Campus II / CEFET-MG

Sara Lopes Fonseca

OS JOVENS POBRES E A CONSTRUÇÃO CIVIL: a recusa pelos canteiros de obras

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica do Centro de Educação Tecnológica de Minas Gerais, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Tecnológica.

Orientador: Antônio de Pádua Nunes Tomasi

Prof. Dr. Antônio de Pádua Nunes Tomasi- CEFET- MG (Orientador)

Prof. Dr. José Geraldo Pedrosa - CEFET- MG (Banca Examinadora)

Prof. Dr. Luciano Rodrigues Costa- UFV (Banca Examinadora)

Belo Horizonte, 24 de Março de 2017

AGRADECIMENTOS

A Deus.

Ao meu orientador, Prof. Antônio de Pádua Nunes Tomasi, pelo apoio e encorajamento, que proporcionou mais que a busca por conhecimento técnico e cientifico, mas uma lição de vida.

Aos Professores José Geraldo Pedrosa e Luciano Costa, pelas contribuições no projeto de pesquisa e por aceitarem o convite para comporem a banca.

Ao CEDUC Virgilio Resi, em especial à Júlia Silva, pelo apoio, incentivo e tolerância, sem os quais não seria possível conciliar trabalho e estudo.

A Luciana Cassimiro, pelos apontamentos e pela ajuda nos momentos finais.

Às amizades do mestrado, em especial a Camila, Claudia, Valéria e Zaine, pelo momentos e sentimentos divididos, pelas trocas de saberes e pelos “impulsos”.

Aos amigos de trabalho, pelas cobranças e incentivos. Agradecimentos especiais: ao Wallace, por impulsionar novos olhares e encorajar o caminho acadêmico; e ao Paulo e Jéssica, pelo companheirismo e suporte nas minhas omissões. A Day, Su e Polly, por escutar minhas dificuldades e por compartilhar os caminhos de escrita e reescrita.

Aos jovens entrevistados, que destinaram parte de seu precioso tempo para participarem da pesquisa.

A todo o suporte que recebi das minhas amigas Anna, Jonelle e Thaíres, que além de palavras de incentivo ensinaram-me a seguir em frente principalmente nos momentos mais difíceis.

Aos meus pais, Rita e Sebastião, por compreenderem meu momento e me ensinarem a educação como um valor na vida.

Aos meus irmãos e familiares, por entenderem meus destemperos e ausências. À Regina, por compartilhar sua bagagem, pela leitura cuidadosa e ensinamentos. A Iara pelos estímulos e pelos “SDs”.

Aos diversos grupos de amizades (Lado B, Reencontro, Sitre e Race), por escutarem minhas inseguranças e pelas propostas de descontrações, que trouxeram leveza aos momentos de tensão.

Sou muito grata a todas as pessoas que estiveram comigo neste movimento de pesquisar, redigir e elaborar as ideias.

[...] Subiu a construção como se fosse máquina
Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
Tijolo com tijolo num desenho mágico
Seus olhos embotados de cimento e lágrima
Sentou pra descansar como se fosse sábado.

(HOLANDA, Chico Buarque - Construção).

RESUMO

A construção civil foi uma das poucas possibilidades de oportunidade de trabalho para os jovens pobres, com baixa escolaridade, sem qualificação e oriundos do meio rural. Esse quadro tem mudado e cada vez menos eles parecem atraídos pelos canteiros de obras, onde os trabalhos pesados, insalubres e de pouco prestígio social ainda predominam. O cenário merece atenção, pois, se esses jovens encontram dificuldades para acessar o primeiro emprego, a construção civil reclama a falta de mão de obra. Os fatores que contribuíam, no passado, para tornar jovens pobres em operários parecem não serem muito diferentes dos atuais, com destaques, acentuados por nós, para a escola, a família e o grupo social. O que parece ser diferente é o caminho operário que eles tomam em busca de trabalho. A metodologia utilizada nesta pesquisa foram questionários, entrevistas e grupo focal com 14 jovens. Os participantes da pesquisa eram do sexo masculino, com idades entre 15 e 18 anos, alunos de escola pública e residentes na região de Belo Horizonte. Os resultados da pesquisa mostram que, quanto mais alto o nível de escolaridade dos jovens e mais habituados às tecnologias atuais, sobretudo as relacionadas à informática e à comunicação, mais atraentes lhes parecem as oportunidades de trabalho relacionadas às atividades de escritório. Da mesma forma, mais eles se julgam livres e no direito de escolher qualquer trabalho, ou seja, não se sentem na obrigação de ter o mesmo ofício de seus pais. Os jovens acreditam, ainda, que o sucesso ou o fracasso que possam vivenciar em suas vidas depende unicamente deles e que podem contornar as contingências sociais com esforço pessoal. Eles parecem também mobilizar os seus esforços para conseguir um trabalho que lhes permita ascensão social e poder. Mas, ao fracassarem na busca do trabalho desejado, eles inevitavelmente aceitarão trabalhos que consideram socialmente desvalorizados, como o da construção civil, visto como precário e sem garantias sociais.

Palavras-chave: Jovens Pobres. Construção Civil. Trabalho.

ABSTRACT

The civil construction has been almost ever the first and even the unique opportunity of working for many poor young people, with low education levels and from rural areas. This scenario has been changed and people are less attracted to the construction site, where the hard and unhealthy work with low social prestige are still dominant. This deserves attention, since if the young people find difficult to get the first job, the construction complains about the lack of the workforce. The factors that used to help in the past, to transform poor young people into workers, seem not to be so different of what there are nowadays, with highlights, increased by ourselves to school, family and social group. What looks to be different is the worker way they take in the job search. The methodology used at this research was survey, interviews in a local group with 14 young people male with the age between 15 and 18 years old, students of a public school and residents of the region of Belo Horizonte. The results of this research show that as higher is the education level of this people and as they are used to the newest technologies, mainly the ones related to informatic and communication, more attractive are the opportunity in office activities. On the same way, they judge themselves able to get any type of job, not being necessary to follow the same profession their parents have had. They believe indeed that the success or the failure that they can experience in their lives, depend only from them and they can overcome the social contingency with personal effort. It seems they can also mobilize their efforts to get a job that can provide social rising and power. However if they fail in the desired job search, they will unavoidably accept the positions considered depreciated, as the ones from the construction, seen as precarious and instable with no social guarantees.

Keywords: Poor young people. Civil construction; Work.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Informações sobre os participantes da pesquisa..... 45
QUADRO 2 - Ofícios/profissões consideradas pelos jovens pesquisados como mais interessantes (questionário)..... 65
QUADRO 3 - Ofícios/profissões consideradas pelos jovens pesquisados como menos interessantes (questionário)..... 66
QUADRO 4 - Caracterização dos participantes da pesquisa..... 100

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BDTD	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
CBO	Classificação Brasileira de Ocupações
CONJUVE	Conselho Nacional da Juventude
CNS	Conselho Nacional de Saúde
DECONCIC	Departamento da Indústria da Construção
DIEESE	Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EJA	Educação de Jovens e Adultos
GF	Grupo Focal
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INSS	Instituto Nacional do Seguro Social
ONG	Organização Não Governamental
RAIS	Relação Anuais de Informações Sociais
RMBH	Região Metropolitana de Belo Horizonte
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SINE	Sistema Nacional de Empregos

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 12
1.2 Pesquisa de campo 17
1.2.1 Escolha dos participantes 18
1.2.2 Questionário 20
1.2.3 Grupo focal 20
1.2.4 Entrevista 22
1.2.5 Caracterização dos participantes 22
1.3 Análise de conteúdo 24

2 OS JOVENS OPERÁRIOS E A CONSTRUÇÃO CIVIL 26

3 JUVENTUDE 36
3.1 Juventude(s) 36
3.2 Alguns indicadores da população jovem brasileira 39
3.3 Juventude pobre: o jovem da classe trabalhadora 42
3.3.1 Jovens pobres de Belo Horizonte 44

4 ANÁLISES 47
4.1 Trabalho 47
4.1.1 O trabalho para os jovens 49
4.1.2 Os elementos necessários para a inserção no trabalho 54
4.1.3 A influência familiar na inserção ocupacional 59
4.2 O trabalho ideal e o trabalho possível 61
4.2.1 A atividade idealizada: trabalhar no escritório 66
4.3 O trabalho na construção civil 69
4.3.1 A fragilidade dos vínculos de trabalho 73
4.3.2 Um trabalho socialmente estigmatizado 76
4.4 Aspectos de síntese 80

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 81

REFERÊNCIAS 87

APÊNDICES 94

ANEXOS 101

1 INTRODUÇÃO

O interesse pelo estudo da importância da construção civil como fonte do primeiro emprego de milhares de jovens pobres decorre das observações de que os canteiros de obra eram espaços de frequente opção para centenas de jovens de pouca escolaridade, quase sempre motivada pela necessidade de ajudar no sustento de seus familiares.

Sempre estudei em escola pública, no período diurno e lá observava que havia um descompasso entre o número de meninos e meninas nas salas de aulas. Quanto mais avançavam as séries, menos meninos frequentavam as aulas. Era desolador perceber que até o final da série eu não teria a presença de alguns colegas naquele espaço social único para mim, até então. E quase sempre, quando eu perguntava "cadê fulano", a resposta era na maior parte das vezes a resposta era a mesma: "passou para o turno da noite, "parou, teve que trabalhar". Percebia que perdia meus amigos, sobretudo os meninos, por causa do trabalho, muitas vezes precários.

Mas esse dado que me assustava também me revelaria algo importante que mais tarde me propiciou retomar o assunto. Durante a graduação em Psicologia estudei as relações entre juventude pobre e trabalho, o que reforçou o desejo de estar mais próxima dessa relação. Atualmente, trabalho com atividades de recrutamento e seleção de jovens, sobretudo os de camadas populares, estudantes de escolas públicas que desejam oportunidade de trabalho formal. E, no contato com esses jovens, descubro que apesar da pouca idade eles já possuem trajetórias laborais como uma forma de rota de fuga da pobreza ou até mesmo da criminalidade.

Como acontece com a maioria das famílias de baixa renda, a única opção encontrada para diminuir a escassez em casa é inserir os filhos jovens no trabalho. Em alguns casos a construção civil é a primeira ou única opção do jovem sem qualificação e com pouca instrução. A grande maioria começa como ajudante do pai, tios ou algum outro parente próximo, mas quase sempre é levado aos canteiros de obras pela necessidade de ajudar na renda familiar.

A população brasileira, nos dias de hoje, é constituída em sua maioria de pessoas jovens, sobretudo da classe proletária e, devido a esse contexto, o trabalho tem sido apresentado como um tema de interesse da juventude. Em compensação, o desemprego, uma preocupação de ordem social, tem se tornado um problema a ser enfrentado pelos jovens,

fazendo com que o mundo do trabalho se mostre de maneira preocupante e instável. Para Corrochano *et al.* (2008), de maneira geral, os jovens são indicados como um dos grupos sociais mais afetados no que se refere à relação com o trabalho. Vários autores demonstram que os jovens são os que mais sofrem com o desemprego, sendo considerados o elo mais fraco do cenário econômico (POCHMANN, 1998; SPOSITO, 2003; TELES; FREGULIA; CARVALHO, 2002).

No caso brasileiro, especificamente, isso se deve ao mercado, que tem apresentado baixa capacidade em gerar postos de trabalho para o total da população que nele ingressa, bem como em manter o jovem empregado por muito tempo. A cada 100 jovens que tentam ingressar no mercado de trabalho, somente 45 encontram algum tipo de ocupação, logo, 55 ficam desempregados (POCHMANN, 2007).

Foi a partir dos anos 80 que o debate sobre os direitos sociais e a organização da sociedade civil ganhou corpo e direcionou olhares para questões que antes eram negligenciadas, tais como a situação das crianças e jovens brasileiros. Nesse sentido, em 1990 o Estatuto da Criança e do Adolescente foi instituído como lei, prevendo, entre outras medidas, o direito à educação, à profissionalização e ao trabalho protegido. A partir dessa data, os debates sobre a juventude se potencializam e em 2013 foi regulamentado o Estatuto da Juventude. Essa legislação aprofunda os direitos à educação, trabalho, saúde e cultura, entendendo as necessidades específicas dos jovens e respeitando suas trajetórias e diversidades (BRASIL, 2013).

O Estatuto da Juventude regulamenta aos jovens, sobretudo aos pobres, a criação de possibilidades de acesso a outras oportunidades de trabalho, determinando, entre outras medidas, as “atuações preventivas e repressivas na exploração e precarização do trabalho dos jovens” (BRASIL, 2013, art. 14).

Em consonância com esse cenário, as políticas públicas também se voltam para o acesso ao trabalho e à profissionalização. Isso é verificado a partir da expansão da rede de educação profissional e tecnológica de nível médio, a efetivação/fiscalização da contratação de jovens por meio do programa de aprendizagem e da estruturação da lei de estágios para nível médio e técnico, previstos no Estatuto da Juventude (BRASIL, 2008; BRASIL, 2013).

Há ainda que se considerar a valorização social pelo aumento da escolaridade. Hoje os jovens têm mais anos de estudos e alguns podem optar por se inserir mais tarde nas atividades laborativas, buscando ocupações menos braçais e mais qualificadas. Tal fato é apresentado por Neri (2011) como suposição de que o mais alto grau de instrução das novas gerações tem sido um fator de repulsão em relação à indústria da construção civil.

Os canteiros de obras da construção civil, durante séculos, representaram em várias partes do mundo a primeira e única oportunidade de que os jovens com baixa escolaridade, sem qualificação, pobres e oriundos muitas vezes do meio rural tinham para ingressar no mercado de trabalho e mesmo inserir-se socialmente. Os canteiros de obras possibilitam o acesso de pessoas com pouca ou nenhuma qualificação a uma ocupação, o que serviria como "válvula para regular os problemas de emprego e subemprego nas áreas urbanas" (FRANCO *apud* COCKELL; PERTICARRARI, 2010, p. 635).

Atualmente, o cenário de oportunidades do primeiro emprego é outro. Os canteiros de obras, muito possivelmente devido aos trabalhos que persistem insalubres, pesados e perigosos, e o pouco prestígio social relacionado aos ofícios da construção têm se mostrado cada vez menos atrativos para esses jovens. Assim, além da inevitável escassez de mão de obra, o seu envelhecimento agravará os problemas da construção civil (NERI, 2011; TOMASI, 1999).

As alterações no campo de atuação e na inserção do jovem no mercado de trabalho produzem uma ambiguidade no cenário. Isso porque, de um lado, o jovem preocupa-se com o desemprego e com a falta de oportunidade do primeiro emprego e, de outro lado, aparece o setor civil carente de mão de obra e como última opção para os jovens. O escopo deste trabalho trata de uma discussão dos aspectos da juventude e suas possíveis relações com a inserção ou não inserção no campo da construção civil. Dessa forma, problematiza-se a questão da juventude e trabalho no canteiro de obras, isto é, os fatores que se inserem no problema do distanciamento da juventude atual com o trabalho na construção civil.

A revisão no campo teórico que trata das interfaces juventude e trabalho permite comentar que esse tema vem sendo objeto de vários estudos com recortes e vieses diferenciados. Porém, ao refinar a consulta para o trabalho na construção civil, não se verifica a mesma veemência.

A busca realizada na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) com os descritores "juventude" e "construção civil" demonstra resultados incipientes para o entendimento da temática proposta neste estudo. Os resultados encontrados são, em sua maioria, sobre metodologias de ensino aos trabalhadores em diálogo com a modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

A relação entre jovens e construção civil pode ser verificada no estudo realizado por Neri (2011), intitulado "Trabalho, educação e juventude na construção civil". A pesquisa, com caráter quantitativo, apresenta dados estatísticos que indicam a redução percentual de jovens que trabalham no canteiro de obras, indicando "um apagão na mão de obra na

construção" (NERI, 2011, p. 48). Por se tratar de uma pesquisa quantitativa, o estudo não objetivou compreender esse universo do ponto de vista dos jovens, interface que pretende abarcar.

Em direção aos fatores que têm interferido nas opções de escolha dos jovens no mercado de trabalho, a dissertação de Silva (2008) discute as aspirações de jovens de camadas populares de Belo Horizonte e destaca o papel da família na construção de projetos de vida e opções de carreira. A família e, consequentemente, as profissões dos familiares interferem de maneira positiva ou negativa no projeto de vida do jovem. No campo da construção civil, a autora apresenta um exemplo importante para este estudo. Trata-se de um depoimento de um jovem que trabalha ajudando seu pai, pedreiro. O que chama a atenção é o fato de o jovem, como mostra a autora, repudiar a ideia de continuar atuando nessa área como o pai.

Outra obra que traz elementos relevantes para entender a temática aqui estudada é a publicação de Costa e Cockell (2014). A pesquisa revela que certas especificidades do trabalho no canteiro de obras (principalmente a exigência de esforço físico e a exposição a intempéries) contribuem para desmotivação, por parte dos jovens, em buscar no setor uma carreira profissional. Todavia, as afirmações dos autores não partem das percepções que os jovens têm desse cenário, tal como se pretende no estudo desses autores.

Pretende-se, aqui, contribuir para as discussões do trabalho na construção civil, apreendendo a problemática que envolve esses jovens a partir de seu olhar. Ademais, entende-se que o esclarecimento das lacunas nos entendimentos entre juventude e canteiro de obras permite a abertura de caminhos para discutir a gestão de recursos humanos no setor, processo de modernização/apropriação das técnicas, bem como o cuidado com a formação profissional desses sujeitos.

Visa-se principalmente nesta pesquisa compreender os motivos que implicam a redução de jovens trabalhadores no setor da construção civil. E, para tanto, buscou-se muito especialmente identificar a situação e oportunidades de trabalho de jovens pobres residentes na região metropolitana de Belo Horizonte; conhecer as concepções de trabalho para os jovens pobres; conhecer a dinâmica entre jovens operários e a construção civil.

O primeiro capítulo reúne as informações encontradas sobre os jovens operários e a construção civil. A construção civil, que durante muitos anos ficou conhecida por atrair mão de obra jovem e pouca escolarizada, tem enfrentado dificuldades em atrair e reter trabalhadores dispostos a investir na carreira de operário dos canteiros de obras, principalmente os jovens. Os canteiros de obras têm convivido com o envelhecimento da

mão de obra, uma vez que esses trabalhos, considerados pesados e perigosos, parecem ser fatores de repulsa para os jovens.

O segundo capítulo trata da juventude e sua contextualização, notadamente no que se refere à temática trabalho. O trabalho é visto como o tema mais interessante para os jovens e o desemprego como uma de suas maiores preocupações, principalmente para os mais pobres. E apresentam-se dados de estudos sobre a juventude pobre em Belo Horizonte, para descrever a conjuntura em que os sujeitos desta pesquisa estão inseridos.

O capítulo quatro aborda a análise e a discussão do material obtido em campo. As informações da pesquisa foram organizadas em temas em comum, a partir das informações das transcrições das entrevistas e articulações com o referencial teórico. Foram tratados temas sobre as relações dos jovens pobres e o trabalho, suas perspectivas de inserção profissional e, por último, as informações foram agrupadas sobre o trabalho na construção civil.

Contudo, antes de dar início será feito a seguir a descrição detalhada da metodologia utilizada, pautada na pesquisa qualitativa, e seus procedimentos metodológicos, no caso, questionário, entrevistas e grupo focal com 14 jovens. São jovens pobres, do sexo masculino, estudantes do ensino público e com idades entre 15 e 18 anos. São feitas, ainda, outras considerações sobre o trabalho de campo, definição dos critérios e caracterização dos participantes da pesquisa e o método utilizado para análise de dados, análise de conteúdo.

1.1 Percurso Investigativo

Impõe-se neste momento uma exposição mais detalhada sobre o percurso seguido nesta pesquisa na investigação sobre jovens pobres de Belo Horizonte e sua relação com os canteiros de obras, em outras palavras, a construção do pensamento investigativo e as ações tomadas no processo de apreensão da realidade.

Partiu-se do pressuposto de que para compreender a relação dos jovens pobres com o trabalho na construção civil é necessário dar vozes aos sujeitos para que se possa conhecer as suas motivações e perspectivas de vida e os significados que atribuem ao trabalho no canteiro de obras. A investigação fez usos, então, de abordagem qualitativa.

De acordo com Minayo *et al.* (2002, p. 21), a pesquisa qualitativa "trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo de relações". Assim, ela responde a questões muito particulares,

de maneira que não devem ou não poderiam ser quantificadas. A abordagem qualitativa se aprofunda no mundo dos significados, não se preocupando com a representatividade numérica e sim com o aprofundamento da compreensão de um grupo social.

Destaca-se que a pesquisa qualitativa não tem a pretensão de envolver todos os aspectos do fenômeno estudado, sendo uma forma de se aprofundar em algumas questões relevantes para o entendimento de uma temática dentro de determinado contexto.

Em consonância com a autora e em sintonia com a pesquisa qualitativa, este estudo preocupa-se menos com a generalização e mais com o aprofundamento e abrangência da compreensão do que se propõe a estudar. Assim, a investigação consistiu na produção de dados por meio de um grupo focal e entrevistas, que tiveram, respectivamente, nove e cinco participantes e um questionário aplicado a todos eles, ou seja, 14 jovens.

1.2 Pesquisa de campo

Segundo Marconi e Lakatos (2003), a pesquisa de campo é utilizada com o objetivo de conseguir informações e conhecimentos acerca de determinado problema, realizada com os sujeitos de pesquisa para compreender os diferentes aspectos de um âmbito. É, portanto, um encontro mais direto com a população pesquisada. Nesse sentido, Minayo *et al.* (2002, p. 61) afirmam que o trabalho de campo permite a aproximação do pesquisador com a realidade que se propõe a compreender. É uma forma de interagir com os atores que "conformam a realidade e, assim, constrói um conhecimento empírico importantíssimo para quem faz a pesquisa social".

Para Bourdieu (1997), ainda que a pesquisa tenha por fim a produção do conhecimento, ela é, acima de tudo, uma relação social que exerce efeitos sobre os resultados obtidos. E por se tratar de uma relação social, envolve questões de interação. Minayo (2002) alerta que as interações entre pesquisador e pesquisados são um notável instrumento de coleta de informações, uma vez que tem a fala como forma de revelar as "condições de vida". E revela, ainda, ter ela o poder da "expressão dos sistemas de valores e crenças e, ao mesmo tempo, ter a magia de transmitir, por meio de um porta-voz, o que pensa o grupo dentro das mesmas condições históricas, socioeconômicas e culturais que o interlocutor" (MINAYO, 2002, p. 64).

O contato com o pesquisado é, no entendimento de Bourdieu (1997), um exercício espiritual, pois visa obter, pelo esquecimento de si, uma verdadeira conversão do olhar que

se lança sobre as outras circunstâncias comuns da vida. É uma habilidade de se colocar no lugar do entrevistado em pensamento e difere-se da projeção de si em outrem.

O pesquisador precisa, ainda, se valer de alguma estratégia para conseguir respostas mais precisas diante de respostas incompletas, tomando cuidado para não induzi-las.

Em consonância com tais princípios da pesquisa de campo e da influência do pesquisador no processo de compreensão da realidade, foram observados os aspectos éticos e técnicos da entrada no campo. Ao longo da realização da investigação procurou-se criar um cenário favorável à participação dos sujeitos de pesquisa e procurou-se elaborar um roteiro que soasse como um convite ao pesquisado para que ele expressasse, com as suas palavras, as percepções e significados que ele atribuía ao trabalho na construção civil.

Considerou-se que as interpelações ou versões da realidade são ilimitadas, pois, segundo Gaskell (2015), apesar de relatos individuais, os depoimentos dos sujeitos de pesquisas são, de alguma forma, resultados de processos sociais.

A princípio, planejava-se apenas o uso de grupo focal, mas como será visto mais à frente, diante das dificuldades de conciliar horários dos sujeitos de pesquisa, foi necessário fazer uso, também, de entrevista semiestruturada.

Antes de descrever sobre as técnicas de coleta de dados, relata-se como aconteceu a escolha dos participantes.

1.2.1 Escolha dos participantes

A definição dos sujeitos de pesquisa foi fundamentada nos fatores característicos registrados na literatura. Desse modo, os critérios usados para se chegar aos jovens pesquisados acompanharam o perfil clássico dos jovens que tradicionalmente são inseridos na construção civil: a) sexo masculino; b) experiência de trabalho nos canteiros de obras da construção civil; c) residência ou convivência com algum familiar (pai, avô, tio, etc.) cuja trajetória profissional é na construção civil ou em setor similar como operário.

É importante destacar que estudos como o de Cockell (2008) e Costa (2011) realçam a dificuldade de inserção na construção civil para a realização de pesquisas, haja vista a resistência e a desconfiança dos responsáveis pelas obras em permitir a entrada de "estranhos" nos canteiros de obras. Posto tal obstáculo, o acesso aos jovens não aconteceu nos canteiros de obras e sim por meio de uma organização não governamental (ONG) que atua na inserção de jovens no trabalho formal. Ela acolhe mensalmente centenas de jovens que buscam a inserção no mercado de trabalho.

Embora a pesquisa não vise a uma análise da intuição, acredita-se que para possibilitar melhor compreensão sobre a origem dos entrevistados, é necessária a apresentação de algumas considerações gerais sobre a ONG. Trata-se de uma instituição sem fins lucrativos, que atua desde 2005 em atividades formativas para a inserção de jovens pobres no mercado de trabalho. Se em momentos passados ela ofereceu para a comunidade pobre em geral cursos voltados para a capacitação profissional, no momento sua atuação concentra-se, principalmente, na formação profissional de jovens e sua inserção no mercado de trabalho. Muito embora esteja localizada na região norte de Belo Horizonte, ela acolhe jovens de toda a região metropolitana de Belo Horizonte (RMBH). Mensalmente são acolhidos aproximadamente 150 jovens, sendo que cerca de 60% deles são moradores de Belo Horizonte e os demais das outras regiões metropolitanas.

A escolha dos jovens pesquisados se deu devido à familiaridade que a pesquisadora possui com a instituição, lugar onde eles buscam formação e inserção profissional e a pesquisadora desenvolve atividades profissionais como psicóloga, realizando acolhimentos, orientações básicas para o mercado de trabalho e encaminhamento para as vagas disponibilizadas pelas empresas parceiras.

Os jovens interessados em concorrer à oportunidades de trabalho formal comparecem à instituição para o cadastro inicial, denominado acolhimento. Nessa ocasião, os candidatos preenchem uma ficha de inscrição. As informações constantes da ficha permitiram à pesquisadora convidar os jovens para participarem da pesquisa.

A ficha de cadastro (ANEXO A) identifica, entre outros fatores, a passagem por trabalhos anteriores, sejam eles com carteira assinada ou não e as informações sobre a composição familiar e dados socioeconômicos. Nesse instrumento, foram valorizadas as informações que se referem às ocupações dos responsáveis, ao histórico profissional pregresso, à renda familiar e à situação escolar.

Os jovens que atendiam ao perfil da pesquisa foram convidados a participar de um grupo focal e, não havendo disponibilidade, foram realizadas entrevistas individuais. A coleta de dados aconteceu entre os meses de abril e agosto de 2016 com jovens de Belo Horizonte e da RMBH.

O número de sujeitos incluídos na pesquisa foi definido por inclusão progressiva, que foi interrompida pelo critério de saturação qualitativa, ou seja, “quando as concepções, explicações e sentidos atribuídos pelos sujeitos começam a ter uma regularidade de apresentação” (MINAYO *et al.*, 2002, p. 48).

1.2.2 Questionário

Segundo Oliveira (1997), o questionário é um instrumento no qual são entregues ao entrevistado perguntas que deverão ser respondidas por escrito. Foi utilizado um questionário cuja finalidade era identificar os pesquisados, permitindo o acesso a informações pessoais tais como idade, escolaridade naturalidade, composição familiar, histórico de trabalho, etc. e, ainda, questioná-los sobre os ofícios/profissões de seu interesse.

E por abordar tais questões mais pessoais que pudessem causar constrangimento diante de outros, o questionário foi adotado. Nesse sentido, para Marconi e Lakatos (2003), tal técnica apresenta a vantagem de propiciar mais liberdade nas respostas em razão do anonimato e baixo risco de distorção pela influência do pesquisador.

1.2.3 Grupo focal

No âmbito das pesquisas sociais de caráter qualitativo, cada vez mais o grupo focal tem sido utilizado como técnica de coleta de dados, principalmente nos campos da Psicologia, da educação, da saúde, do Serviço Social e da Sociologia (GUATTI, 2004).

O grupo focal (GF) é definido por Trad (2009) como uma técnica de pesquisa qualitativa oriunda de entrevistas grupais, que coleta informações por meio de interações. O objetivo principal foi reunir informações detalhadas sobre uma temática abordada a partir de um grupo de participantes devidamente selecionados.

Segundo Trad (2009), o GF é um procedimento de coleta de dados no qual o pesquisador tem a possibilidade de ouvir vários sujeitos ao mesmo tempo, além de observar as interações características do processo grupal. Tem como objetivo obter uma variedade de informações, sentimentos, experiências, representações de pequenos grupos acerca de determinado tema.

Na execução do grupo deve ser utilizado o temário ou guia de temas, ele é a orientação de questões importantes a serem tratadas no grupo. Em vista disso, foi elaborado um temário coerente com os objetivos da pesquisa (APÊNDICE A), procurando-se agrupar assuntos e utilizar palavras que facilitassem o envolvimento do grupo na tarefa e que fossem flexíveis o suficiente para que a discussão acontecesse de maneira espontânea.

Para Kind (2004), os grupos focais fazem uso da interação grupal para produzir informações e *insights* que dificilmente seriam conseguidos em outro panorama. O grupo então é reconhecido como maior do que a soma de opiniões individuais e os dados obtidos levam em conta elementos processuais do grupo. Para Minayo *et al.* (2002), o grupo focal tem a qualidade de permitir informações consensuais sobre determinado assunto ou de cristalizar opiniões díspares. Ele possibilita argumentações que, ao contrário das entrevistas, em geral ocorrem de maneira solitária.

No mês de abril de 2016 foi realizado um grupo focal pré-teste para verificar o roteiro proposto e a abordagem a ser utilizada. Diante das informações observadas, foram realizados ajustes e no mês de agosto de 2016 outros jovens foram abordados. No total, nove jovens participaram do grupo focal, que aconteceu na referida instituição. Os jovens que participaram do grupo focal possuíam a mesma disponibilidade de tempo.

Em consonância com Roso (1997), entende-se que o grupo focal é uma técnica importante para o conhecimento das representações, valores, percepções, preconceitos, hábitos e crenças prevalentes em pessoas que partilham de algum traço em comum. E, no caso deste estudo, os pesquisados compartilham a condição de jovens que têm interesse na inserção no trabalho formal e algum vínculo com o trabalho na construção civil, seja por experiência direta ou pela convivência com operários.

Roso (1997) e Guatti (2004) destacam que na formação dos grupos é importante pensar em características homogêneas dos participantes de maneira que eles tenham algo em comum, facilitando a exposição e a interação dos participantes. A homogeneidade faz com que os sujeitos percebam, em si, algo em comum e essa característica pode ser referente à idade, ao sexo, à condição social, à residência, à escolaridade, entre outros.

Por outro lado, no grupo deve haver algumas variações entre as pessoas para que apareçam opiniões diferentes ou divergentes. As variáveis devem ser consideradas de acordo com o problema de pesquisa, o escopo teórico em que está embasado e com qual finalidade realiza o trabalho (GUATTI, 2004).

Os grupos pesquisados compartilhavam características iguais (faixa etária, sexo e o desejo por inserção ocupacional), mas vivenciam diferentes modos de ser jovem e com vivências distintas no trabalho nos canteiros de obras. Com essa composição do grupo, não se almejou construir consenso, mas sim um conjunto de ideias e opiniões, sendo, assim, um espaço de reflexões e contradições.

1.2.4 Entrevista

Para Good e Haat (1977), a entrevista é de grande importância para a pesquisa social e tem sido bastante utilizada nas pesquisas contemporâneas. Minayo *et al.* (2002) acreditam que a entrevista seja a técnica privilegiada de comunicação, que utiliza como matéria-prima a fala de alguns interlocutores. A esse respeito, Gaskell (2015) afirma que a entrevista é um processo social no qual as palavras são o principal meio de troca.

A entrevista visa descobrir as perspectivas ou os pontos de vistas sobre os fatos, além daqueles do pesquisador. Para Minayo (2002), a entrevista tem como objetivo construir informações pertinentes sobre um objeto de pesquisa. Gil (1999) conceitua a entrevista como uma técnica de coleta de dados na qual o investigador, diante do investigado, faz perguntas para obter dados que interessam a uma dada investigação. Tal técnica apresenta a vantagem de captar as expressões do entrevistado, bem como a tonalidade de voz e a ênfase nas respostas.

Segundo Marconi e Lakatos (2003), um dos objetivos da entrevista é a "determinação das opiniões sobre os fatos", a qual consiste em conhecer como os sujeitos pensam ou acreditam que os fatos aconteçam.

Essa técnica possui vários níveis de estruturação, sendo utilizada neste trabalho a entrevista semiestruturada, que se constitui pela relação de pontos de interesse que o entrevistador explora no discurso do entrevistado. Nesse sentido, será utilizado o temário/ roteiro de perguntas, que consta no APÊNDICE B, fazendo-se perguntas diretas, mas com flexibilidade, para que o entrevistado fale livremente conforme adequação ao assunto. E quando o assunto se desvia das pautas, procedeu-se conforme orientação de Gil (1999, p. 120), que defende que o entrevistador deve intervir sutilmente para "manter a espontaneidade do processo" (GIL, 1999).

1.2.5 Caracterização dos participantes

Na coleta de dados foram ouvidos 14 jovens, sendo que nove participaram do grupo focal e cinco das entrevistas. Os jovens ouvidos neste trabalho relataram que nunca tinham vivenciado essa experiência e mostraram-se receptivos em colaborar com a pesquisa.

No início da coleta de dados, eles pareciam apreensivos por ser a primeira vez naquele tipo de situação, mas no decorrer da entrevista era nítida a descontração, porque já se sentiam confortáveis com o tema abordado.

A faixa etária escolhida dos participantes foi de 16 a 18 anos de idade por se considerar que nessa faixa o jovem já tenha vivenciado a experiência de algum tipo de atividade laborativa ou pelo menos pensado em realizar algum tipo de trabalho remunerado.

Os participantes da pesquisa são alunos da rede pública, tendo em vista que são eles que, de modo geral, ingressam no mercado de trabalho informal visando complementar a renda familiar. Participaram nove estudantes da rede estadual e cinco da rede municipal. Um dado chama a atenção: 50% dos jovens participantes apresentaram distorção entre idade e série cursada, o que confirma o dado anterior, que indicava que o percurso escolar não correspondia à idade do jovem, não só pela evasão escolar, como pela reprovação.

Registra-se que a renda *per capita* da família de 11 pesquisados era inferior a meio salário mínimo, o que pode reforçar o entendimento de alguns autores de que a entrada de jovens pobres no mercado informal se faz para reforçar a renda familiar.

Do total de pesquisados, sete já trabalharam nos canteiros de obras e seis já tiveram atividades laborativas. Apesar de alguns jovens já terem trajetórias de trabalho, apenas um deles já teve um contrato formal. Os demais entrevistados declararam não terem estabelecido algum tipo de contrato escrito com os empregadores, o que aconteceu foram apenas acordos verbais.

No que se refere à cor dos pesquisados, seis se autodeclaram negros, quatro pardos, três brancos e um vermelho (indígena). Registra-se que é comum o jovem ter dúvida no preenchimento dessa informação, recorrendo ao colega mais próximo ou perguntando alguém que está próximo.

Sobre os locais de residência, 12 são oriundos de bairros pobres de Belo Horizonte e três de cidades da RMBH (Contagem, Vespasiano e Ribeirão das Neves).

Segundo os jovens, seus pais possuem ensino básico e, entre eles, três trabalham como pedreiros no subsetor de edificações, em nanoempreendimentos ou por conta própria.

As identidades dos pesquisados foram mantidas em sigilo, optando-se por utilizar nomes fictícios para representá-los. O QUADRO 1 a seguir apresenta dados dos pesquisados (APÊNDICE D):

QUADRO 1 - Informações sobre os participantes da pesquisa

Nome	Idade	Escolaridade	Região onde mora	Renda *per capita*
Rafael	18	2º ano	Norte/BH	R$ 137,78
Vinicius	15	7ª série	Leste/BH	R$ 233,20
Luiz	16	9ª série	Nordeste/BH	R$ 185,00
Cleiton	16	2º ano	Contagem	R$ 280,00
Samuel	16	1º ano	Norte/BH	R$ 405,36
Jean	16	9ª série	Norte/BH	R$ 428,53
Diogo	16	1º ano	Norte/BH	R$ 153,55
Alexandre	17	1º ano	Norte/BH	R$ 290,80
Lucas	16	7ª série	Nordeste/BH	R$ 337,14
Vitor	16	1º ano	Vespasiano	R$ 125,00
João	17	2º ano	Norte/BH	R$ 496,04
Daniel	18	3º ano	Norte/BH	R$ 856,26
Frederico	17	1º ano	Vespasiano	R$ 457,14
Farley	15	EJA Fundamental	Ribeirão das Neves	R$ 469,00

Fonte: elaborado pela autora.

Foi apresentado a todos os participantes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B) e foram colhidas as autorizações por escrito. Os dados coletados foram registrados por meio de gravações em áudio e, em seguida, transcritos.

1.3 Análise de conteúdo

Dado o campo de investigação, considerando as possibilidades de produção de dados que envolvem dimensões subjetivas e sociais, por meio do questionário, das entrevistas, do grupo focal e dos elementos de dimensão histórica e de documentos que marcam as interseções entre juventude e trabalho no canteiro de obras, tem-se a análise do conteúdo como perspectiva analítica possível aos dados coletados pela investigação proposta.

Na análise do conteúdo os dados são tomados como um conjunto de mensagens que revelam conteúdos e indicadores referentes às condições de produção, seguindo a análise de conteúdo (BARDIN, 2011). Optou-se pela categorização como etapa da análise de conteúdo, para procedimento de enumeração e classificação das ocorrências conforme os temas que emergiram nas falas dos grupos focais. Trata-se da melhor compreensão do discurso, de aprofundar suas características e extrair os momentos mais importantes. Dessa forma, foi possível perceber como os participantes se colocaram frente à temática da pesquisa.

A análise tem a finalidade de explorar diferentes representações sobre o assunto em questão e não simplesmente contar as expressões dos sujeitos de pesquisa. A análise realizada propõe criar conexões entre as diversas fontes de conhecimentos aqui utilizadas

(material bibliográfico, entrevistas e grupos focais), usando um ponto de partida que não se compõe apenas de artigos, livros, entrevistas ou sujeitos isolados, mas de discursos que estão insertos em um cenário social e historicamente construído.

2 OS JOVENS OPERÁRIOS E A CONSTRUÇÃO CIVIL

Ao longo do tempo e em quase todo mundo a construção civil ficou conhecida por contar com mão de obra jovem, pobre, com baixa escolaridade ou mesmo analfabeta, com pouca ou quase nenhuma qualificação e de origem rural. Para esses jovens, a construção civil e seus canteiros de obras, onde predominam os trabalhos duros e arriscados, constituíam uma porta de entrada para o mundo do trabalho, para o mundo urbano, para a inserção e a mobilidade social.

Segundo Méndez (2013), alguns postos de trabalho, entre eles os de ajudante ou de servente da construção civil, servem de porta de entrada para os jovens nos canteiros de obras, caracterizando ocupações típicas da população jovem e pobre. Tão logo eles adquirem idade e experiência, tendem a migrar para outros postos de trabalho e abrir espaço para renovar a força de trabalho jovem.

E, ainda, para alguns jovens, os canteiros de obras eram apenas uma passagem para outros setores produtivos, como a indústria ou os serviços, onde esperavam ser mais bem remunerados, mas, muito especialmente, acrescenta-se, obter trabalhos menos duros e menos arriscados. Para outros, entretanto, os canteiros de obras foram uma "escolha" definitiva ou para toda a vida (COCKELL; PERTICARRI, 2010).

Os últimos, depois de alguns meses mergulhados nos trabalhos como serventes ou ajudantes, passavam a meio oficial de pedreiro, de carpinteiro ou de armador, por exemplo, até serem, com o tempo e muito trabalho, qualificados como oficiais. Entre estes, alguns se destacavam alcançando os postos de encarregado e de mestre de obras depois de 15 anos ou mais de trabalho. A construção civil tornava-se a sua escola (COSTA; TOMASI, 2009) e os canteiros de obras as salas de aula e laboratórios onde adquiriam saberes, construíam conhecimentos e se qualificavam. Olhares atentos aos gestos dos colegas, às entrecortadas mensagens e ordens que organizam os trabalhos de canteiros, eles ensaiavam mentalmente seus próprios gestos à espera da oportunidade de executá-los. Eles conduzem, assim, a sua própria formação profissional, qualificam-se no embate com os empregadores e constroem, para toda a vida, uma carreira profissional na construção civil, conforme relata Naville (1956). Ou seja, para além do conteúdo do trabalho (FRIEDMANN, 1946, 1950), a qualificação se constrói, sobretudo, nas negociações tensas entre capital e trabalho.

As relações de trabalho, a formação e a qualificação profissional dos operários da construção civil aconteciam, portanto, num contexto muito específico do setor (TOMASI, 1999) e conhecido da academia. Enquanto o mundo da produção e do trabalho assistia às revoluções industriais, revigoradas no início do século XX com o surgimento do taylorismo e décadas depois com o desenvolvimento dos novos sistemas de produção, também conhecidos por neotayloristas, ou seja, a mais perfeita tradução até então vista da expropriação do controle do processo de trabalho, da autonomia do trabalhador e de seus saberes, que os acompanhavam geração após geração, a construção civil parecia alheia a todos esses acontecimentos, como que protegida pelo seu modo artesanal de fabricação. E protegida de todos esses acontecimentos ela consumia a força de trabalho de jovens pobres, analfabetos ou quase, vindos dos campos ou dos mais distantes rincões do país ou do estrangeiro.

Esse quadro, entretanto, que retrata uma construção civil bastante artesanal ou tradicional, como a ela se referem alguns, parece ter mudado. Tal mudança se dá, ainda que tardiamente, em ressonância às novas configurações econômicas mundiais a partir dos anos 1970 (choque do petróleo, predomínio do capital financeiro em detrimento do capital industrial, globalização da economia e aumento da competitividade), que passam a exigir do mundo do trabalho e da produção rapidez, redução de custos e qualidade. Na construção civil, as exigências se fazem sentir mais intensamente no final do século XX e são traduzidas nos canteiros de obras pela transferência do controle do processo de trabalho do operário para a empresa (gestores das obras) e pela utilização de sistemas de produção semelhantes aos utilizados pelo restante da indústria, capazes de assegurar mais controle da obra como um todo (estoque, produção, tempo, homens, etc.) (TOMASI, 1999). Essa transferência, na verdade já vinha ocorrendo nos demais setores produtivos desde a Revolução Industrial, quando artesãos deixaram suas oficinas para integrar coletivos de trabalho submetidos a um mesmo capital (BRAVERMAN, 1974). Isso se deu de forma mais intensa no início do século XX com o taylorismo e a partir dos anos 1970 com o choque do petróleo e as implicações decorrentes, entre elas o surgimento de novos sistemas de produção.

A construção civil, limitada por suas especificidades e heterogeneidade, procura seguir os mesmos passos do restante dos setores produtivos num movimento entendido como de industrialização (TOMASI, 1999). Não se trata, contudo, de tarefa fácil. No Brasil, características quase que universais da construção civil, muito especialmente no que diz respeito à mão de obra e ao seu modo de gestão, são acentuadas e, como será exposto a

seguir, podem representar obstáculos à industrialização, pelo menos nos moldes dos demais setores produtivos.

A construção civil se divide nos subsetores materiais de construção, edificações, construção pesada (DEPARTAMENTO DA INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO DECONCIC, 2008) ou de edificações, construção pesada, montagem industrial (SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO À MICRO E À PEQUENA EMPRESA MINAS GERAIS - SEBRAE-MG, 2005), segundo esses órgãos. Entre os referidos setores, o de edificações destaca-se pelo trabalho operário marcado pela informalidade e pela instabilidade. A informalidade, pelo seu elevado contingente de trabalhadores independentes e de assalariados não registrados; e a (alta) instabilidade, pela elevada rotatividade da mão de obra e o caráter cíclico da atividade em resposta a demandas específicas para cada etapa da obra. Devido a esta última característica, o trabalhador do setor é vulgarmente conhecido como “peão”, ou seja, aquele que roda, como ressalta Costa (2011).

Ainda segundo Costa (2011), há muitas décadas o setor funciona com formas precárias de trabalho, formas ilegais de contratação, nas quais as fronteiras entre o formal e o informal se revelam fluidas. A flexibilização dos contratos e a precarização do trabalho estão, também, presentes na gestão do trabalho desse setor, onde predomina trabalhadores com menos qualificação formal e com baixos salários, reforçando a vulnerabilidade a que estão submetidos.

Para Cockell e Perticarrari (2010), a precarização dos contratos de trabalho pode ser fundamentada historicamente pela falta de proteção ou regulamentação efetiva do Estado, como pelas condições reais de trabalho (ambiente de trabalho com estrutura em péssimas condições, exposição a riscos ocupacionais, precariedade de equipamentos de proteção individual e coletivo, contratos verbais e longas horas de trabalho). Para os autores, os operários da construção civil vivenciam no cotidiano práticas danosas, socialmente reconhecidas ora institucionalizadas como inerente ao próprio setor.

Nas contratações, a maioria dos trabalhadores da construção recebe pelas horas trabalhadas ou trabalha por tarefa - conhecidos também como tarefeiros. Os tarefeiros são pessoas autônomas registradas como pessoas físicas que contratam trabalhadores para obras, sem vínculo. Apresentam assim pouca expressividade na contribuição de resolução de velhos problemas conhecidos do setor: a falta de mão de obra e a baixa qualificação dessa mesma mão de obra (COCKELL; PERTICARRARI, 2010).

Segundo pesquisa realizada pela Fundação Getúlio Vargas, mesmo diante de mudanças importantes ocorridas na construção civil nas últimas décadas, a oferta de mão de

obra se apresenta, ainda, como obstáculo, tanto em termos quantitativos como qualitativos. De acordo com Neri (2011, p. 7):

> Apesar de a construção ter se alinhado com novas tendências trabalhistas aumentando a escolaridade dos seus trabalhadores, reduzindo a ocupação precoce e a informalidade, há aumento da escassez trabalhista *vis-à-vis* os demais setores.

Para Costa e Tomasi (2009), a falta de mão de obra qualificada é uma queixa recorrente e não recente na construção civil. E, ainda, na concepção de Neri (2011), referindo-se aos anos recentes que registraram crescimento do setor, a mão de obra, seja ela qualificada ou não, tem sido barreira para a expansão do setor da construção civil. Por isso, tem-se utilizado o termo "apagão da mão de obra".

No ano de 2009, 7,9% das pessoas ocupadas no Brasil eram trabalhadores da construção civil, sendo ainda predominantemente masculinos, ou seja, 97,2%. Estes números tratam do conjunto dos trabalhadores e não apenas dos operários (NERI, 2011). No que se refere ao nosso território de estudo, o setor absorveu 8,5% das inserções ocupacionais na região Metropolitana de Belo Horizonte (DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS - DIEESE, 2012).

Conforme dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS, 2014), a construção civil é um dos setores produtivos que apresentaram as maiores quedas no número total de empregos formais, isto é, queda de 76,9 mil postos de trabalho, o que representa declínio de 2,6%. Esse desempenho negativo do setor pode ser explicado pela queda do emprego formal nas atividades de: construção de edifícios (com menos 13.564 postos de trabalho), construção de obras de artes especiais (4.555) e de montagem de instalações industriais e de estruturas metálicas (-3.723).

É importante registrar que o ciclo econômico brasileiro que favoreceu a construção civil nos últimos anos dá mostras de esgotamento com as dificuldades econômicas que marcaram o ano de 2015 e 2016 e que foram acompanhadas por aumento dos índices de desemprego com implicações para os operários deste e de outros setores, entre eles os mais jovens à procura do primeiro emprego.

Os setores que reduziram o nível de emprego formal foram a indústria de transformação, que desativou 13,1 mil postos (-1,53%), a construção civil, que eliminou 12,7 mil postos de trabalho (-3,72%), a administração pública, que suprimiu 6,3 mil postos de trabalho (-0,71%) e a agropecuária, que perdeu 2,8 mil postos (-1,08%) (RAIS, 2014).

Diante das novas condições e exigências impostas pelo mercado, os canteiros de obras passam a demandar trabalhadores mais adaptados ou adaptáveis aos novos sistemas de produção. Para que o operário da construção possa compreender e atender a esses novos sistemas e às novas normas técnicas que as acompanham, é exigido dele maior nível de escolaridade. Ele precisa saber ler, escrever, interpretar textos, realizar cálculos e, por vezes, interagir com novas tecnologias, equipamentos e, em alguns casos, com sistemas informatizados para executar o trabalho que lhe é prescrito. Essas exigências vão muito além das predominantemente manuais dele exigidas há pouco tempo atrás. Segundo Kuenzer (1989), o trabalhador se depara com questões práticas no cotidiano de trabalho que precisa mobilizar e articular os saberes. Além disso, os outros saberes adquiridos e conhecimentos construídos nas novas situações de trabalho, sobretudo nas grandes empresas da construção, constituirão uma nova qualificação dos trabalhadores, agora descolada do controle do processo de trabalho que outrora dela fazia parte (TOMASI, 1999). Essa nova qualificação, assim como tradicionalmente ocorre no setor, continua sendo predominantemente construída no interior dos canteiros de obras e na situação de trabalho, ainda que iniciativas de formação profissional fora dos canteiros se mostrem cada vez mais frequentes e mais observadas entre os operários (TOMASI; FERREIRA, 2013).

A demanda da construção civil de operários mais escolarizados não constitui, aparentemente, um problema para o setor do ponto de vista do recrutamento e da seleção de novos trabalhadores, visto que, nos últimos 100 anos, observa-se aumento em todo o mundo da escolaridade da população em geral, incluindo o operariado e, entre estes últimos, os operários da construção civil. Essa tem sido a realidade, inclusive dos jovens, que nos últimos anos tiveram as suas oportunidades escolares aumentadas, conforme será apresentado adiante.

A juventude pobre, comumente associada ao trabalho na construção civil, que é a que nos interessa neste estudo, parece ter construído rotas de fugas em relação ao destino operário e ao pouco reconhecimento e prestígio social. Pode ser neste sentido, também, que o investimento em estudo e cursos profissionalizantes atraia os mesmos jovens (POCHMANN, 2005).

As questões relativas ao trabalho estão entre os principais interesses dos jovens, tanto os que trabalham quanto os que estão à procura de ocupação. Isso porque o ingresso no mundo do trabalho constitui-se, tradicionalmente, em um dos principais marcos da passagem da condição juvenil para a vida adulta. Na verdade, trabalho é assunto atraente para a

população jovem, independentemente da classe social ou do seu nível de escolaridade (SPOSITO, 2003).

Para além de ser visto como interesse, o trabalho também é uma preocupação, especialmente no que diz respeito à falta dele, tornando-se problema a ser enfrentado pelos jovens, fazendo com que o mundo do trabalho se mostre de maneira assustadora.

Registre-se, ainda, que os índices de desemprego mais otimistas no Brasil e no mundo têm mostrado com muita clareza que os jovens, em princípio os que interessam à construção civil para renovar a sua força de trabalho, têm os índices mais elevados de desemprego (POCHMANN, 1998). Em outras palavras, o primeiro emprego é sempre um grande desafio para o jovem.

O mercado brasileiro, reforçando o que foi dito anteriormente, possui baixa capacidade de gerar postos de trabalho[1] para o total da população que nele pretende ingressar, bem como de manter o jovem empregado por muito tempo. A cada 100 jovens que ingressaram no mercado de trabalho, somente 45 encontraram algum tipo de ocupação, enquanto 55 ficaram desempregados, conforme estudo de Pochmann (2007). Esse quadro de desemprego, completa o estudo, agrava-se quando se trata de jovens negros e/ou de jovens oriundos de famílias com baixa renda familiar.

A escolaridade exerce, também, importante papel para se entender a relação da juventude com o trabalho na construção civil. A falta de força de trabalho no setor, que para Neri (2011) é denominado "apagão da mão de obra", pode estar acontecendo porque os mais escolarizados não querem os trabalhos pesados e mal-remunerados da construção civil[2]. Os que aceitam os trabalhos de canteiros de obras podem ser os que de alguma forma foram malsucedidos na escola. Aliás, como assinala Dubet (1992) sobre o jovem francês, o fracasso escolar é o ponto de partida para o jovem tornar-se operário, o que pode não ser muito diferente do que ocorre entre os nossos jovens.

Vale a pena, ainda, lembrar a clássica obra de Bourdieu e Passeron (1992) "A reprodução: elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino", que aborda a íntima relação entre escola e desigualdade social. Ela aborda essa relação a partir de uma perspectiva cultural e exterior à escola e nesta desempenha papel de destaque na reprodução das desigualdades sociais.

---

[1]Esta parece ter sido a tendência do mercado brasileiro, excetuando-se alguns períodos como o vivido no segundo mandato do governo Lula e primeiro mandato do governo seguinte.

[2]"Isso explica por que, em alguns canteiros, mestres de obras mais experientes recebem salários mais altos do que os dos próprios engenheiros" (GIOIELLI, 2011, p. 1).

Destaca-se que há diferenças entre escolaridade e qualificação. Trabalhadores escolarizados não são necessariamente qualificados, e vice-versa. Assim, pode-se acreditar que, pelo menos num primeiro momento, a simples melhoria dos níveis de escolaridade da população não atende à construção civil, que precisa de mais do que isso, precisa de mão de obra qualificada. Um olhar mais atento mostra que se a escolaridade mais elevada do operariado não atende de pronto à construção civil, em médio e longo prazo isso acontece porque, segundo a literatura, quanto maior o nível de escolaridade do trabalhador, mais rapidamente ele se qualifica. Isso significa dizer que para formar um pedreiro ou um mestre de obras pode ser necessário menos tempo (TOMASI, 1999). Logo, se a construção civil precisa de trabalhadores mais escolarizados, ela os tem à disposição. Se precisa de trabalhadores qualificados, ela pode qualificá-los mais rapidamente.

E se os canteiros de obras eram apenas uma porta aberta aos mais pobres, aos desvalidos da sorte, retirantes à procura de trabalho e de melhores condições de vida, ele seria hoje um espaço de trabalho como tantos outros dos demais setores produtivos, como reconhece Tomasi (1999). Os canteiros de obras são, agora, uma porta aberta aos jovens urbanos, mesmo porque o fenômeno da migração rural faz parte do passado[3], uma porta aberta aos mais escolarizados e interessados em construir uma carreira profissional na construção civil.

A partir do final do século passado, a construção civil, inclusive a brasileira, começou a identificar um problema, qual seja, o do envelhecimento da sua mão de obra (TOMASI, 1999). A princípio, o envelhecimento da mão de obra da construção pode ser entendido como uma recusa dos jovens a integrar os coletivos de trabalho destinados aos canteiros de obras da construção civil. Mas o que os levaria a essa recusa? Ou, abordando de outra forma o problema, o interesse dos jovens pode ter se deslocado para trabalhos em outros setores produtivos mais atraentes?

Segundo Neri (2011), em 2009 o total de jovens empregados na construção civil era de 28%, percentual abaixo dos demais setores, que é de 31%. Dessa maneira, a construção tem se tornado um setor cada vez "menos jovem", tendo em vista que, em 1996, 34,2% de seus trabalhadores tinham idade entre 15 e 29 anos. A proporção de jovens trabalhadores vem caindo mais na construção em relação aos demais setores.

O autor afirma, ainda, que esse setor emprega pessoas que começaram a trabalhar

[3]Segundo Neri (2011), tal fato pode acontecer devido ao aumento, nos últimos anos, das políticas de transferência de renda, que têm abarcado pessoas que antes não tinham opções e se inseriam nos canteiros de obras em busca de trabalhos.

muito cedo. Ou seja, a construção é o setor que mais emprega pessoas que iniciaram precocemente na carreira trabalhista. Em1996, o percentual de pessoas que começaram a trabalhar com até 14 anos de idade na construção civil era de 71% e em 2009 observou-se redução no número de trabalhadores precoces para 58,7%. Há que se considerar, também, que a legislação atual impede o trabalho de pessoas com menos de 16 anos e isso pode ter contribuído para a redução (BRASIL, 1990).

Outros fatores podem contribuir para o envelhecimento da mão de obra do setor[4]. O aumento do tempo de vida da população pode explicar a presença de trabalhadores mais velhos no trabalho e na medida em que conhecem bem as tarefas que exercem eles podem ser preferidos pelas empresas no lugar de jovens.

Semelhantemente, a necessidade dos mais velhos de trabalhar para ajudar as famílias, especialmente em países mais pobres ou vivendo altos índices de desemprego, pode, também, explicar sua presença nos canteiros de obras.

Além do mais, o envelhecimento da mão de obra pode estar, sim, associado ao desinteresse dos jovens pelos trabalhos de canteiros de obras, o que obrigaria os construtores a manter por mais tempo os trabalhadores mais velhos nos canteiros de obras.

Na verdade, os jovens podem se defrontar com duas situações. Na primeira, muito embora o setor da construção civil passe pelas mudanças aqui lembradas, os trabalhos duros, arriscados e insalubres persistem, muito especialmente nas pequenas construções, que é de interesse deste estudo.

A respeito disso, Neri (2011) afirma que na construção civil tem sido forte a presença de nanoempresários, que inclui os trabalhadores por conta própria e empregadores no qual há carência de políticas públicas de apoio e fomento.

Costa e Cockell (2014), em estudo com profissionais que já estão no canteiro de obras, verificaram que se tornar um profissional da construção não desperta o interesse da maioria deles. As exigências relativas à manipulação de equipamentos pesados e de materiais tais como cimento e areia, além da exposição à inclemência do tempo, de extensas jornadas de trabalho, de risco de acidentes de trabalho e rudeza do trabalho, são fatores que parecem tornar a procura pela carreira na construção civil algo não desejado.

[4] Segundos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2016), a expectativa de vida do brasileiro tem aumentado. Em 1900, a expectativa de vida era de 33,7 anos e em 2014 atingiu a média de 75,4 anos. Tal fato pode ser explicado devido às mudanças ocorridas no território brasileiro como resultado das transformações econômicas, demográficas, políticas e ambientas nas últimas décadas.

Além da exigência física, o setor da construção civil, segundo Barros e Mendes (2001), demanda de seus trabalhadores disposição mental para estarem atentos aos processos de trabalho, com o intuito de evitar erros que colocariam em risco tanto sua vida quanto a de outras pessoas. O imperativo para a realização de trabalhos com nível de excelência exige dos trabalhadores refazer atividades mal-realizadas, sob o risco de serem dispensados. Os trabalhadores convivem, ainda, com a descentralidade das atividades e com a descontinuidade do processo produtivo à medida que cada etapa é designada para uma pessoa ou grupo. Eles raramente participam de todo o processo de construção da obra. Segundo as autoras, esse contexto no qual a insegurança e vulnerabilidade fazem parte acarreta prejuízos para a saúde psicológica dos trabalhadores do setor.

Segundo Costa e Tomasi (2009), a literatura internacional é farta nos registros que indicam que os canteiros de obras não mais despertam o interesse dos jovens. Para esses autores:

> O caráter estigmatizado dos ofícios, os baixos salários, a rudeza dos serviços e o enorme desgaste físico, exigido pelos trabalhos, fazem com que haja uma desmotivação, especialmente por parte dos jovens, em procurar, no setor, uma profissão (COSTA; TOMASI, 2009, p. 8).

Os jovens que escolhem trabalhar na construção civil enfrentam o estigma do trabalho pesado e a pressão social de amigos e familiares que consideram esse trabalho "pouco qualificado para quem concluiu os estudos", como afirmam Costa e Cockell (2014, p. 76).

Diferentemente do que se pode pensar, os trabalhos de canteiros de obras exigem consolidada qualificação, que não é conseguida facilmente nem rapidamente. Em suma, os trabalhos da construção, como os de carpinteiro de forma, pedreiro de acabamento, eletricista, entre outros, são mais complexos do que aparentam ser e sua aprendizagem demanda muito tempo e dedicação (TOMASI, 1999).

Apesar de os trabalhos na construção civil serem considerados serviço "desqualificado" e "atrasado", o setor esconde uma variedade de tarefas complexas, como a utilização de determinados equipamentos de medição, de cálculos, além de procedimentos que exigem longa experiência do trabalhador em identificar pequenas irregularidades invisíveis aos olhos dos inexperientes (COSTA; TOMASI, 2009, p. 8). Assim, o canteiro de obras conserva duplo caráter por preservar atividades simples e, também, por possuir trabalhos complexos e exigentes.

Na segunda situação, o desenvolvimento tecnológico recente, com destaque para o setor da informática, bem como o surgimento de outros setores produtivos decorrentes ou não do desenvolvimento da tecnologia, e o crescente setor de serviços criaram novas oportunidades de trabalho para os jovens. Os serviços de motoboy, por exemplo, ainda que pese o risco que acompanha essa atividade, é uma dessas oportunidades de trabalho (GARDENAL, 2015). Ressalte-se que essa atividade, assim como possivelmente outras deslumbradas pelos jovens, assegura uma autonomia que sempre foi valorizada pelo trabalhador. Essa autonomia favorece a liberdade para gerir o próprio trabalho, como executá-lo e o tempo de execução. Não é muito lembrar que as mudanças na construção civil vão na direção contrária, da perda da autonomia pelo trabalhador. Observa-se, ainda, que muitas dessas novas oportunidades exigem menos qualificação do jovem, qualificação que é entendida, aqui, pelo conteúdo da atividade (FRIEDMANN, 1946), que no caso é um conteúdo menos complexo, demandando menos tempo de formação.

O problema do envelhecimento da mão de obra da construção é, também, de grande responsabilidade do setor. Segundo Gioielli (2011), a baixa capacidade da construção em atrair e reter pessoas agrava a falta de mão de obra para o setor. Como observam Costa e Cockell (2014), a construção civil pouco se preocupou em estabilizar a sua mão de obra, isto é, em rever a gestão do trabalho e melhorar suas condições, principalmente a remuneração, com o intuito de atrair maior contingente de trabalhadores dispostos a investir no oficio.

A construção civil, muito especialmente o subsetor edificações, sempre teve uma relação muito predatória com a sua mão de obra. A rotatividade da mão de obra, uma das mais elevadas entre os setores produtivos e a subcontratação, prática de gestão usual do setor, são exemplos (COSTA, 2010), como já foi assinalado.

Esses e outros fatores, em diferentes medidas, podem contribuir para a redução observada nos canteiros de obras de uma mão de obra jovem. E os jovens, ou mais precisamente a juventude, como será visto mais à frente, se veem e são vistos de forma muito particular, exigindo atenção ao serem abordados. É nesse sentido, na busca de uma resposta mais próxima ou mais justa para o fato, que se pergunta: que fatores explicariam, aos olhos dos próprios jovens, a não procura da construção civil e seus canteiros de obras como espaço de trabalho? Antes, porém, alguns apontamentos sobre a juventude se fazem necessários.

3 JUVENTUDE

Diante da diversidade de conceitos e classificações e da imprecisão da definição do termo juventude, alguns aspectos serão levantados para que se possa aproximar dos diversos significados e das imagens com que a juventude tem sido definida. Alguns aspectos teóricos relacionados ao tema serão comentados, principalmente concernentes ao jovem de camadas populares ou jovens pobres.

Inicialmente será discutido o conceito de juventude e problematizado o cenário no qual os jovens estão inseridos, considerando as multiplicidades de ser jovem na sociedade atual. Serão apresentados, ainda, dados que ajudam a entender a juventude brasileira, em especial os jovens pobres de Belo Horizonte e região metropolitana.

3.1 Juventude(s)

> Da heteronomia infantil à completa autonomia, que a configuração a situação do adulto na sociedade, a juventude é vivida como um processo definido a partir de uma inegável singularidade: é a fase da vida em que se inicia a busca dessa autonomia, marcada tanto pela construção de elementos da identidade como por uma atitude de experimentação (SPOSITO, 2003, p. 89).

O conceito de juventude é amplamente utilizado no cotidiano, mas sua definição mostra-se permeada de imprecisões. A definição de juventude parece óbvia, principalmente porque o termo parece autoexplicativo, e todos têm algo a dizer sobre ela. Entretanto, para alguns autores não é possível conceituá-la de maneira precisa, mas tão somente construir aproximações conceituais. Faz necessário, nesse sentido, fazer distinção entre adolescência e juventude, que aqui será tratada na unicidade e multiplicidades que a envolve.

A adolescência e juventude muitas vezes são tomadas como sinônimos e tratadas como um período de transição entre a infância e a vida adulta. São termos que comumente se associam a um mesmo público, mas etimologicamente há um distanciamento e assumem visões diferenciadas.

Do latim *"Ad"* (para) + *olescere*" (crescer), adolescência no sentido *stricto* significa "crescer para". O étimo adolescência remete à ideia de desenvolvimento, de preparação para o que está por vir (PEREIRA, 2004). Do ponto de vista biológico, a adolescência está relacionada à puberdade, sendo uma categoria institucionalizada, tida como uma fase

natural, universal, inerente ao desenvolvimento humano. Ela representa o período no qual ocorrem significativas alterações qualitativas na estrutura do pensamento e na composição corporal (novos contornos do corpo). Para Groppo (2000), o conceito da adolescência é utilizado principalmente pela Psicologia, Psicanálise e Pedagogia, para explicar as mudanças psicológicas e comportamentais no indivíduo que se torna adulto.

O termo juventude, por sua vez, do latim "*aeoum*", quer dizer "aquele que está em plena força" e engloba outros fatores como aquisição de autonomia, inserção no mercado de trabalho, expectativa de vida e, devido a esses fatores, a definição etária da juventude não se mostra consensual como o termo adolescência (PEREIRA, 2004). A juventude é parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos. Desse modo, questões de classe social, etnia, sexo/gênero, origem familiar e região geográfica perpassam os modos de ser jovens.

Uma das formas de definir a juventude é a partir do recorte etário. No Brasil, até 2005 eram considerados jovens aqueles com idade entre 15 e 24 anos. A partir desse ano têm se utilizado os critérios da Secretaria Nacional da Juventude e do Conselho Nacional da Juventude (CONJUVE), que consideram jovens pessoas com idade entre 15 e 29 anos (SOUZA; PAIVA, 2012). Essa mudança aconteceu devido à maior expectativa de vida para a população em geral e à grande dificuldade da geração em ganhar autonomia em função das transformações no mundo do trabalho (ANDRADE, 2008).

Ainda que para fins de definição de política pública, legislação e pesquisa seja possível adotar recorte etário para determinar quem são os jovens, neste estudo defende-se a concepção do caráter não universal e a-histórico que o termo juventude carrega. Isso porque, embora exista variação no tempo, no espaço ou de uma cultura para outra e até mesmo no interior de uma mesma sociedade, ser jovem não se resume a ter determinada idade, outros aspectos devem ser considerados para que se possa chegar a uma caracterização exata do termo, como autonomia, formas de vida e cultura.

Silva (2008) afirma que ser jovem e as relações juvenis contêm elementos do contexto de ordem cultural, social, político e econômico de cada sociedade.

Assim, diante de toda a complexidade e diversidade que permeiam a juventude, classificá-la levando em consideração apenas o aspecto etário seria um tanto simplório e superficial. Por isso, necessário se faz superar o entendimento de que a juventude é uma etapa de vida marcada apenas pelo fator idade.

Dayrell (2003) afirma que a sociedade atual ressalta muitos atributos ligados à juventude tais como a energia, a estética corporal e a busca do novo, que são valorizados e buscados como modelo ideal em processo denominado de "juvenilização da sociedade".

A juventude e ser jovem aparecem no imaginário social de diversas formas. Uma das maneiras mais enraizadas de se ser ver a juventude é na condição de transitoriedade, desse modo, o jovem é um "vir a ser". Assim, há uma tendência a se enxergar a juventude na sua negatividade, como alguém que ainda não é ou não se tornou algo, negando o presente vivido. Ao jovem resta canalizar suas ações do presente em direção ao futuro, tendo em vista que se encontra no período de passagem para a vida adulta. Consorte a essa ideia há a representação da juventude "vista como um problema", que ganha destaque quando associada ao crescimento dos índices de violência, uso, abuso e comercialização de drogas, gravidez precoce, entre tantas outras situações (DAYRELL, 2003).

Outra imagem é a visão romântica, na qual a juventude se exprime por meio da liberdade, do prazer e da expressão de comportamentos exóticos. Alinha-se a essa ideia a noção de moratória como um tempo de ensaios e erros, para experimentações, e marcado por hedonismo e irresponsabilidade. Esteves e Abramovay (2007) afirmam que essa visão da juventude é dualista e maniqueísta, porque os jovens são considerados "futuro", responsáveis pelo que virá, mas ao mesmo tempo são acusados de serem irresponsáveis no presente. A juventude passa a ser vista como possuidora de uma força destruidora ou como fonte de uma poderosa energia transformadora. Por isso, é importante e necessária uma intervenção para conter essa desordem ou para armazenar essa energia em benefício da sociedade.

A juventude também pode ser vista com um momento de crise, uma fase difícil, com predomínios de conflitos tantos internos (autoestima e personalidade) como externos (crise e distanciamento da família):

> Considerar as diversas imagens e olhares sobre a juventude significa não só romper com "critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social (DAYRELL, 2003, p. 42).

Existem algumas características comuns à juventude, independentemente de suas condições objetivas de existência: "a procura pelo novo; a busca de respostas para situações e contextos antes desconhecidos; o jogo com o sonho e a esperança; a incerteza diante dos desafios que lhe são colocados ou inspirados pelo mundo adulto, etc." (ESTEVES; ABRAMOVAY, 2007, p. 27). Mas existem, também, muitas diferenças entre os jovens e, por isso, esses autores afirmam que não existe uma *juventude*, mas sim *juventudes*.

As formas de inserção social dos jovens são múltiplas, sendo orientadas pelo lugar ocupado por eles em determinada formação social, o que vai particularizar as vivências da juventude.

Assim, a juventude não pode ser entendida apenas como aspectos uniformes e homogêneos, mas como uma pluralidade de sentidos e perspectivas, utilizada na sua forma gramatical no plural, juventudes, em função das diversas formas que a norteia, tais como: classe, situação econômica, cultural, etc. Souza e Paiva (2012) afirmam que o tema juventude não pode ser tratado de modo universal por acreditarem que não existe uma concepção única que caracterize e delimite o grupo geracional no qual estão inseridos os jovens e por ser tratar de uma categoria em processo de construção contínua, social e histórica.

Dessa forma, deve-se admitir que há diversos modos de vivenciar a juventude e de ser jovem. Essa diversidade acontece nos grupos, no recorte sociocultural, nas diferenças de classe, de gênero, etc. que permitem aos indivíduos reinterpretar, à sua maneira, o que "é ser jovem", diferenciando-se de outras juventudes.

Entendendo, assim, que existem diferentes concepções, visões, conceitos e preconceitos em torno do termo juventude, conclui-se que não existe apenas uma juventude ou uma maneira de ser e viver esse tempo da vida.

3.2 Alguns indicadores da população jovem brasileira

Para esboçar uma primeira ideia sobre o jovem que compõe o Brasil faz-se necessário caracterizar a juventude brasileira. Neste estudo faz-se a caracterização tomando como referência trabalhos que foram realizados a partir dos anos 2000.

No início deste século, metade da população brasileira era constituída por crianças e jovens com idade até 25 anos; aproximadamente 80% da população estão concentrados nos centros urbanos; metade da dos jovens estudantes tem alguma defasagem de série e idade (atraso escolar) e 43% vivem com renda mensal familiar de dois salários mínimos (ABRAMO, 2005; SPOSITO, 2003). A distribuição de jovens no que se refere ao sexo é relativamente equilibrada, com leve predomínio do sexo feminino, que representa 50,5% dessa população (CORROCHANO *et al*., 2008).

Os dados da situação escolar dos jovens revelam aumento de oportunidades escolares a partir de 1990. Desde então, a escolaridade média tem evoluído positivamente. A média de escolaridade para os jovens com idade entre 15 e 24 subiu 1,5 ano em estudo comparado entre o ano de 1995 e 2005 (ABRAMO, 2005). Leão (2006) documenta que os jovens têm tido acesso a um nível educacional bem superior ao de seus pais. Essa variação tem a ver com a ampliação do acesso à educação pública que tem favorecido as novas gerações[5]. Percebe-se que a trajetória escolar das jovens é mais longa do que a dos rapazes, e elas também parecem menos sujeitas às distorções série-idade.

Segundo os dados de Corrochano *et al.* (2008), os jovens com idade entre 14 e 15 anos, em sua maioria, dedicam o seu tempo exclusivamente aos estudos, e reduzida parcela conjuga o estudo com o trabalho. Na faixa dos 16 aos 17 anos, menos da metade dos jovens se ocupa unicamente dos estudos e 24,5% conciliam os estudos com o trabalho. Na faixa seguinte, dos 18 aos 21 anos, a porcentagem de jovens que estudam decai, representando apenas 39,4%. A idade de 18 anos aparece como um marco para o afastamento da escola, quer seja por conclusão do ensino médio ou por abandono escolar.

Corrochano *et al.* (2008) afirmam que quantitativamente houve ampliação de acesso à educação formal e da permanência dos jovens na escola, mas ainda persistem trajetórias escolares marcadas por intermitentes reprovações e evasões.

O avanço na escolaridade, para Pochmann (1998), não foi acompanhado por elevação no nível de emprego. Os jovens têm dedicado mais tempo à formação profissional, como antídoto ao agravamento do desemprego. O estudo de Tomas (2007) informa que a idade média da primeira ocupação tem se elevado ao longo do tempo. No período de 1968 a 1979 a média de idade de ingresso no mercado de trabalho era de 13,39 anos e no período de 1990 a 1996 esse número aumentou para 21,17 anos.

As questões que perpassam o tema trabalho estão entre os principais interesses dos jovens, tanto para os que trabalham quanto para os que estão à procura de ocupação. O ingresso no mundo do trabalho constitui-se, tradicionalmente, em um dos principais marcos da passagem da condição juvenil para a vida adulta. Por isso, o tema trabalho é assunto

[5] Sposito (2003) e Abramo (2005) chamam a atenção para o fato de que nem sempre a qualidade da escolaridade não tem acompanhado a quantidade de tempo estudado, aludindo às condições de oferta de educação e aos espaços educativos que por vezes apresentam de maneira precária. Dessa forma, o acesso à escola não garante por si uma educação de boa qualidade. Nesse sentido, Frigotto (2005) pondera que é necessário pensar sobre o tipo de escola que é ofertado de acordo com a classe social.

atraente para a população jovem, independentemente da classe social ou de seu grau de escolaridade (POCHMANN, 1998).

Além de ser de seu interesse, é também visto como o seu principal problema, especialmente no que diz respeito à falta dele ou o desemprego, indicando que há consciência e insegurança em relação ao mercado de trabalho (GUIMARÃES, 2005). Esse fato não é de todo estranho, visto o cenário de desemprego ou de poucas oportunidades que a juventude enfrenta.

Sobre as condições trabalhistas dos jovens, tem-se um cenário em que se mostra desfavorável. Quase um terço dos que trabalham enfrenta jornada de mais de oito horas e grande parte dos jovens trabalha de maneira informal. Contribuindo para essa discussão, Dias (2014) destaca as dificuldades que esses sujeitos encontram em conciliar trabalho e escola e ressalta as condições precárias de trabalho e remuneração.

Segundo Pochmann (2007), na história da sociedade capitalista tem sido comum a inserção de crianças no trabalho, não havendo, para muitos, a possibilidade de inatividade. O ingresso no mercado de trabalho inicia em faixas etárias mais precoces e termina somente com a chegada da morte. Contudo, com os movimentos em prol dos direitos trabalhistas e conquistas sociais, foi possível, entre outros, estabelecer limites inferiores e superiores para a entrada e saída do mercado de trabalho.

A respeito disso, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) estabelece que é proibido ao adolescente menor de 16 anos trabalhar, salvo na condição de aprendiz a partir dos 14 anos.

Os avanços das políticas públicas tornaram possível o financiamento da inatividade de crianças e adolescentes, seja pela ampliação do tempo de escolaridade oferecido pela escola pública, seja por outros benefícios, tais como a alimentação e renda, via programas sociais, para garantir que os filhos das classes trabalhadores tivessem acesso ao que era somente possível aos ricos. Com o financiamento da inatividade dos jovens tem sido possível elevar a sua escolaridade e formação profissional, o que interfere nas condições de mercado de trabalho e impacta na sua melhor preparação para o ingresso no mercado de trabalho. Numa sociedade que prioriza o conhecimento, isso pode contribuir de maneira decisiva para a trajetória ocupacional (POCHMANN, 2007).

Apesar dos avanços, no Brasil ainda é possível encontrar desigualdade entre ricos e pobres no que se refere ao mercado de trabalho. Essas diferenças se refletem também nas desigualdades das oportunidades de educação e trabalho entre os jovens. Segundo Pochmann (2007), os jovens ricos acessam mais facilmente o trabalho assalariado e, da mesma forma,

contrato formal de trabalho. Logo, a participação dos jovens pobres é menor em atividades laborativas assalariadas com formalização contratual. Esses jovens, por consequência, acabam excluídos dos benefícios da legislação social e trabalhista.

Ainda que a fase juvenil esteja presente em todas as classes sociais, nota-se que ela não ocorre de forma homogênea em todos. Os modos de ser jovem e de vivenciar a juventude diferem muito. Assim, é importante destacar que o escopo deste estudo são os jovens das camadas populares, da classe trabalhadora ou qualquer outra denominação para designar os jovens pobres.

3.3 Juventude pobre: o jovem da classe trabalhadora

Historicamente, a atividade de trabalho tem sido construída como ferramenta central da vida humana. E quando se trata da juventude pobre, o trabalho tem sido comumente aludido como uma forma de tirar o jovem do ócio e de prevenir a marginalidade.

Para Melo (2015), os jovens pobres podem esperar três possíveis e prováveis "destinos": alguns são capturados pelo crime organizado e redes ilegais de tráfico de drogas, outros são atendidos pelo sistema de assistência social e outros, ainda, se tornam jovens trabalhadores. O autor preleciona, ainda, que a respeito dos jovens trabalhadores há três tipos de experiências: os que procuram inserir-se no mercado de trabalho e ainda não conseguiram, os que já estão inseridos, porém estão em atividades informais ou em situações precárias e os que estão em postos de trabalhos formais com proteção legal e lutam por permanecer e ascender socialmente.

> Os homens de classe operária têm desde cedo necessidade do trabalho de seus filhos. Estas crianças precisam adquirir desde cedo o conhecimento e, sobretudo, o hábito e a tradição do trabalho penoso a que se destinam. Não podem, portanto, perder tempo na escola. [...] os filhos de classe erudita, ao contrário, podem dedicar-se a estudar por muito tempo; têm muita coisa a aprender para alcançar o que se espera deles no futuro (DE TRACY *apud* FRIGOTO, 2005, p. 195).

A citação supracitada evidencia as formas distintas de vivenciar a juventude. Sposito (2003) chama a atenção para tal fato afirmando que "ser jovem pobre e ser jovem rico pode fazer toda a diferença em determinadas situações". Enquanto o jovem rico investe nos estudos e se prepara para cargos privilegiados, os jovens pobres vivem outra realidade e se

inserem no trabalho precário, tanto em termos de condições de trabalho, como em termos de remuneração.

Os filhos da classe trabalhadora sofrem “uma mutilação de direitos elementares” ao longo da história (FRIGOTTO, 2005, p. 211). Nesse sentido, Silva (2008) defende que significativa parte de jovens pobres vive sob condições econômicas e sociais distintas: oportunidades restritas de acesso à educação de qualidade e trabalho, dificuldades na satisfação de demandas e direitos sociais fundamentais (moradia, lazer, saneamento básico, alimentação, saúde, etc.), além de outras questões que podem se fazer presentes em suas vidas, como a segregação socioespacial e a exposição à violência e ao crime organizado, que se estrutura em certas localidades em função do tráfico de armas e de drogas.

A juventude pobre tem sido caracterizada por privações e restrições de oportunidade, num processo em que a exclusão e a inclusão conversam dialeticamente. Segundo Silva (2008), esse processo foi descrito por Sawaia como inerente ao sistema capitalista, no qual os mais pobres não apenas são alvos de uma exclusão absoluta, mas também estão perversamente incluídos em condições de moradias subumanas, empregos precários, acesso à educação escolar de má qualidade, além da negação de outros direitos sociais.

Para Frigotto (2005), o crescente número de jovens que participam de trabalhos ou atividades de diferentes tipos como forma de ajudar seus pais a compor a renda familiar não se dá por escolha, mas por imposição de uma cultura capitalista, que produz e reproduz desigualdades. Há necessidade real para milhares de jovens de ingressar precocemente na luta pela sobrevivência.

Além disso, os jovens pobres são comumente associados à marginalidade, seguindo uma visão determinista que associa, de maneira imediata e automática, pobreza, criminalidade e juventude. Essa associação torna-se mais crítica quando se trata de jovens negros, indicando que no imaginário social há uma forte relação entre ser negro, pertencer a uma determinada classe social e cometer crimes (FRIGOTTO, 2005).

Apesar da questão étnica não ser o ponto central deste estudo, nesta discussão não se pode desmerecer sua particularidade dentro do universo de jovens pobres em que os negros se encontram em “desvantagem” (FRIGOTTO, 2005, p. 189). Nesse sentido, destaca-se a afirmação de Frigotto (2005):

> O fato de os jovens negros terem piores empregos, pior remuneração e pior escolaridade não pode ser atribuído à sua condição de negros, mas porque, não bastasse o longo processo de escravidão, de quase 400 anos no Brasil, na sua

> "libertação" tiveram como prêmio de alforria os trabalhos mais desqualificados (FRIGOTTO, 2005, p.193).

Segundo as estatísticas, os jovens pobres negros entram precocemente no trabalho. Os jovens pobres brancos, por outro lado, entram mais tarde e sua inserção é mais favorável. Ademais, as desvantagens ainda se dão na qualidade das ocupações e no nível de remuneração da população negra em relação à branca (POCHMANN, 1998).

Frigotto (2005) enfatiza que a questão central para não é de caráter individual, nem de gênero, de cor ou de raça, mas de classe social. Efeito disso é que a inserção precoce no emprego formal ou "trabalho informal", a natureza e as condições de trabalho e a remuneração ou acesso ou não à escola, a qualidade dessa escola e o tempo de escolaridade estão ligados, acima de tudo, à origem social dos jovens.

Segundo Silva Júnior (2011), as classes pobres, sem acesso a uma educação de qualidade, foram empurradas para o mercado de trabalho sem o capital necessário para o reconhecimento de dignidade. Essas classes entram no mercado de trabalho tomando como possibilidade a aquisição de capital econômico para transformá-lo em capital cultural e fonte de prestígio. Dessa forma, os pobres têm suas trajetórias marcadas pelo trabalho precoce, pela evasão escolar e a dificuldade de continuar a escolarização e, ainda, inserem-se em trabalhos precários.

É certo que a concepção desses jovens não se resume ao critério de renda, mas fica evidente que a sua condição econômica, social, cultural e geográfica representa situações de exclusão ou de acesso restrito a direitos e oportunidades que são estabelecidos para toda a sociedade de maneira igualitária no discurso, mas não na prática. Nesse sentido, Abramo (2005) defende que é preciso relativizar e entender as histórias pessoais de cada jovem, uma vez que as desigualdades sociais produzem trajetórias diversas para eles.

Estudos mostram, ainda, que as escolhas de trabalho dos jovens pobres não é uma opção individual, mas é e sempre será influenciada por determinantes sociais, culturais e econômicos (MENDEZ, 2002)

3.3.1 Jovens pobres de Belo Horizonte

Para discorrer sobre a juventude da classe trabalhadora serão utilizadas referências de pesquisas realizadas com jovens pobres de Belo Horizonte a fim de contextualizar o

cenário deste estudo. Por jovens pobres entendem-se aqueles cujas famílias são classificadas pelo IBGE como classe E ou de baixa renda, como são habitualmente chamados, e cuja renda não supera o valor de R$ 1.7600,00 (IBGE, 2016). Esses jovens serão tratados como sendo filhos das classes trabalhadoras ou jovens de camadas populares, como denomina Silva (2008).

A dissertação de Silva (2008) sobre as aspirações e projetos de vida de jovens de camadas populares indica o lugar e o significado que o trabalho ocupa na vida desses sujeitos e como repercute na afirmação ou rejeição de certos anseios e expectativas em relação ao futuro. A pesquisadora destaca, ainda, que o contexto social marcado por exposição à violência e o preconceito social que os jovens enfrentam influenciam nos seus modos de projetar seu futuro e suas escolhas de vida. Apesar disso, grande parte deles descreve o trabalho como algo positivo em suas vidas, ou seja, como oportunidade de experimentação de novas formas de sociabilidade ou fonte de realização pessoal e independência financeira.

A pesquisa de Silva obteve que 40% do grupo estudado declaram nunca terem trabalhado, enquanto 60% já exerciam alguma atividade laborativa, com trabalhos informais ou com prestação de serviços voluntários, em geral com baixa remuneração. Os jovens de camada populares citam o trabalho informal como a melhor opção de ocupação, por ter menor exigência de carga horária/produtividade. Sobre as atividades dos jovens do sexo masculino, a pesquisa salienta a de ajudante de pedreiro, balconista de loja, fiscal de produção, cuidador de animais, babá e doceiro.

Outra pesquisa sobre jovens pobres, desenvolvida por Silva Júnior (2011), informa que eles almejavam, por meio do trabalho, garantir a independência e o aprendizado, mas ao iniciar as atividades laborais reconhecem que sua condição no trabalho é de exploração e preconceito devido ao pertencimento a um *habitus* de classe socialmente considerada pobre.

Nesse sentido, o autor revela que favela e periferia são socialmente representadas de forma negativa em Belo Horizonte e os moradores dessas comunidades sofrem discriminações e preconceitos. Os jovens, então, vivem um não reconhecimento social por morar nessas comunidades.

Acrescenta-se, ainda, a pesquisa realizada por Leão (2006) sobre jovens pobres, na qual eles valorizam a escolaridade e tentam superar a baixa escolaridade dos seus pais, encorajados por suas famílias.

Esta pesquisa constatou ansiedade dos jovens em terminar a educação básica. Mais que isso, para eles o diploma de conclusão do ensino médio funcionaria como a possibilidade de, finalmente, ingressarem no mercado de trabalho. O desejo de prosseguir os estudos em

cursos de formação profissional ou mesmo no ensino superior foi manifestado por todos os jovens das pesquisas que concluíam o ensino médio.

A literatura que trata dos jovens pobres de Belo Horizonte ensina que, para eles, os jovens, a escola e o trabalho são valores fundamentais. Os jovens, de acordo com a literatura, estão mais escolarizados e investem na escola como alternativa de superar a situação de precariedade em que estão inseridos. Depreende-se de tais pesquisas que acreditam numa mobilidade social viabilizada pela educação e almejam um trabalho que possibilite romper com o caráter estigmatizado de "favelado", na esperança de reconhecimento social e conforto material.

4 ANÁLISES

O objetivo do exercício realizado neste trabalho foi construir um conhecimento guiado pela voz dos próprios jovens. O estudo não se propõe a colocar o foco no indivíduo, mas situá-lo em uma trama social mais complexa, envolvendo questões históricas, sociais, econômicas, culturais.

A partir das análises das entrevistas foi possível identificar alguns elementos que conduzem a uma reflexão sobre o trabalho na construção civil. Nessa lógica, foram criados tópicos de forma a organizar e agrupar os conteúdos que giravam em torno de temas similares.

Essas categorias serão abordadas de maneira separada, apenas para fim de compreensão, pois se tem em vista que os núcleos identificados não são elementos por si e fazem parte de um processo de interação e relação mais complexa.

A temática trabalho ganhou destaque nos discursos dos jovens pesquisados e por isso, antes de iniciar as análises dos dados, será feita breve apresentação do trabalho. Percebeu-se que, não diferente do que acontece na sociedade, o trabalho assume centralidade na vida dos jovens. Como já foi dito, existe a necessidade de muitos jovens pobres de trabalhar e que essas inserções precoces, apesar de satisfazerem suas necessidades econômicas, nem sempre proporcionam a realização pessoal. Além do trabalho, a família foi mencionada como ponto relevante que perpassa a trajetória de vida e as possibilidades de escolhas profissionais. Apesar de acreditarem que na sua geração há mais possibilidades do que na de seus pais, os jovens, muitas vezes, esbarram no conflito do que eles desejam profissionalmente e o que realmente podem ser. Postos esses grandes núcleos temáticos, tecem-se algumas articulações que expressam o imaginário que os jovens têm sobre o trabalho na construção civil.

4.1 Trabalho

Uma das questões cruciais “que enfrentam as crianças e jovens das classes populares, maioria esmagadora que frequenta a escola pública, é a questão do trabalho” (FRIGOTTO; FRANCO, 2005, p. 7).

O trabalho é considerado instância privilegiada na sociedade. Desde os tempos mais remotos ele é uma atividade fundamental para garantir a sobrevivência de homens e mulheres e para asseverar a organização e o funcionamento societário. O efeito disso tem sido objeto de reflexão por parte de inúmeros pesquisadores localizados em diferentes campos teóricos, como a Economia, a Sociologia, a História, a Filosofia, a Psicologia, entre outros. O trabalho ocupa um dos principais temas-eixos de produção teórica nas ciências humanas e sociais modernas e contemporâneas. Dessa forma, é possível, hoje, encontrar diversas abordagens que retratam concepções e visões sobre a natureza do trabalho (MANFREDI, 2002).

Como atividade exclusivamente humana, o trabalho esteve presente desde os primórdios da existência humana. Representa a intervenção do homem na natureza a fim de adaptá-la à sua existência, uma dimensão ontológica. Ele assume dupla dimensão, a de alterar a natureza e, ao mesmo tempo, a de transformar o ser que trabalha. Assim, o homem modifica os bens da natureza ou os produz para atender às suas necessidades. Essa possibilidade de intervenção no mundo e de produzir objetos de maneira consciente e proposital é que vai diferenciar o animal do homem (BRAVERMAN, 1974; MARX, 1985).

No decorrer da história da humanidade, o trabalho tem se estruturado de maneira peculiar e nas relações capitalistas de produção ganha contornos específicos. Para Braverman (1974), a principal característica da produção capitalista que a distingue dos outros modos de produção é a compra e a venda da força de trabalho.

Para Alves (2009, p. 3), na sociedade capitalista a relação entre o trabalhador assalariado e o capitalista é de troca, uma troca desigual “na qual o comprador ao adquirir a força de trabalho por seu valor tem acesso, pela própria operosidade desta mercadoria especial, a um valor maior que aquele despendido em sua aquisição”.

O processo de trabalho começa com um contrato, um acordo que estabelece as condições da venda da força de trabalho pelo trabalhador e sua compra pelo empregador (BRAVERMAN, 1974). De um lado, o trabalhador faz o contrato de trabalho porque as condições sociais não lhe dão alternativa para ganhar a vida; e, de outro lado, o empregador, que é possuidor do capital, quer, a partir da ação do trabalhador, ampliar seu capital. O trabalhador é expropriado, assim, do processo produtivo.

Desde os primórdios da humanidade o mundo do trabalho se encontra em processo constante de crise e transformações, o que atinge a sociedade e, por conseguinte, os modos de pensar e agir no mundo. Maia, Ravasco e Mancebo (2010) opinam que as constantes mudanças ocorridas no mundo do trabalho - aumento do desemprego, diminuição de

empregos estáveis e assalariados, flexibilização e precarização do trabalho - estão presentes na sociedade e afetam os modos de ser dos sujeitos.

Apesar de todas as transformações pelas quais o mundo do trabalho tem passado, mantém-se sendo referência não só do ponto de vista econômico, mas psicológico, cultural e simbólico. O trabalho é uma das atividades principais de constituição dos sujeitos, do sentimento de pertencimento a um grupo e, por conseguinte, de construção de rede de vínculos, de organização da vida e de onde se encontram suas referências e lugar no mundo. Ele continua, então, sendo uma categoria importante para o sujeito na sociedade, uma importância que se mostra diferente segundo os indivíduos e grupos sociais, bem como segundo os jovens, se de famílias abastadas ou pobres. Estes últimos e o trabalho que desejam ou são obrigados a assumir ainda precocemente em suas vidas serão tratados a seguir.

4.1.1 O trabalho para os jovens

Para documentar e confirmar o motivo do ingresso do jovem pobre no mercado de trabalho, foram reproduzidos alguns trechos das suas falas. Um dado chama a atenção: o jovem atribui o seu sucesso ou insucesso na busca por uma oportunidade de trabalho ao seu esforço pessoal. Ele desconsidera o contexto sociocultural e econômico no qual está inserido, como elementos que podem contribuir ou não para isso.

> Eu acho que tem um número variável, mas devia ter mais porque são muitos jovens que estão à procura de emprego, é a maioria, né? Eu acho que nem todos eles conseguem emprego porque são muitos jovens procurando (Daniel).
>
> Se ele tiver tipo força de vontade pra procura, saber procurar, é fácil. Mas agora se ficar dentro de casa assim, olhando e tipo esperando cair do céu uma oportunidade aí fica difícil, né? (Fagner).
>
> Tipo a pessoa tem que brigar por seu espaço no trabalho, ela tem que correr atrás e sempre está querendo melhorar (Cleiton).

Frente à crise estrutural do desemprego, tem se tornado frequente o discurso de que as crianças pobres devem se preparar para o trabalho remunerado. Os estudos mostram que o trabalho é um dos temas de mais interesse do jovem, e o desemprego sua maior preocupação (POCHMANN, 1998). Os jovens da pesquisa, a maior parte, veem as

oportunidades de inserção no trabalho como possíveis a todos eles, dependendo apenas do esforço de cada um, como visto anteriormente.

Nos discursos dos jovens que dizem querer trabalhar, eles têm que batalhar pela conquista de suas oportunidades e utilizar seus recursos, como a educação e a formação, para inserirem-se no mercado de trabalho. A inserção ocupacional é, para eles, o reconhecimento pelo mercado de trabalho de um dom pessoal seu, não vendo, assim, desigualdade de oportunidades.

> Acho que precisa da capacidade, talvez a capacidade, o esforço dele, tipo assim, porque cada um tem o seu dom de fazer aquele serviço, tem uns que têm um dom pra tipo ficar sentado, ou você tem um dom pra trabalhar ensacando ou você tem o dom pra... Cada um tem seu dom, acho que mais é o dom, se ele tiver o dom pra aquilo, ele vai continuar naquilo (Vitor).

Apesar disso, como será visto em outro tópico, os jovens reconhecem que há diferenças entre as ofertas de trabalho que encontram e as que desejam.

Os jovens pesquisados parecem incorporar a lógica do mercado, que os responsabiliza pelos próprios sucessos ou fracassos. Assim, eles mesmos se culpam ou se glorificam pelos seus trajetos profissionais. De acordo com Frigotto (2005), a ideologia da pedagogia das competências e da empregabilidade enfatiza a interiorização ou subjetivação de que o problema depende de cada um, e não da estrutura social e das relações de poder.

Em outras palavras, o sucesso profissional se dá por meio da dedicação do trabalhador. A principal crença é de que o sucesso depende do esforço individual de cada um. Logo, existe a ideia de que se quiserem muito e correrem atrás do que querem eles, os jovens, serão bem-sucedidos, apesar de todas as dificuldades que o mercado de trabalho possa lhes apresentar.

> Depende do interesse do jovem. [Todos acenam com a cabeça concordando]. Se ele correr atrás eu acho que ele consegue (Grupo Focal).

> Eu acho que tem muita oportunidade de trabalho para os jovens. O jovem que não tem procurado trabalho (João).

No imaginário dos jovens pesquisados, o sucesso é o resultado do esforço pessoal. Isso pode contribuir para que se sintam culpados por um eventual fracasso e, muito certamente, como eles mesmos afirmam, dificultar encontrar um bom trabalho, muito especialmente no caso de fracasso escolar.

> Eu acho que, assim, se você não tem um bom estudo, você não pode arrumar um bom trabalho. É igual eu, eu tomei bomba, aí eu não consigo arrumar um bom trabalho, mas para não ficar sem dinheiro eu comecei a trabalhar como pedreiro (Frederico).

Os problemas relativos à inserção ocupacional são entendidos e justificados pelos jovens como uma incapacidade deles em se esforçar na busca de outras oportunidades socialmente valorizadas. Eles nos parecem mais centrados neles mesmos e nas capacidades e forças que acreditam possuir. Dessa forma, eles não indicam outros fatores que podem contribuir para esses problemas, como, por exemplo, um mercado de trabalho cada vez mais exigente e competitivo, que dificulta o acesso de muitos jovens, principalmente os mais pobres.

> Eu acho que tem muita oportunidade de trabalho para os jovens. O jovem que não consegue é porque não procurou um trabalho. (João)

> Se ele fizer tudo certinho ai ele vai poder arrumar um bom serviço. Aí é com ele. (Frederico)

Observa-se, também, como bem ressalta a literatura, que os jovens pesquisados começaram nas atividades laborativas precocemente. Essa entrada precoce no mercado de trabalho parece estar associada à necessidade de ajudar financeiramente a família, cujos rendimentos, como verificado anteriormente, são parcos. Isso vai ao encontro do que afirmam Corrochano *et al.* (2008), para quem a maior parte dos jovens com idade entre 14 e 17 anos encontra-se em famílias cuja renda é mais baixa do que a dos demais grupos etários. É uma faixa etária vulnerável, uma vez que suas famílias têm poucos recursos para subsidiar os custos da sobrevivência familiar. Depreende-se que quanto mais baixa a renda das famílias dos jovens, mais precoce é a sua entrada nas atividades do trabalho e menores são os níveis de educação[6]. "Trata-se de uma significativa desigualdade nas formas de inserção entre os trabalhadores de maior e menor renda familiar" (CORROCHANO *et al*., 2008, p. 22).

Pode-se confirmar essa constatação com os dados dos jovens que participaram deste trabalho. Quase todos os participantes declararam que a renda *per capita* de suas famílias era menor que o salário mínimo. E quando questionados sobre o início de suas atividades laborativas, eles revelaram que a motivação inicial para o trabalho precoce era conseguir

[6]Apesar desse fato, isso não quer dizer que esses jovens deixam de estudar apenas pela necessidade de trabalhar, uma vez que os motivos para tal abandono podem ser mais complexos.

dinheiro para terem acesso a bens de consumo, tais como roupas, tênis de marca e tudo aquilo que seus familiares não podiam comprar e, ainda, ajudar os pais, reforçando orçamento familiar. Portanto, para os jovens, o trabalho é mais do que um desejo de inserção no mercado de trabalho, é uma necessidade, tanto para sua sobrevivência quanto para a da sua família:

> Por causa da necessidade, que os pais às vezes não podem ajudar, aí eles [os jovens] também procuram também ajudar (Vitor).
>
> Eles [os pais] acham bom o filho que quer trabalhar. Porque se eu tenho dinheiro e quando eles não têm eu ajudo eles (Franklin).
>
> A maioria dos jovens que trabalham são pobres. Basicamente falando, os pobres correm mais atrás do emprego independente de qual for, que trabalhar às vezes para ajudar a família e para ter uma renda porque muitas vez o pai não tem dinheiro para dar (Daniel).
>
> Minha mãe gosta que eu trabalho porque se eu ficar em casa, vou ter que ficar pedindo ela para arrumar dinheiro. Se eu quiser sair eu tenho meu próprio dinheiro, não tenho que ficar pedindo ela (Frederico).

Nota-se, pelo discurso dos jovens pesquisados, que desde cedo eles são direcionados por suas famílias e pelo seu grupo social (colegas, amigos e vizinhos entre outros) para exercerem algum tipo de trabalho. É como se não fosse dado a eles o direito de serem jovens e gozar dessa condição no lazer e em outras atividades lúdicas ou de apenas estudar. Entrar precocemente no mercado pode ser um problema ainda maior pela escassez de emprego, sobretudo em momentos como o atual, que é de crise econômica.

Conforme já foi dito, para Frigotto (2005), o crescente número de jovens que participam de trabalhos ou atividades de diferentes tipos como forma de ajudar seus pais a compor a renda familiar não se dá por escolha, mas por imposição de uma cultura capitalista, que produz e reproduz desigualdades econômicas e sociais. Para ele, então, reafirmando nossas observações, há a necessidade real para muitos jovens de ingressar precocemente na luta pela sobrevivência.

> “Os jovens procuram trabalho para ter o próprio dinheiro. Para ajudar em casa também... Para melhorar a vida” (Vinicius).

Destaca-se ainda que, conforme a legislação brasileira, é proibido o trabalho aos menores de 16 anos, salvo na condição de aprendiz e, no caso, a partir dos 14 anos de idade. Para Corrochano *et al*. (2008), são poucos os jovens que se encontram no mercado de trabalho amparados pela legislação que trata do jovem aprendiz. Logo, depreende-se do que

afirma a autora que é expressivo o contingente de jovens inseridos no mercado de trabalho em situação ilegal.

Segundo Pochmann (2005), há significativas diferenças entre os estratos de renda no conjunto da população, implicando, segundo ele, modos igualmente diferentes de ser jovem. Os filhos dos pobres no Brasil, diferentemente dos filhos das famílias abastadas, encontram-se condenados ao trabalho precoce como uma das poucas condições que lhes permitiriam mobilidade social. Os filhos das famílias mais abastadas, ainda segundo o autor, podem se dar ao luxo da inatividade, de dedicarem-se unicamente aos estudos e de ingressarem tardiamente no mercado de trabalho. Os jovens pobres, todavia, ao ingressarem no trabalho com baixa escolaridade, acabam por ocupar as vagas de baixa remuneração, quase sempre as posicionadas em condições de subordinação no interior da hierarquia no trabalho.

> Enquanto as pessoas que têm uma condição melhor podem escolher outras oportunidades. Quem é rico e tal não quer que o filho fica trabalhando assim não. Já tem mais oportunidades (João).
>
> Agora porque... o filho de rico não trabalha de servente de pedreiro não... porque ele não precisa, porque o pai já dá muita coisa, que nem trabalhar não precisa porque o pai e mãe já dá tudo (Diogo).

Muito embora os jovens percebam isso, eles destacam que as oportunidades de trabalho dependem fortemente do esforço e mérito de cada um. De maneira incipiente, a questão racial é também mencionada por alguns deles como sendo um obstáculo para a inserção no mercado de trabalho.

No contingente de jovens inseridos em situações de precariedade, os negros se apresentam em maior número, sobretudo em empregos sem registro na carteira de trabalho, conforme acentuam Corrochano *et al.* (2008). Para Frigotto (2005), os dados estatísticos relativos à inserção tanto de crianças quanto de jovens no mercado de trabalho revelam uma desvantagem dos negros, tanto na qualidade das ocupações quanto no nível de remuneração.

> Eu já vi gente que não consegue trabalho por ser negro. O negro jovem tem mais dificuldades (Jean).
>
> Tipo, tem vez que a pessoa... pela cor da pessoa, assim... tem discriminação essas coisas, entendeu? Acho que daí leva muito a ter mais dificuldades na área de emprego. [...] Tipo racial, da cor mesmo, essas coisas assim (Farley).

A respeito dos piores empregos e remuneração para os negros, Frigotto (2005, p. 195) afirma que isso não pode ser atribuído exclusivamente à condição de serem negros, uma vez

que após um longo processo de escravidão eles “tiveram como prêmio da alforria os trabalhos mais desqualificados”.

Ele acrescenta, ainda, que:

> Tem ampla penetração no senso comum o sofisma ou a estratégia de deduzir, de alguns exemplos bem-sucedidos de pobres ou de negros que ascenderam socialmente, a tese de que, se houver esforço e vontade, todos poderão conseguir (FRIGOTTO, 2005, p. 195).

É exatamente esse, como assinalado anteriormente, o entendimento predominante dos jovens pesquisados sobre as suas possibilidades de inserção no mercado de trabalho.

Contrariando as questões de cor de pele como um possível obstáculo à inserção dos jovens pesquisados no mercado de trabalho, Frigotto (2005), como já citado anteriormente, afirma que a questão central não é de caráter pessoal, nem de sexo ou cor, mas notadamente de classe social. Para ele, a inserção precoce no emprego formal ou no trabalho informal, as condições de trabalho e a remuneração, entre outras, estão ligadas à origem social dos jovens.

Colaborando com a discussão, Silva Júnior (2011, p. 190) sublinha que os jovens das classes pobres, sem acesso a uma educação de qualidade, “foram empurradas para o mercado de trabalho sem o capital cultural necessário para o reconhecimento de dignidade”. Essas classes entram no mercado de trabalho visando à aquisição de capital econômico para transformá-lo em capital cultural e fonte de prestígio, afirma o autor.

Finalmente, os diferentes modos de a juventude ser vivenciada parecem interferir nas possibilidades de acesso e oportunidades no mercado de trabalho.

4.1.2 Os elementos necessários para a inserção no trabalho

Para os jovens pobres, escola e trabalho são projetos que se superpõem ou poderão sofrer ênfases diversas de acordo com o momento do ciclo de vida e as condições sociais que lhes permitam viver a condição juvenil.

A população juvenil de camadas populares, considerada como desvalida da fortuna, tem sido alvo de políticas de capacitação para o trabalho como alternativa aos problemas considerados advindos da ociosidade, no caso, altos índices de criminalidade (TAVARES, 2012). Logo, as políticas de capacitação para o trabalho não visariam aos jovens pobres ou

seus interesses, mas interesses sociais mais amplos, como o de reduzir os índices de criminalidade.

Da mesma forma, os programas de capacitação ou de qualificação para o trabalho que aparentemente visariam aos jovens pobres, proporcionando-lhes oportunidades efetivas de inserção no trabalho, estariam muito mais voltados para os interesses do mercado do que deles propriamente. Não é difícil imaginar que os cursos oferecidos podem não corresponder à realidade vivida pelos jovens ou ao que desejam para a sua formação profissional.

No que diz respeito à escola ou à escolaridade e não apenas aos cursos de capacitação ou de formação profissional, Kuenzer (1989) adverte que, apesar de todas as críticas e limitações que a escola possui para a classe dominada, ainda assim ela se mostra como condição essencial para seus filhos como única alternativa concreta e possível de acesso ao saber. Os jovens pesquisados não fazem, evidentemente, a crítica que ela faz à escola, mas reforçam o seu entendimento no sentido da importância da escola para eles. Ficar fora da escola, acreditam, significa ficar distante de um futuro melhor e de oportunidades de trabalho:

> Para o menino que não estuda e tal a única coisa que salva aí para ele é... pedreiro, lava jato e sacolão (João).

> Se estudar certinho, se fizer faculdade eles conseguem ter uma boa profissão. Você tem que fazer faculdade para fazer uma carreira melhor. [...] se você tem um bom estudo, você pode pegar um bom serviço aí, você pode receber mais e ganhar muito dinheiro (Frederico).

> [...] alguns deles [jovens] não pensam que mesmo eles parando assim na sétima, oitava série, eles pensam que eles vai conseguir um emprego que vai tipo ganhar, por exemplo, uns dois mil, essas coisas, mas no futuro eles vai se arrepender, porque tipo assim eu conheço umas pessoas aí também que são mais velhas de idade assim, que trabalham já tem um tempão e ganham o que, R$ 900,00, R$ 800,00, entendeu? Então na minha, na minha, no meu pensamento assim se tiver um nível de escolaridade melhor assim é mais fácil de você arranjar um emprego com boa de salário (Farley).

> Hoje em dia a escola tá dando oportunidade, o jovem só não trabalha, assim no estudo, aprender, porque não quer, hoje em dia as escolas tá dando oportunidade demais, principalmente o estudo hoje em dia tá muito mais avançado que antigamente (Vitor).

> Acho que oportunidades todos têm... Eu acho que não depende da escola depende do interesse do aluno, não tem isso a escola é fraco, o ensino é fraco mas sua aprendizagem depende do seu interesse. E tem alunos de escolas boas que não têm rendimento. Eu conheço, por exemplo, alguns alunos que estudam em escola boa, perdem nota no trabalho, os pais dão tudo, não precisam trabalhar e aí você pergunta algo e ele não sabe o que é. Eu acho que depende mais do interesse (Cleiton).

A literatura e a pesquisa realizada levam a crer que a importância que o jovem pobre dá à escola não é a mesma do jovem filho de famílias mais abastadas. Para aquele, a escola é vista como fonte de oportunidade de trabalho, para este como fonte de conhecimento. Tal fato confirma a tese de Frigotto (2005), quando afirma que as diferenças entre os jovens perpassam o pessoal, mas é um problema social.

Muito embora os jovens, pobres ou filhos de famílias abastadas, possam reconhecer na escola uma importância diferente, a literatura ensina que, seja para uns, seja para outros, as ocupações mais valorizadas estão relacionadas aos estudos. Segundo Dugué (2004), por exemplo, vivemos em uma sociedade na qual a dimensão escolar acompanha a pessoa no decorrer da vida (desde a infância até a formação ao longo da vida) e o diploma representa o sucesso escolar, indispensável para a inserção no trabalho. “Primeiro, o estudo, e depois lutar, batalhar também para conseguir ser alguém na vida” (Alexandre).

Para os jovens pobres pesquisados, há uma relação direta e proporcional entre estudo e renda. Ou seja, quando maior o nível de estudo, maior seria a renda, acreditam eles.

> Estudar não significa que você vai ganhar dinheiro. Ajuda. Não significa que vc vai ser rico, né?
> Estudar é uma forma de garantir o futuro. Isso quer dizer que você está pensando lá na frente, vai ter emprego bom, uma renda boa.
> É tipo uma estrutura que o estudo dá, para a gente aprender ali e colocar em prática no futuro.
> Estudar não quer dizer que vai ganhar dinheiro, mas dá uma boa base de conhecimento para correr atrás (Grupo Focal).

Logo, acrescenta-se, ao lado do aumento do poder aquisitivo do trabalhador, a escola, que possibilita a sua ascensão social e permite que ele escape de atividades manuais, socialmente menos valorizadas.

Na fala seguinte infere-se que existe um cuidado por parte do jovem na vinculação de sua imagem a um trabalho que no senso comum é associado à pouca escolarização.

> Eu acho que eles [a sociedade] enxergam assim... Nossa, esse menino está trabalhando assim de servente de pedreiro carregando massa não deve ter estudado. Porque trabalha demais e um servente de pedreiro geralmente é ligado a uma pessoa que não gosta de estudar ou não quis estudar (Jean).

Assim como já registrado, nessa valorização da escola na carreira profissional os jovens parecem esquivar-se das atividades manuais, como é o caso das atividades da construção civil, que carrega o estigma de um “trabalho pesado”.

Lembra-se, aqui, o que ensina Karl Marx [1980]/(1996) ao tratar da clássica divisão entre o trabalho intelectual e o trabalho manual, sendo o primeiro mais valorizado. Mais que isso, ele ressalta que as classes sociais surgem a partir da divisão social do trabalho, *verbis*:

> A separação entre forças intelectuais do processo de trabalho e trabalho manual, e a transformação delas em meios pelos quais o capital sujeita o trabalho, tornam-se efetivas, [...] na grande indústria baseada no maquinismo (MARX, 1996, p. 33).

Depreende-se daí que os jovens pesquisados, assim como todos os jovens pobres, estão inseridos numa luta muito maior do que possivelmente imaginam, que é a da constituição de classes sociais e sua manutenção nelas - no caso deles, de uma classe social subalterna, dominada.

A divisão do trabalho é uma característica do capitalismo que ganhou contornos mais intensos com o trabalho industrial. O trabalho intelectual teria como função organizar o processo de trabalho, enquanto aos trabalhadores manuais (operários) cabe a execução das atividades. Os primeiros são responsáveis por pensar e orientar o trabalho dos outros, o que acabou por conferir-lhe poder. A classe dominante, segundo Marx (1996), apoderou-se do trabalho intelectual e do poder por ele conferido, enquanto à classe dominada, constituída majoritariamente por operários e camponeses, restou o trabalho manual.

Contraria a divisão entre trabalho intelectual e trabalho manual o fato da impossibilidade de se executar um ou outro sem que se faça uso de recursos cognitivos. Kuenzer (1989) alerta que não existe atividade humana da qual se possa excluir toda e qualquer atividade intelectual ou não existe atividade intelectual que não envolva algum tipo de esforço físico ou atividade manual. Para ela, não se pode "separar o *homo faber* do *homo sapiens*" (KUENZER, 1989, p.190).

A sociedade do conhecimento, característica da atualidade, exige, cada vez mais, educação e formação profissional. Já o mercado de trabalho exige dos que nele pretendem entrar mais preparo e uma formação que lhes permitirá não apenas acessá-lo, mas que será necessária ao longo de toda a sua vida profissional.

Apesar dos jovens pesquisados de maneira geral depositarem na escola a esperança de um futuro melhor, alguns deles alegam outras possibilidades de vida, que não estão necessariamente associadas à continuação dos estudos após a formação escolar básica.

> Eu acho assim que, por exemplo, não ter concluído o ensino médio, mas que tem uma ideia assim e vai mexer com *marketing* ou essas paradas assim, aí ele pode conseguir uma boa profissão, tipo assim ser empresário. É tipo... montar seu

> próprio negócio....Por exemplo, o cara tem 20 mil na conta por causa do pai, aí ele pega esses 20 mil e investe e abre um próprio negócio (Samuel).
>
> A faculdade então não é minha prioridade. Minha família tem um pé atrás, tipo assim: vai estudar! Mas eu penso diferente (Jean).

Os investimentos para a inserção no trabalho, segundo os jovens pesquisados, vão além do conteúdo escolar. A realização de cursos de capacitação são para eles um diferencial competitivo de inserção no mercado de trabalho. Contudo, eles declaram que nem sempre é possível participar de cursos de qualificação devido aos altos custos e os que conseguem neles se inscrever interrompem-no devido ao seu alto custo:

> Claro, hoje em dia a gente está em busca disso, aquele que tem mais conhecimento, que acha mais oportunidades, aquele que não tem conhecimento não dá para achar, trabalhar até em carro de lixo eles estão pedindo terceiro grau, terceiro, segundo (Rafael).
>
> Pros jovens que estão iniciando no mercado de trabalho acho que um curso de Informática é a base para você começar (Jean).
>
> Mas é porque muitos não têm a condição de pagar, mais hoje em dia quem se esforçar consegue (Vitor).
>
> É tipo difícil conseguir fazer uns cursos porque as mensalidades... é muito cara (Lucas).
>
> E ainda tem o problema de ter que pagar o transporte (Vinicius).
>
> Outro dia me ofereceram um curso que a mensalidade era 450 reais (Samuel).
>
> Assim, eu já tive oportunidade de fazer de graça, mas como eu teria que pagar a passagem ida e volta toda vez (Diogo).

Em seus relatos, os jovens respondentes sugerem a Informática o Inglês como cursos importantes a serem realizados pelos jovens que desejam ingressar no mercado de trabalho.

> Para qualquer trabalho tem que ter Informática e se tiver Inglês também, melhor ainda, aí o cara sai na frente (Daniel).
>
> Eu penso que o de Inglês também (Cleiton).
>
> O de Inglês também, porque eles exigem demais (Lucas).
> Porque tem muitas empresas que tem preferência por pessoas que falam outras línguas, como Inglês e Espanhol.
>
> Para qualquer trabalho tem que ter Informática e se tiver Inglês também, melhor ainda, aí o cara sai na frente (Daniel).

No entendimento deles, a escola e a capacitação ou a qualificação profissional os preparam melhor para atender às demandas do mercado de trabalho.

4.1.3 A influência familiar na inserção ocupacional

Acompanham-se as mudanças vividas pela família ao longo do tempo, muito especialmente no que diz à sua estrutura, à sua importância para os jovens. A literatura permite afirmar que ela permanece sendo uma forte referência para eles.

Para Colombo e Prati (2014), entre os muitos estudiosos da questão, ela participa da vida dos jovens em vários aspectos, incluindo o seu desenvolvimento biopsicossocial. Graças a ela, envolvendo afetuosa e socialmente o jovem, ele pode desenvolver-se na sua plenitude física, psicológica e social.

A família tem a função socializadora primária da criança, é o primeiro grupo social de que o sujeito faz parte. É responsável por transmitir a cultura da sociedade, os valores, as crenças, os modelos e padrões de comportamentos que acompanharão os jovens durante toda a sua vida. Para Bourdieu e Passeron (1992, p. 131), a família "tem um papel determinante na ordem social, na reprodução, não apenas biológica, mas social, isto é, na reprodução da estrutura do espaço social das relações sociais".

Segundo Soares (2002), ao nascer o filho já é um antigo-futuro dos pais, antigo por estar inserido em um contexto determinado e futuro por já carregar as projeções e frustrações dos pais. Dessa forma, cada filho recebe uma carga de expectativa dos pais, que poderá cumprir ao longo da sua vida.

A família recobre os filhos de afetividade e, também, de preocupações quanto ao seu futuro. Entre essas preocupações destacam-se a educação e a inserção profissional. A preocupação dos pais com o futuro dos filhos vai além das escolhas profissionais, "dá-se em todas as áreas da realização humana. Esperam não só que os filhos sigam uma profissão de nível superior, de *status* social definido, mas também formem uma família, conquiste um bom emprego e, assim, sejam muito felizes" (SOARES, 2002, p. 78). Tomasi e Ferreira (2013) apuraram, em pesquisa por eles realizada, o investimento da família no esforço para assegurar aos seus filhos melhores chances na escola e, por conseguinte, seu futuro profissional.

Na pesquisa aqui tratada, os jovens expõem o poder que suas famílias exercem sobre eles, seja para que se mantenham na escola, seja para que façam escolhas profissionais mais

adequadas, no entendimento deles. Como será visto a seguir, eles reforçam a importância dos pais para os jovens:

> [....] ela [a família] tenta ajudar o filho a não faltar de aula, fazendo de tudo pra que ele não pense em desistir, não desiste, na minha escola é desse jeito, porque eles também obrigam os pais... não obrigam, mas faz com que o pai entenda que o ensino é importante hoje em dia na vida do filho, na minha escola é desse jeito (Jean).
>
> Ela [a mãe] me incentivava, se é meu sonho continua, mas ela não ia aceitar dentro dela, ela podia aceitar por fora, mas eu tenho certeza que ela por dentro dela ela não ia aceitar, não ia querer esse futuro pra mim, nunca quis (Vitor).
>
> Tipo o jovem que tentar seguir uma carreira e a mãe vai fala: não, tenta outra coisa (Diogo).
>
> Tem família que os pais são ignorantes assim, tipo assim o menino não quer fazer inglês aí ele obriga o menino fazer inglês, ser professor de inglês e coloca ele para fazer coisa. Então, tipo que a família pode apoiar ou espantar os desejos dos jovens (Lucas)/

Ter a família como referência não significa abrir mão de iniciativas próprias relativas à sua inserção no trabalho, nem de seus projetos de vida. Observa-se que eles acolhem o apoio de seus pais, muito especialmente no que diz respeito à importância do estudo, e amparados nisso eles procuram um "destino" profissional diferente do deles, na busca de superação de sua condição social (SOARES, 2002). Isso faz com que eles almejem possibilidades ocupacionais distantes dos trabalhos manuais, entre eles o da construção civil, e busquem atividades profissionais de cunho mais intelectual ou que demandem mais alto nível de escolaridade. A esperança de um futuro melhor parece ter raízes no âmago familiar.

> Ela [a mãe] sempre me incentiva, fala pra eu ir pra aula, essas coisas de estudar pra ter um futuro melhor, essas coisas assim (Daniel).
>
> Nóo... a minha família apoia demais (Diogo).
> A minha apoia [todos concordam].
>
> Eu acho que só naqueles lugares mesmo que os pais precisam de ajuda e os filhos trabalham... Tem uns que obrigam, NE, o filho a parar de estudar para ficar trabalhando (Samuel).

A família, no depoimento dos jovens pesquisados, se mostra como um alicerce que os sustentará em suas decisões no mercado de trabalho. Mais que isso, ela mobilizará toda a sua rede de relações para inseri-lo nesse mercado. "Minha mãe sempre falou que trabalhar era importante. Aí ela me incentivou, me ajudou a procurar um trabalho com um cara lá da rua..." (Frederico).

Para além das necessidades econômicas, a família é responsável por mostrar o trabalho como um valor importante e preparar os seus filhos para isso, desde cedo, seja transmitindo-lhes valores que ressaltem a importância do trabalho, seja responsabilizando-os por tarefas que mais tarde encontrarão na vida de trabalhadores, seja encontrando uma ocupação para eles. Por via diferente da descrita por Dubet (1992), o fracasso escolar, os jovens tornam-se operários pelas mãos dos pais.

> Meu pai e minha mãe sentem orgulho porque trabalhando desde pequeno fica mais fácil eu começar a trabalhar depois (Farley).
>
> [...] pois eles achavam que isso [trabalho precoce] era pra eu saber que a vida não é fácil do jeito que os outros acham, que pra conseguir as coisas a gente tem que trabalhar (Vitor).

Os jovens, por sua vez, se veem em condições diferentes dos pais. Consideram-se a *geração das oportunidades*, a que encontra mais de possibilidades.

> Meus pais não tiveram outra opção de estudo para trabalhar. Hoje, os jovens têm mais oportunidades do que os pais. A nossa geração tem muito mais oportunidades (Diogo).
>
> Hoje em dia todos têm oportunidade de estudar e fazer diferente do que o pai e a mãe da gente (Lucas).
>
> Eu sei que o que meu pai trabalha, foi porque a gente que escolhe fazer aquilo é também porque não teve oportunidades quando ele era jovem (Luiz).

Depreende-se, do que dizem os jovens, que os canteiros de obras da construção civil são, atualmente, apenas uma das possibilidades ente tantas outras que eles acreditam ter.

No imaginário deles, eles vivem um "tempo" diferente do tempo dos pais, principalmente no que se refere aos estudos e às possibilidades de inserção profissional.

4.2 O trabalho ideal e o trabalho possível

De acordo com Pochmann (2005), o contexto de crise é responsável pelo maior distanciamento entre o que se espera ser e o que realmente se consegue ser. As escolhas profissionais, apesar da dimensão individual (subjetiva), devem levar em conta, também, as mudanças produtivas e sociais que impactam sobre as possibilidades de carreira (LAMAS *et al*., 2008).

Segundo Lamas et al.(2008), profissões mais valorizadas socialmente são alvo de mais procura e interesse por partes dos jovens. Diferentemente disso, as menos valorizadas socialmente ou estigmatizadas não são escolhas, mas opções de sobrevivência.

É nesse cenário, portanto, que os jovens pesquisados encontram seus postos de trabalho e possibilidades ocupacionais. Eles compartilham o histórico de trabalhos pontuais e informais (embaladores de mercadorias em supermercados, lavadores de carro, vendedores ambulantes e ajudantes na construção civil e em oficina mecânica).

> O meu primeiro trabalho eu tinha uns 13 anos. O que você fazia? Eu vendia DVD, depois eu fiquei parado.
> E se for contar assim, eu trabalhei em três empregos.
> Ah, então era pedreiro. Era? É, eu ficava ajudando na obra da igreja.
> Eu também já trabalhei, eu trabalhava na sorveteria da minha mãe, no bar do meu pai, na obra do meu pai (Grupo Focal).

O setor de comércio (principalmente em supermercados) parece absorver grande parte desses jovens, embora não seja, para eles, o trabalho ideal. Esse tipo de trabalho acaba sendo uma das poucas ofertas que lhes aparecem. É o trabalho que se consegue ter, e não o trabalho que se deseja ter.

> Esse povo que trabalha em sacolão, supermercado, lava jato e nessas obras aí é o seguinte... eles preferem tá trabalhando, pegando pesado do que ficar roubando e matando (Daniel).

> Conheço muitos [jovens] que trabalham no supermercado. Trabalham sábado, feriado, trabalha oito horas por dia. Tipo, na parte do sacolão tem um menino lá na rua que tem 16 anos e fica lá arrumando as frutas, pegando saco de frutas, essas coisas assim (João).

> É, o supermercado é mais fácil, que a gente vê mais jovem trabalhando. [...] Lá tem atividades mais fáceis, porque as pessoas mais jovens seriam capaz de fazer aquilo, tipo levar carrinho, ensacar, esses negócios, trabalhar no estoque (Vitor).

> Eu até aceitaria alguns trabalhos, tipo o do meu vizinho que mexe lá no sacolão. Se a gente [a família] estiver passando dificuldades seria a renda da família. Aí no tempo que tivesse livre iria vê se eu arrumo um emprego melhor. Aí a primeira oportunidade que surgisse eu caía fora (Samuel).
> Na frente, como prioridade, um trabalho digno, ser contratado, trabalhar de carteira assinada e esses negócios assim, para no futuro estar mais tranquilo e se ele não conseguir nessa parte do trabalho ele vai para segunda opção, que é esses trabalhos que têm muito por aí. [Quais trabalhos?]. Ah tipo servente de pedreiro, embalador, carregador de produtos, descarregar caminhão (Cleiton).

Os relatos dos jovens remetem ao pensamento de Barros e Nogueira (2007, p. 11), que destacam que às pessoas que vivem em situação material precária ou residem em espaços desvalorizados e não conseguem trabalho só lhes restam atividades marginais “cuja

contribuição à vida social é desprezada em termos econômico e cultural". A inserção de jovens pobres, acrescentam Corrochano *et al.* (2008), se dá por meio de empregos em condições precárias, baixas remunerações, longas jornadas de trabalho e, em muitos casos, em descumprimento à legislação trabalhista e proteção social

Nota-se na exposição dos jovens pesquisados que, além de se submeterem a condições precárias de trabalho, à informalidade e às atividades que não fazem parte de suas expectativas profissionais, eles podem ainda desenvolvem comportamentos apreciados pelo mercado de trabalho. Não apenas pelo mercado, mas por eles próprios, que valorizam os comportamentos que dizem adquirir no trabalho: obediência, disciplina e seriedade.

Finalmente, tais trabalhos permitem a aquisição de qualificações como as "esperadas pelo espaço de trabalho oportunizado a determinadas camadas sociais que são agregadas à identidade de trabalhador e incorporadas ao eu" (JACQUES, 1996, p.23).

> Aí um patrão pode vê que a gente já tá correndo atrás enquanto é novo, porque quando tiver velho, já sabe o que é serviço, vai saber que a vida não é fácil do jeito que os outros pensa, saber que você tem que correr atrás do seu sonho desde mais novo, pra quando chegar no futuro você ter uma carreira digna pra ser lembrado do que você já fez (Vitor).
>
> E é bom começar cedo para ter noções do trabalho... (Lucas).
>
> É para já saber como é, como funciona o mercado de trabalho (Vinicius).
>
> O patrão quer que o jovem tenha disciplina, educação, tipo cumprir as regras, respeitar e bom comportamento (Frederico).
>
> A gente aprende a ter responsabilidade, atenção e compromisso (Farley).
>
> Serve como boa base de conhecimento para correr atrás (Cleiton).

Além desses comportamentos ou qualificações descritos, Maia, Ravasco e Mancebo (2010) ressaltam que nas configurações societárias atuais é comum o discurso que exalta o desempenho e o ideal de superar-se e vencer, tornar-se competitivo numa corrida para atingir o topo e a excelência. Verifica-se que "o ideal de superar-se e vencer" aparece no discurso dos jovens entrevistados, como se pode constatar em citações anteriores.

No que se refere ao vínculo empregatício dos jovens pesquisados, registra-se que todos os que já desenvolveram atividade laborativa assim o fizeram de maneira informal. Isso reforça as constatações de Corrochano *et al*. (2008), que mostram que quanto menor a idade dos jovens, menor é a chance de terem suas carteiras de trabalho assinadas. Segundo os autores, a população com idade entre 14 e 17 anos é a que mais está sujeita às situações precárias de trabalho.

Corrochano *et al.* (2008) acrescentam que a utilização da força de trabalho jovem tem sido atrativa para o empregador, preocupado, principalmente, com a execução de determinadas atividades laborais. O jovem pobre tem sido preferido como mão de obra por, supostamente, não possuir habilidades de negociação e de reivindicação. Assim, eles aceitariam mais facilmente condições precárias de trabalho e remuneração.

E, se por um lado, são oferecidas aos jovens pobres ocupações informais, nas quais fazem uso da sua vitalidade e da sua necessidade de ganhar dinheiro, por outro lado as suas expectativas de trabalho estão direcionadas para atividades ocupacionais que proporcionem reconhecimento social, complementam os autores. Os jovens pesquisados, por sua vez, confirmam o que eles dizem.

> [...] trabalhar tipo numa empresa bem-sucedida, maior assim, trabalhar tipo em supermercado grande, alguma coisa assim... tipo trabalhar em caixa, ser gerente, alguma coisa assim do tipo (Farley).
>
> Eu quero trabalhar nessa parte tecnológica, na área da Informática, que eu gosto demais. Continuar dedicando bastante nisso. Estudar... Eu acho que é chique trabalhar com isso. É uma coisa mais bacana de fazer (Jean).
>
> Eu quero trabalho regulamentado e acho que todos querem isso. Tipo com carteira assinada e tudo que tenho direito. Um trabalho suave, né? Quero ser alguém na vida... Que minha família orgulhe de mim (João).

E confirmam, ainda, o que dizem Barros e Nogueira (2007), para quem o trabalho pode ser situado no cerne da vida social e pessoal dos sujeitos, definindo-os socialmente, conferindo-lhes reconhecimento e construindo suas identidades. A valorização social atribuída ao trabalho na sociedade capitalista concede ao papel de trabalhador um lugar de destaque entre os outros papéis que o sujeito pode representar, especialmente da importância de se assumir como "trabalhador".

O ingresso no mundo concreto do trabalho recebe atributos de apreço, "reproduzindo o imaginário coletivo de valorização moral ao ser trabalhador" (Jaques, 1996, p.23). Decerto, nas falas dos jovens percebe-se a busca por atividades que conferem *status*, como se pode ver no QUADRO 2 com as ofícios/profissões que os jovens pesquisados consideram mais interessantes para eles.

QUADRO 2 – Ofícios/profissões consideradas pelos jovens pesquisados como mais interessantes (questionário)

Atividades	Número de aparições
Escriturário*	8
Futebolista*	6
Advogado	5
Policial	4
Bombeiro militar	3

* Os entrevistados ressaltam as atividades relacionadas a esses ofícios, no caso, as atividades de escritório e de jogador de futebol.
Fonte: elaborado pela autora

Os jovens pesquisados parecem valorizar, em seus depoimentos, atividades profissionais associadas ao prestígio social e ao poder que, segundo eles, determinados ofícios/ profissões ocupações supostamente teriam. Como se pode ver no QUADRO 2, escritório, identificado como as atividades administrativas do escriturário, foi citado com mais frequência seguido pela atividade do advogado, do policial e do bombeiro militar. Os ofícios/profissões ou atividades lembrados com mais frequência nos questionários pelos pesquisados são compreendidos por eles como de grande contribuição para a sociedade.

Em menor frequência eles mencionam outros ofícios/profissões, todos eles de grande visibilidade social, o que parece reforçar o parecer de Bastos (2005) em seus estudos, para quem os jovens pobres têm poucas possibilidades de discutir de maneira crítica sobre a inserção produtiva. Segundo esses estudos, os jovens restringem suas escolhas a partir de interesses limitados por visões estereotipadas e romantizadas dos ofícios/profissões.

Sobrosa *et al.* (2013) acreditam que o trabalho determina a posição social e interfere nos ciclos de amizades e nos contatos pessoais. Assim, eles realçam a preocupação, por parte dos jovens, em inserir-se numa atividade profissional que possa contribuir efetivamente para a sociedade. No entendimento deles essa preocupação está associada a uma tentativa dos jovens de se inserirem e de pertencerem a determinado lugar social, a um grupo social, a uma rede de relações pessoais. Os jovens buscam, então, um trabalho que lhes proporcione a superação da situação econômica desfavorável, a satisfação pessoal e a valorização social.

De maneira contrária, o acesso a alguma ocupação como *bicos* e atividades que tenham representação negativa perante a sociedade não configuram uma vida laboral socialmente valorizada. No QUADRO 3 reúnem-se as atividades que os jovens pesquisados consideram as menos interessantes.

QUADRO 3 - Ofícios/profissões consideradas pelos jovens pesquisados como menos interessantes (questionário)

Atividades	Número de aparições
Pedreiro	8
Lixeiro	8
Ambulante	4
Gari	4
Servente	3

Fonte: elaborado pela autora.

São rejeitadas pelos jovens pesquisados as atividades ocupacionais relacionadas à pouca escolaridade, à exposição e às intempéries e exigem grandes esforços físicos como, por exemplo, as atividades relacionadas aos trabalhos encontrados nos canteiros de obras da construção civil, entre eles os de pedreiro e de servente, como pode ser notado no QUADRO 3.

Além dessas, aparecem também as atividades de serviços de coletas de resíduos, de limpeza e conservação de áreas públicas, como os ofícios de lixeiro e de gari, conforme os jovens comentam. O desagrado dos pesquisados com tais ofícios pode ser explicado pelo fenômeno da invisibilidade pública. Os trabalhadores que não têm função social valorizada não são vistos como pessoas pela sociedade e são tratados como objetos, alvo de humilhação e repulsa, como aduz Costa (2008). Apesar da pesquisa de Costa (2008) não contemplar os operários da construção civil, a situação pelos quais aqueles trabalhadores passam parece se aproximar da posição subalterna e do pouco prestígio social que os jovens da pesquisa relatam sobre os trabalhadores dos canteiros de obras, como será tratado no tópico que agrupou os assuntos relacionados ao trabalho na construção civil.

4.2.1 A atividade idealizada: trabalhar no escritório

Durante muito tempo a atividade da indústria foi estimada em detrimento ao trabalhador agrícola, pois os conhecimentos e habilidades que eles tinham, em determinado momento histórico, não eram mais valorizados (BRAVERMAN, 1974). Em outro momento, os trabalhadores dos escritórios ganham destaque, o que para eles seria a “superioridade do engravatado”, em detrimento aos demais operários que usavam uniformes (macacões).

“Trabalhar como administrativo parece ser legal, a gente faz coisa importante na firma” (Diego).

No imaginário dos jovens pesquisados, o trabalho no escritório também aparece associado a uma atividade que exige pouco esforço físico, reduzida carga horária e com mais valorização, por isso é a atividade mais idealizada:

> Hoje em dia também o jovem quer ficar mais é sentado, mais quieto, não quer tanto fazer aquele esforço, acho que mais trabalhar com papel essas coisas assim. [...] Porque o jovem hoje em dia tá muito preguiçoso, eles querem o dinheiro, o serviço, mas não querem se esforçar pra ter o dinheiro, que é a coisa mais fácil pra mim. Não muitos, mas maioria (Vitor).

> Eu, eu acho, que na minha opinião, eles procuram mais assim, eles quer trabalhar e tipo escritório esses negócio.[...] Na minha opinião, porque o serviço não é tão pesado assim, entendeu? Tipo assim, do que você trabalhar numa oficina essas coisas, não é tão pesado o serviço (Fagner, 15 anos).

> Os jovens querem trabalhar como administrativo, sem carregar peso, né? Trabalhar sentado (Daniel).

Segundo Braverman (1974), o trabalho no escritório, em seus registros iniciais, era associado ao trabalho mental e incluía atividades de contabilidade, arquivo, planejamento e programação, registro e cópias. Consistia, ainda, nos processos de fluxo de documentos exigidos para efetuar e registrar transações comerciais, acordos contratuais.

Segundo o Código Brasileiro das Ocupações (CBO), as atividades de escritório podem ser divididas em departamentos diversos, setores e seções da empresa. As condições gerais do exercício das atividades de escritório são: um ambiente de trabalho fechado e com horário diurno. Suas ações são basicamente:

> Executar serviços de apoio nas áreas de recursos humanos, administração, finanças e logística; atendem fornecedores e clientes, fornecendo e recebendo informações sobre produtos e serviços; tratar de documentos variados, cumprindo todo o procedimento necessário referente ao mesmo (CBO, 2016).

Para os jovens, as tarefas de uma pessoa que trabalham no escritório são:

> É receber documento, é quando chega alguma coisa tem que mandar pra outra pessoa e ele vai lá e faz, escreve as cartas, esses negócios (Farley).

> É trabalhar com computador e com papel. Organizando as coisas lá (Lucas).

Além da natureza de atividade, que no geral não exige esforço físico, o trabalho no escritório também representa uma atividade regulamentada com a garantia de direitos trabalhistas e previdenciários.

Para o público jovem, essas vagas poderiam acontecer a partir de diversas modalidades: estágio (para os estudantes do ensino médio), jovem aprendiz (para aqueles com idade entre 14 e 24 anos), adolescente trabalhador (com carga horária de no máximo oito horas) e como assistentes administrativos. Abstraiu-se que os trabalhos citados são formalizados por um contrato (como o caso do estágio) ou por registro na carteira de trabalho. São trabalhos que têm os direitos assegurados por lei, recebem proteção especial e possuem algumas restrições de carga horária e de atividades desenvolvidas. Além disso, essas ocupações representam uma parcela de ações das políticas públicas para inserção e qualificação profissional juvenil no trabalho protegido, respaldados pelos direitos de pessoa em desenvolvimento e pelos direitos trabalhistas, conforme as legislações que regulam o trabalho para adolescentes e jovens: Brasil (1990) e Brasil (2013).

Braverman (1974) admite que as atividades administrativas foram durante muito tempo associadas a um trabalho pensante e instruído, enquanto as atividades relacionadas diretamente ao processo de produção foram ligadas a um trabalho bruto e desqualificado. Mesmo que as atividades de escritório estejam ainda relacionadas às atividades de pensamento e planejamento, para Braverman (1974) essas funções têm se concentrado em grupos cada vez menores dentro do escritório. Dessa forma, mesmo que aconteça no escritório, pode ser um trabalho manual.

O trabalho que os jovens têm executado no setor de administrativo é classificado geralmente como de apoio, denominado como de menos complexidade, o mais fácil (OLIVEIRA; ROBAZZI, 2001). Isso corresponde à função de ajudante, “não sendo menos leve, menos perigoso ou menos insalubre pelo fato de ser desenvolvido por adolescentes” (p. 85). As atividades desempenhadas por esses trabalhadores são basicamente transportar documentos, objetos e valores e transmitir mensagens orais e escritas.

Embora o trabalho no escritório desperte no imaginário juvenil status de trabalho de *glamour*, que mobiliza recursos intelectuais para gerenciamento, na verdade ele representa uma atividade de apoio de pouco valor, conforme reconhecem Oliveira e Robazzi (2001).

Os jovens consideram as atividades de escriturário como de melhor *status* social no processo produtivo. Contudo, essa visão não está fundamentada em suas experiências, tendo em vista que eles não estão inseridos em alguma atividade relacionada ao escritório. Portanto, não parece haver elementos para balizar os pontos positivos e negativos dessa

atividade e, ao que parece, o discurso deles se pauta em um estereótipo de um trabalho socialmente valorizado.

> Ah, tipo assim, se tiver entre você escolher entre um escritório e um ajudante de pedreiro eu acho que jovem vai querer o escritório, mas tipo assim se tiver precisando mesmo e se tiver só o ajudante de pedreiro muita gente vai ir na profissão de ajudante de pedreiro (João).

Em síntese, verifica-se nos discursos dos jovens um movimento em busca de um trabalho que proporcione superar as dificuldades financeiras, ao mesmo tempo em que se apresente como um trabalhador que tenha uma ocupação socialmente valorizada. De forma implícita, apreende-se que os jovens têm o desejo de superar a condição atual que vivenciam, codificada em palavras de superação e força de vontade em busca de um futuro que atenda às suas necessidades tanto psicológicas quanto econômicas.

4.3 O trabalho na construção civil

A construção civil está no imaginário dos jovens pesquisados como uma atividade laboral desvalorizada, pouco atrativa e associada a uma visão negativa. Muitos jovens não querem exercer os ofícios da construção porque a figura do pedreiro, a do peão de obra é estigmatizada, porque a atividade está associada à baixa escolaridade, o que faz com que venham a se sentir socialmente desvalorizados. Mais da metade dos jovens pesquisados define o ofício de pedreiro como um dos piores que eles poderiam ter, o que reforça o repúdio deles aos canteiros de obras.

Como já exposto, para os jovens, em especial os mais pobres, escolher um ofício/profissão não é tarefa simples. Para os últimos, uma escolha profissional pode se mostrar muito difícil ou mesmo impossível de se realizar adiante das suas desfavoráveis condições sociais e econômicas, entre outros obstáculos. Essas condições se fazem presentes na vida e no trabalho dos operários da construção civil.

Os jovens nomeiam as figuras do “pedreiro” e do “servente” como referência dos trabalhadores da construção civil, mas eles não têm clareza do que faz um e outro profissional, exceto que suas atividades exigem muito esforço físico e eles têm pouco prestígio social.

Segundo a CBO, o pedreiro está na família dos trabalhadores de estruturas de alvenaria. Ele organiza e prepara o local de trabalho na obra, constrói fundações e estruturas de alvenaria. O servente de pedreiro é o que auxilia o pedreiro. A CBO considera essa denominação sinônimo de ajudante de obras civis ou de meia-colher.

A descrição das atividades do ajudante envolve a demolição de edificações de estruturas (concreto, alvenaria, etc.), preparação do canteiro de obra, limpeza de área e compactação de solos e, ainda, limpeza e manutenção de máquinas e ferramentas.

Mesmo sendo o mestre de obras um trabalhador importante no canteiro de obras da construção civil, com grande reconhecimento, pelo menos do setor, ele não é lembrado pelos jovens pesquisados.

Como conceitua Tomasi (1999), o mestre de obras é o elemento-chave da construção civil. A pessoa que alcança o posto de mestre de obras passou por longo processo de formação e representa a ascensão profissional no trabalho. Segundo a CBO, ele é considerado um dos supervisores da construção civil. É o encarregado da construção e da carpintaria, o encarregado da obra, da manutenção e da segurança. Não obstante tudo isso, o ofício de mestre de obras não é considerado pelos jovens, pelo menos não é, para eles, uma referência dos trabalhos ou dos ofícios da construção civil e, muito menos, um ofício/profissão interessante.

O trabalho na construção civil é comumente rotulado como pesado, desvalorizado, discriminado e sem perspectivas. Autores como Tomasi (1999), Costa e Tomasi (2009) e Costa e Cockell (2014), entendem que historicamente a construção civil quase sempre foi a primeira ou mesmo a única oportunidade de trabalho para muitos jovens pobres, com baixa escolaridade, sem qualificação e oriundos do meio rural. Cockell e Perticarri (2010) acrescentam que, além de ser de uma oportunidade para alguns jovens, principalmente para os de origem rural, o trabalho na construção tornou-se uma opção passageira para os que ainda não conseguiram emprego formal e precisam contribuir com o orçamento familiar.

> É trabalho puxado. Eu não queria isso para mim, né? Mas se não tivesse outra coisa ficaria lá até arrumar outra coisa (Rafael).
>
> Por enquanto que eu não encontro coisa melhor, aí eu trabalho de pedreiro (Frederico).
>
> Os trabalhos mais fáceis do jovem arranjar é bico, bico por semana, sem ser fichado. Bico como pedreiro, sei lá fazer algo do tipo (Farley).

Trabalhar nos canteiros de obras fez parte da realidade de sete dos participantes desta pesquisa. Eles trabalharam em construções habitacionais, obras de pequeno porte localizadas nas periferias de Belo Horizonte e juntamente com outros poucos trabalhadores. Foram trabalhos pontuais e descontínuos, cuja duração e periodicidade os jovens pesquisados não sabiam quantificar. A inserção profissional nesses espaços deu-se por meio do incentivo da figura paterna (pai, avó ou padrasto), seja para contribuir na renda, seja para aprender a dar valor à vida.

> Meu pai mexe com empreitadas, ele faz empreitadas em obra, aí quando tinha muito ele me chamava para trabalhar no rejunte. Por mais que o serviço era pesado era muito bem-remunerado, então de certa forma eu comecei a ajudar ele com 14, 13 anos (Cleiton).
>
> Tem um conhecido do meu pai que é pedreiro, falei com meu pai que queria trabalhar, aí ele me falou que o cara tava precisando de alguém. Aí eu que me ofereci para trabalhar lá (Frederico).
>
> Meu avô sempre precisou de ajuda, então, por isso eu sempre ajudei ele, não porque eu quis, mas porque eu via que ele precisava (Vitor).
>
> Eu penso assim, meu pai quis me dar aquele sentido de trabalhar para ter um objetivo. Então ele me pagava o dia de servente como seu fosse servente adulto e aí ele pagava 50 reais por dia. Aí tipo assim ele me colocava para trabalhar com ele, mas ele não ficava me colocando para fazer serviço pesado aí, mas eu vi os outros serventes como que era (Luiz).

Os trabalhos exercidos pelos jovens pesquisados nos canteiros de obras eram de ajudantes, quais sejam de limpeza do canteiro, de separação e transporte de materiais, geralmente atividades exercidas ao ar livre com exposição a poeiras e adversidades do tempo. Os trabalhos eram realizados em jornadas parciais, para compatibilizar seu tempo com as atividades escolares, mas poderiam se estender por longas horas para atender à demanda dos serviços e dos prazos de entrega. Por vezes, eles transportavam materiais pesados, tais como sacos de cimento, latas de concreto e de areia, entre outros materiais, o que os levava, além de realizar grande esforço físico, a permanecer em posições desconfortáveis.

> Ajudava meu avô a levar carrinho, levava cimento, esses negócios mais simples e não tão pesado não (Vitor).
>
> Nossa, eu pegava no pesado. Era lata de concreto no lombo, no ombro. Era lata de tinta. Era assim, carregando isso (Samuel).
>
> Eu ajudei a construir uma casa, só ajudei na casa mesmo, mas era bem cansativo. Eu pegava a areia, cimento e depois limpava os materiais tudo, a pá, a colher (Diogo).

> É assim, no calor, com sol na nuca carregando tijolo. É pesado, cansativo... e toma o tempo da gente também... Tipo assim, eu ia seis horas e voltava tipo oito horas da noite. Eu ficava cansado, às vezes eu nem ia para a aula (Luiz).

> Tem gente que não sabe carregar uma massa, assentar um tijolo, aí tem gente que não gosta Lá eu aprendi a fazer coisas, fazer massa, assentar tijolo, é isso que faço. Eu faço massa, começo pegando a areia, a brita e o cimento. Aí eu misturo e faço a massa, aí depois eu fico só entregando tijolo e massa (Frederico).

> A parte ruim é que o serviço é muito pesado assim. Muito cansativo, tem muita coisa pra fazer. [Que tipo de coisa?]. Carrinho com peso, essas coisas assim, às vezes seu corpo fica doendo e aí ter que levantar de novo e ir pro mesmo negócio, entendeu? (Diogo).

> É uma coisa ruim, é que a pessoa fica muito cansada, de tanto ficar o dia todo trabalhando lá na construção civil. As desvantagens é que você carrega o peso, mas isso é normal, se for trabalhar de pedreiro tem que carregar peso. O cimento é pesado, tem que carregar tijolo (Vitor).

Para alguns jovens as atividades do canteiro de obras são inapropriadas para sua idade. Eles alegam que estão em desenvolvimento e, portanto, ainda não possuem forças para acompanhar o ritmo de trabalho.

> Na verdade, o trabalho na construção não é um trabalho adequado para o jovem porque exigem esforço físico, trabalho no sol quente, um jovem que diferente do adulto não tem. Eu acho que adulto é mais forte (Cleiton).

> Eu acho que isso é serviço para homem. [Como assim?] Eu acho que a gente (os jovens) ainda não tem força para fazer esse trabalho (Farley).

De maneira implícita, esse pensamento revela, ainda, a consciência que os jovens têm da legislação trabalhista ou mesmo dos seus direitos, que veda ao empregador submeter o jovem ao trabalho perigoso, insalubre, penoso ou realizado em locais que podem ser prejudiciais ao seu desenvolvimento físico, psíquico, social e moral, como lhes assegura o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990).

> Um jovem, por exemplo, não pode pegar peso. Na obra você pega peso, faz serviço muito pesado (João).

> Por que jovem não pode carregar peso, né? (Lucas).

Os jovens pesquisados veem o trabalho na construção civil como um "tratamento de choque", para o jovem sentir o valor do trabalho pesado para o homem.

> Conhecimento da força, tipo assim, saber que a vida não é fácil, você precisa passar por aquilo, por tudo se um dia você precisar, você tem que descer lá embaixo pra um dia você tá lá em cima (Vitor).

> Uai, tem certas pessoas que não gostam. Acham que é serviço ruim, né? Pela minha idade, mas para mim eu gosto, né? Porque eu já acostumei porque eu prefiro trabalhar com coisa pesada do que com coisa leve (Frederico).

As percepções, vivências e experiências declaradas pelos entrevistados nos canteiros de obras vão além do saber fazer e parecem ter como referência o saber ser. Além de "pegar pesado" no trabalho desde cedo, eles possuíam outras qualidades, entre elas a de serem honestos ou de se cuidarem para não caírem na marginalidade.

Ao se referirem ao trabalho da construção civil ou a outros que exigem esforço físico semelhante, eles lembram que é um trabalho pesado, mas é isso ou a marginalidade. A obra é "trabalho puxado". Mesmo assim eles não descartam esse trabalho e se dizem dispostos a enfrentá-lo na falta de outro melhor.

> Bom, não era. Mas eu também não fazia nada, só ficava na rua o dia inteiro. Aí, logo quando eu fui contratado, eu fiquei feliz. Pelo menos ia ocupar a cabeça, fazer algo útil (Frederico).

> Está lá trabalhando carregando lata de cimento e tal, pelo menos não tá matando nem roubando, está trabalhando honestamente, mesmo que seja um trabalho puxado (Vitor).

> Estava bom, melhor do que ficar sem trabalhar (Alexandre).

Os pesquisados reforçam o que afirmam Oliveira e Robazzi (2001) para quem, ideologicamente, o trabalho aparece como a atividade mais nobre exercida pelo homem, como panaceia para todos os males, como remissão para o crime e a marginalidade, como uma fonte digna e legítima de acesso aos meios da vida (OLIVEIRA; ROBAZZI, 2001).

4.3.1 A fragilidade dos vínculos de trabalho

A fragilidade do vínculo trabalhista aparece como uma das principais características do trabalho no canteiro de obras. A precariedade dos contratos de trabalho, bem como a informalidade, não escapa aos olhos dos jovens, que os consideram aspectos negativos da construção civil. A flexibilização dos processos e das relações de trabalho presentes nos setores produtivos e mais recentemente introduzidos na construção civil aumenta a precariedade presente nos canteiros de obras.

Segundo Corrochano *et al.* (2008), além do trabalho informal significar ausência de registro na carteira de trabalho, de maneira implícita ele revela a falta de compromisso do

empregador em cumprir com a legislação trabalhista, negando ao trabalhador direitos que lhe são assegurados, inclusive pela Constituição Federal, e colocando-o na categoria de "pré-cidadão" ou "cidadão de segunda categoria". O descumprimento das leis trabalhistas é criticado pelos jovens pesquisados, como se segue:

> Na obra nem sempre segue a lei (Daniel).
>
> Além de não ter direito a nada, como a carteira não é assinada no futuro você não pode ver, tipo como não foi assinado não dá mostrar experiência que você teve antes... E até na aposentadoria também, você num vai poder ter o mesmo que quem tem carteira assinada (Frederico).
>
> [...] não trabalha de carteira assinada, como é um auxiliar administrativo, supondo que ele trabalha oito horas por dia, só que o servente de pedreiro não tem direito a 13º salário, férias, nem nada não. Nem tem férias, né? Trabalha, trabalha até cansar (Daniel).

Além da informalidade, outra característica, a da instabilidade, provocada pela alta rotatividade da mão de obra ou pelo caráter cíclico da atividade, é igualmente identificada como uma peculiaridade dos trabalhos na construção civil (COSTA, 2010). Cockell e Perticarri (2010) alegam que o Estado parece fazer "vista grossa" para essas características, em grande parte responsáveis pela precariedade encontrada nos canteiros de obras, muitas vezes tratada como algo natural ou inerente aos trabalhos de canteiros.

Segundo os autores, trata-se de trabalhadores que não existem legalmente, logo, são constantemente vítimas de abusos e exposição à situação de perigo. Não diferentemente dessa situação detectam-se nos relatos dos respondentes preocupações com a vulnerabilidade a que os operários estão sujeitos.

> Se fosse para trabalhar com frequência nisso eu acho que eu não iria, mas se for de carteira assinada é não parece tão ruim assim. [...] Pode acontecer de tudo, né? Eu ficava em cima de andaime, era cabuloso... Se acontece alguma coisa eu não teria direito ao [Instituto Nacional de Seguridade Social] INSS (Samuel).
>
> O pessoal da obra trabalha demais e, tipo assim, quando eles pedirem ou ele pedir para sair ele vai sair com uma mão atrás e outra na frente sem direito a nada (Diogo).
>
> Se fosse de carteira assinada seria um bom trabalho, mas geralmente não é. (Alexandre).
>
> Eu quero um emprego fichado, seria melhor, e pedreiro não costuma ter emprego fichado. Você tem mais benefícios, né? Tem um cartão alimentação, tem cartão de passagem, tem cartão de saúde, é isso. (Frederico)
>
> E eu quero trabalho regulamentado, é mais chique (João).

A precariedade dos vínculos de trabalho e de contratos tem sido comumente aludida como uma particularidade do setor da construção civil no Brasil e tem se estendido para outros setores (COSTA, 2011). Segundo Iriat *et al.* (2006), de acordo com dados do Banco Mundial, 50% da mão de obra não rural brasileira está concentrada no mercado informal da economia. Nos grandes centros urbanos tal quadro é mais expressivo. Para os autores, no trabalho informal é comum a remuneração abaixo do nível mínimo legal, a privação dos benefícios da seguridade social e negligências às medidas de proteção à saúde. Eles registram, ainda, o enfraquecimento sindical.

Para Cockell e Perticarrari (2010), é comum acontecer nos canteiros de obras contratos verbais, também conhecidos como "contratos de boca". Segundo os jovens pesquisados, esse tipo de contrato é muito frequente. Todos eles iniciaram suas atividades laborais apenas com contratos verbais.

> Eu trabalhei com um conhecido do meu pai. Meu pai me ajudou, falou lá com ele que eu estava a fim de trabalhar. Aí ele conversou comigo, falou que tava precisando de alguém e que primeiro ia vê se eu dava certo lá e pronto, só conversou comigo mesmo (Rafael).
>
> Ele [empregador] estava precisando de alguém, me falou e eu fui, já comecei rapidão (Frederico).

A remuneração daqueles que atuaram nos canteiros de obras era calculada por dia, porém pagos semanalmente, sempre no final da semana (sexta-feira ou sábado, dependendo da jornada semanal). A jornada de trabalho, de maneira geral, é de segunda a sábado, no contraturno escolar, com carga horária de, no mínimo, quatro horas. Dependendo da demanda do empregador, ela pode chegar a oito horas por dia. A remuneração informada por eles é de aproximadamente 180 reais por semana, o que atende às suas necessidades econômicas e de acesso a bens de consumo e de realização pessoal.

> Meu tio é pedreiro e eu vou te falar, ele ganha muito bem, viu? (Samuel).
>
> A vantagem do meu trabalho é que eu tenho um bom dinheiro. Tem um cara que trabalha lá comigo, ele gosta. Tipo assim, ela já é de maior, então, tipo assim, paga a carteira de carro, e ele trabalha e gosta... (Frederico).
>
> Eu ganho 50 reais por dia. Eu acho bom, aqui em Minas é 50 reais, mas em outros lugares é 120 reais por dia. Eu gosto porque eu tenho meu próprio dinheiro, posso comprar minhas coisas, as coisas que eu quero (Vitor).
>
> Paga bem, né? Tem servente de pedreiro que recebe R$ 60,00 por dia (Daniel).

Observa-se que a remuneração recebida pelos trabalhos prestados por esses jovens nos canteiros de obras é maior do que a paga pelos escritórios. O rendimento mensal de um jovem que trabalha com carteira de trabalho assinada (na condição de jovem aprendiz), com carga horária de 20 semanais é de R$ 413,33 (SISTEMA NACIONAL DE EMPREGOS - SINE, 2016). É importante ressaltar que este último não se encontra contratado informalmente, o que pode significar que a diferença da remuneração deles não seja tão elevada como parece ser.

Se em algum momento da história, como assevera Braverman (1974), os trabalhadores do escritório tinham maiores rendimentos que os demais trabalhadores, hoje, o que acontece, pelo menos nos canteiros de obras, é um movimento contrário. No *site* do SINE, em fevereiro de 2017 a média salarial para um pedreiro iniciante é de R$ 1.248,82, o de servente de obras de R$ 975,57, enquanto o de auxiliar administrativo é de R$916,67. Embora a construção civil tenha menos prestígio, pode oferecer salários semelhantes ou mesmo superiores aos oferecidos por setores produtivos.

Finalmente, apura-se que, apesar de a informalidade ser referida na literatura como característica do setor da construção civil, Cockell e Perticarrari (2010) mostram a existência, nos canteiros de obras, de outras formas de contratação, no caso, amparadas pela Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), quais sejam: por tempo indeterminado ou determinado de, no máximo, dois anos; como autônomo; ou terceirizados por meio de subempreiteiras de serviços ou de mão de obra.

4.3.2 Um trabalho socialmente estigmatizado

Ainda que a construção civil possa oferecer melhor remuneração, os jovens pesquisados não consideram esse setor como uma primeira opção de trabalho para eles, exceto em último caso, como já discutido anteriormente.

Alguns espaços de trabalho e/ou categorias profissionais, por suas peculiaridades, podem ser associados ao prestígio ou ao desprestígio social, proporcionando “atributos de qualificação e/ou desqualificação ao eu” (JACQUES, 1996, p.25). Assim, ter um trabalho não garante por si só uma identidade reconhecida, tanto pelo sujeito quanto pela sociedade. O trabalho na construção civil parece ser um bom exemplo do parecer desse autor. Apesar de oferecer o retorno financeiro que os jovens pesquisados almejam, o trabalho no canteiro de obras não os atende, no que diz respeito ao reconhecimento social.

> Eu ia meio que discriminar um pouco, mas por outra forma ia tentar entender que o jovem tá trabalhando. Ele está correndo atrás do emprego. O problema é que muita gente discrimina, fica ah, que não sei o quê, agora você está aí porque você não estudou (Jean).
>
> Alguns não querem serviço, outros querem, uns acham legal, acham bom, acham uma atitude boa, uns ficam tipo "ah, por que você tá fazendo isso?" (Vitor).
>
> Eu quero trabalho regulamentado e acho que todos querem isso. Tipo com carteira assinada e tudo o que eu tenho direto. Um trabalho suave, né? Quero ser alguém na vida. Que a minha família se orgulhe de mim (João).
>
> Dependendo do lugar você tem vergonha de falar com o que trabalha. Depende da ocasião. Se você está em lugar mais classe média mais alta aí fica meio puxado, mas na hora lá você inventa alguma coisa. Agora, para quem já te conhece e você conhece a pessoa já sabe (Daniel).

Embora esse descontentamento seja evidente nos relatos dos jovens pesquisados, estudos de Cockell e Perticarri (2010, p. 644) revelam que na pesquisa realizada na cidade de São Carlos-SP com os trabalhadores da construção civil, metade dos entrevistados manifestou relação positiva com a atividade profissional, indicando elementos positivos como: "alegria do ambiente do trabalho, a relação com os colegas, a liberdade, a autonomia, a falta de chefe, a possibilidade de trabalhar por conta própria, menor pressão de tempo, maior capacidade de consumo e menor rigidez da organização do trabalho". Esses trabalhadores não percebem a construção civil como atividade inferior, tampouco carregam o estigma de trabalho de "peão".

Por outro lado, esses mesmos trabalhadores se mostraram apreensivos com a possibilidade de seus filhos se tornarem trabalhadores da construção civil, baseados, principalmente, nos sentimentos de como são tratados socialmente por atuarem como operários (COCKELL; PERTICARI, 2010). E esta parece ser a mesma apreensão encontrada nos jovens deste estudo, que procuram condições melhores do que as oferecidas pelos canteiros de obras.

> Eu não ligava para o que eles falavam não, eu nem sempre ganhava o dinheiro, eu ia ajudava lá. Aí ali eu descobri que eu tinha que estudar para ser alguém na vida para não tipo morrer no sol (Samuel).
>
> Não... Eu não quero isso para mim não, a vida toda não. Se fosse ali naquela frequência, todo dia eu não ia querer (Diogo).

Registra-se, ainda, que o papel que as identificações com o grupo familiar e com o valor que as profissões assumem no grupo pode influenciar a maneira como o jovem vê

determinada atividade ocupacional. Segundo Soares (2002), parte das escolhas ocupacionais do jovem está baseada em uma representação social positiva ou negativa da profissão exercida pelos familiares, sua relação com o trabalho e como o filho se identifica ou não com as atividades profissionais dos familiares. Tome-se como exemplo o fragmento a seguir, no qual o jovem expressa não possuir interesse pelas atividades da construção civil pela forma que ele vê o trabalho do tio, que mora no mesmo lote que ele.

> Meu tio [pedreiro] é como se morasse no sol, fica fazendo aquelas casa de outro país lá aí ele chega lá em casa assim com o braço preto (de sol), já chega, come e nem dá atenção para o filho dele de tão cansado. Por que o sol cansa muito. Aí nem tem ânimo para mais nada, acabou o dia dele. É só dormir (Samuel).
>
> [...] eu sei que como no caso do meu avô a gente que escolhe fazer aquilo [ser pedreiro], mas também porque não teve oportunidade quando era jovem. Eu já tenho mais oportunidades, posso estudar (Vitor).

Mesmo os jovens pesquisados que jamais trabalharam nos canteiros de obras da construção civil parecem repudiar a ideia de neles trabalharem.

> O que seu tio falaria para o filho? Eu acho que ele ia incentivar a fazer outra coisa. Porque ele não muda de vida porque não tem outra opção. Porque hoje os jovens têm mais oportunidades do que os pais (Samuel).
>
> Quem foi trabalhar na construção civil não teve oportunidade de ser jovem... Fica cansado, não tem ânimo para fazer nada, eu não gosto da ideia de trabalhar com isso (Jean).
>
> Em último caso eu trabalharia. Se eu não tivesse conseguido emprego, se eu tivesse passando necessidade, aí eu trabalharia numa boa. Mas qualquer emprego que pintasse ele pularia fora (Daniel).
>
> Se eu tivesse passando dificuldades, se fosse o caso, seria a renda da família. Aí, no tempo que eu tivesse livre ia ver se arrumo um emprego melhor. Ia batalhar para não ficar muito tempo lá (João).

Para Costa e Tomasi (2009), ainda que os trabalhos na construção civil sejam considerados serviço "desqualificado" e "atrasado", o setor esconde uma variedade de tarefas complexas, como a utilização de determinados equipamentos de medição, a necessidade de realização de cálculos, além de procedimentos que exigem longa experiência do trabalhador em identificar pequenas irregularidades, invisíveis aos olhos dos inexperientes.

> É puxado, exige o corpo e cabeça. Tem que tomar cuidado para não fazer besteira ou machucar (Vitor).

> Não é tão fácil assim. No começo é difícil, mas depois você acostuma. Tem que saber quanto jogar de água e saber a hora de jogar para massa não virar e sair fora, para não ter que jogar o cimento fora. Tem que saber virar a massa, se não você perde muita coisa (Frederico).

Para Kuenzer (1989), ainda que em sua condição de simples executor de tarefas predeterminadas e parciais, o operário se depara no cotidiano com questões que a prática concreta lhe apresenta e que ele tem que resolver. Assim, no processo de trabalho o trabalhador experimenta, analisa, reflete, discute e assim constrói um conjunto de explicações para sua ação. O que chama a atenção, aqui, é que, apesar do trabalho na construção civil ser caracterizado principalmente pelo esforço manual, ele exige a utilização de recursos cognitivos para operacionalizá-lo. Em consonância com tais argumentos, ressalta-se que o trabalho na construção civil, visto comumente com um trabalho repetitivo, exige do trabalhador mobilizar saberes para que a execução seja acompanhada de qualidade. O canteiro de obras, de acordo com Tomasi (1999), requer o conhecimento de materiais, de tipos de terreno, requer o uso de equipamentos e de ferramentas e, ainda, a execução de cálculos. O que aos olhos do leigo pode parecer um trabalho simples e que dispensaria trabalhadores qualificados, na verdade se mostra um trabalho mais complexo do que se poderia acreditar.

Os jovens pesquisados que já tiveram experiência nos trabalhos de canteiros da construção civil, muito embora não o repudiem ou o vejam de forma preconceituosa, afirmam não ter interesse em continuar nesse trabalho.

> Ah, eu acho que hoje em dia não, tem tanta oportunidade, não tanta oportunidade assim, mas se eu puder arrumar em outro lugar. Porque o trabalho civil não é uma coisa tão boa, mas também não é uma coisa tão ruim, a gente leva mais por diversão (Vitor).

Na verdade, o que leva os jovens a iniciarem suas atividades na construção civil é a necessidade financeira, porque eles encontram na construção uma alternativa para suprir suas restrições materiais e de consumo e, também, uma possibilidade de trabalho, ainda que um trabalho provisório.

De acordo com Soares (2002), a valorização pessoal acontece em nossa sociedade em função do *status* profissional adquirido. E o jovem também é influenciado por essas ideias e busca na ocupação uma forma de sentir-se mais valorizado.

4.4 Aspectos de síntese

A partir da análise dos resultados obtidos na pesquisa de campo, aliada à fundamentação teórica desenvolvida neste trabalho, foi possível perceber a importância que o trabalho ocupa na vida dos jovens, tanto do ponto de vista econômico para acesso a bens, quanto na construção subjetiva desses jovens. O trabalho não é somente para atender às necessidades financeiras, mas para alimentar o ego e conceder ao jovem um papel reconhecido na sociedade. O trabalho nos canteiros de obras, apesar de oferecer boa remuneração, não atende a outras condições indicadas como ideal de trabalho. A informalidade, velha característica da construção civil, é identificada como um fator importante de repulsa à ocupação do trabalho no canteiro de obras. Por sua vez, suas aspirações ocupacionais são inclinadas para trabalhos formais e que concedem *status*, já que há uma tendência da sociedade do conhecimento a valorizar ocupações relacionadas à escolarização, fato que interfere na relação com as escolhas profissionais e na percepção de si como sujeito social.

Para os jovens, que estão em processo de formação da identidade, dos valores sociais e do desenvolvimento de independência emocional e financeira associados à pressão social voltada para a imagem, o lugar ocupado profissionalmente merece destaque. Ao que parece, esses jovens estão em movimento para não se associar a um trabalho pesado e que carrega a marca de profissionais com pouca escolaridade. Percebe-se, então, uma tensão entre o interior e o exterior. Ou seja, suas aspirações estão em busca de superação e ascensão social, enquanto o cenário em que vivem apresenta situações que muitas vezes servem de barreiras para seus sonhos. Almejam as atividades do escritório, consideradas mais glamorosas, mas que não representam serem mais importantes ou mais bem remuneradas.

A construção civil, na concepção dos jovens, é vista com incerteza e medo em relação aos direitos trabalhistas e previdenciários. Parece haver preocupação com o futuro incerto que a construção civil oferece, tanto na continuidade do trabalho, haja vista o caráter pontual dos processos do canteiro de obras, como das informalidades com que os canteiros de obra convivem há anos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivemos num cenário caracterizado por mudanças aceleradas que vêm produzindo profundos impactos sociais, culturais, econômicos e, muito especialmente, sobre o trabalhador, cuja subjetividade, e não mais apenas a sua habilidade e força física, é reclamada por um mercado de trabalho marcado pelo desemprego estrutural, pela precarização do emprego e pelo trabalho flexível, fenômenos que atingem a todos os trabalhadores e, de modo particular, os jovens pobres.

Além de estar presente na vida dos jovens, diversas questões próprias da juventude, que os colocam em desvantagem no processo de inserção no mercado de trabalho (tais como a idade, a falta de experiência profissional e a pouca qualificação), os jovens pobres ainda lidam com aspectos relacionados à sua realidade social que os limitam ainda mais. E é nesse cenário que perpassam fatores importantes para entender o distanciamento entre o que o jovem gostaria de ser (perspectivas e expectativas de futuro) e o que realmente consegue ser - a forma como acaba tendo que lidar com a realidade que a ele se impõe no dia a dia. Sem contarem com o capital econômico e social "exigido" para o sucesso nos moldes da sociedade atual, esses jovens se inserem precocemente em oportunidades precárias de trabalho.

Para além das pressões que possam sofrer da família e dos mais próximos, eles ensaiam voos livres, movidos por desejos e pela força da juventude. Não seguir o ofício de seus pais e buscar outras oportunidades no mercado de trabalho é um exemplo, mas a inserção no mercado não é tarefa fácil para o jovem pobre. A falta de qualificação, de experiência profissional ou mesmo a ingenuidade de quem começa a vida acreditando que basta apenas muito esforço e boa vontade para "subir na vida" o empurram para o trabalho precário, socialmente desprotegido e o afastam pouco a pouco da escola, quando não abruptamente.

O trabalho de "escritório", que povoa os seus desejos e mal definem o que seja, cede lugar, pela dificuldade para encontrá-lo ou pela sua falta de experiência com as atividades do setor administrativo, aos trabalhos pesados e precários, como o de canteiro de obras da construção civil, que eles acreditam estar reservados apenas aos jovens em situação pior que a deles. Aos ainda mais pobres, os trabalhos mais duros, mais pesados e mais arriscados - pensam os jovens entrevistados. Mas esses trabalhos não são apenas dos mais pobres, são

também dos que fracassaram na escola, dos de baixa escolaridade. Para eles, quanto mais escolaridade, mais chances de terem êxito em suas vidas.

Assim, enquanto o trabalho os afasta da criminalidade e os coloca em contato com a sua realidade, a educação transfere-lhes saberes e consolida neles valores importantes relativos ao trabalho. Acessar o mercado de trabalho e ocupações socialmente valorizadas parece depender da boa articulação, em suas vidas e no limite de suas possibilidades, de trabalho e educação.

Apesar de o trabalho assumir em diversos casos uma condição de sobrevivência, muitos desses jovens ainda se encontram na posição de escolher entre as possibilidades de trabalho. Os mais ricos podem escolher as melhores oportunidades, enquanto os pobres têm uma gama mais restrita de possibilidades. E assim parece se inserir os canteiros de obras para os jovens como uma possibilidade para os mais pobres dos pobres. Dessa maneira, alguns entrevistados reconhecem que o trabalho na construção civil é para jovens em situações mais precárias que a deles.

Para os jovens pesquisados, as oportunidades de trabalho ofertadas com mais frequência são as informais, com predomínio daquelas que se utilizam de sua força física. Trabalho no comércio com atividades de embalador, carga e descarga de produtos/ materiais, ambulante e ajudante nos canteiros de obras é citado pelos entrevistados como o mais acessível aos jovens. Acessíveis não pelo desejo, mas porque muitas vezes as possibilidades para eles são apresentadas em algumas poucas opções.

No imaginário social há a concepção de que quanto mais escolaridade tem um sujeito, maiores são as suas chances de uma boa colocação no mercado de trabalho. Com os jovens da pesquisa parece não ser diferente. Eles depositam na escola e no aumento do nível de escolarização a esperança de um futuro melhor. Associam, ainda, as pessoas que não tiveram êxito na vida (não possuem ocupações socialmente valorizadas) à falta de estudos e empenho. Para esses jovens, cada um pode e tem o direito de ser o que quiser, o sucesso ou fracasso depende apenas do esforço e dos méritos pessoais. Efeito disso, o jovem utiliza o discurso do mérito para apoiar seu sonho e se autopunir se não for concretizado. O sucesso ou fracasso depende de cada pessoa. Acreditam, muitas vezes, que as contingências sociais podem ser contornadas se houver dedicação e esforço. Assim, revela-se uma ingenuidade em desconsiderar a estrutura social e as relações de poder.

Tal pensamento influencia na forma como os jovens enxergam os trabalhadores dos canteiros de obras: aqueles que não tiveram êxito em outras profissões. Desse modo, tem-se no imaginário dos jovens da pesquisa que os trabalhadores desse setor são pessoas com

histórico de fracassos escolares, de falta de oportunidade ou de força de vontade de batalhar por outro tipo de trabalho. Nesse sentido, estar no canteiro de obras é consequência da falta de empenho e de responsabilidade única e exclusiva do trabalhador da construção civil.

Os canteiros de obras, onde predominam os trabalhos duros, pesados e mais arriscados são o lugar dos que fracassaram na escola. Eles são o lugar dos que não encontraram trabalho em outros setores produtivos porque lhes faltou educação suficiente para a inserção no mercado de trabalho, mas são, também, para eles, a última oportunidade para escolherem entre o caminho do bem ou da honestidade e o da criminalidade.

Para eles, os trabalhos de canteiros, além de serem penosos, não exigem qualificação do trabalhador ou, pelo menos, não exigem elevada escolaridade. Esse não parece ser um entendimento diferente do que, de modo geral, encontramos na sociedade e que, nessa mesma medida, não confere aos trabalhos de canteiros e aos seus trabalhadores o reconhecimento que se poderia esperar de quem, com sua força física, mas muito especialmente com habilidade e inteligência, contribui para a edificação de obras marcadas por situações novas e desafiadoras. Os jovens parecem tão somente reproduzir um discurso presente na sociedade sobre a construção civil, seus canteiros de obra e seus trabalhadores.

Sabe-se que, embora os canteiros de obras não exijam grande escolaridade dos que pretendem nele se inserir, essa realidade tem mudado muito rapidamente graças às mudanças ocorridas no setor.

É sabido, também, que o setor oferece a possibilidade de mobilidade profissional interna a partir da formação do trabalhador e a aquisição de um dos seus vários ofícios (pedreiro, pintor, carpinteiro, eletricista, etc.), o que ocorre tradicionalmente na situação de trabalho.

No que diz respeito aos salários, os pagos pela construção civil não deixam a desejar quando comparados aos pagos aos trabalhadores de mesma escolaridade empregados em outros setores produtivos.

Além disso, a mão de obra da construção civil já foi marcada pela inserção de filhos de operários, já que o oficio era transmitido de geração em geração. Contudo, essa tendência toma novos contornos. Os jovens deste estudo, ao contrário da geração de seus pais, vivem em uma sociedade da informação, na qual a escola e a formação são atributos fundamentais. Eles formam uma geração com alto nível de escolaridade e que vislumbram trabalhos socialmente valorizados, não aceitando o caminho dos pais. Apresentam em seus discursos o desejo de seguir profissões que têm *status* social mesmo que não saibam o que a profissão faz ou quais são os passos para obtê-la. É como o caso de um jovem da pesquisa que expressa

o desejo de ser juiz, mas não sabe precisar o que esse profissional faz nem o percurso formativo para ser juiz.

Há de se considerar, ainda, que os avanços das políticas públicas no financiamento da inatividade da juventude para que possa dedicar-se ao estudo e à formação têm feito com que os jovens almejem outras possibilidades ocupacionais, diferentemente dos seus pais. Mesmo que isso não seja necessariamente superação das condições de vida e trabalho em relação às de seus pais, tendo em vista que, muitas vezes, apesar de possuírem altos níveis de escolaridade, as ofertas de trabalho ainda são feitas com baixa remuneração.

Os jovens consideram que, ao contrário dos pais, vivem uma geração de oportunidades, em que convivem com mais possibilidades de acesso ao trabalho, educação, lazer e outros direitos. Diante dessa multiplicidade de ofertas, eles vão experimentando as opções de trabalho e, como efeito disso, alguns postos de trabalho ocupam caráter transitório, como parece ser o caso do canteiro de obras. O canteiro de obras parece apresentar apenas uma passagem para outros setores produtivos, como a indústria ou principalmente o setor de serviços (representado principalmente pela atividade em escritórios), em que a remuneração seja melhor, o trabalho menos duro e com riscos mais baixos.

Num ponto são concordes os autores estudados, embora a construção civil tenha sido de extrema importância. Ao proporcionar a centenas de pessoas pobres uma ocupação como meio de subsistência, ela também está envolvida em outro problema social, a precariedade nas condições de trabalho, por não garantir os direitos trabalhistas assegurados constitucionalmente. Além disso, instituiu uma profissão associada ao desprestígio social, ao criar a figura do "peão", caracterizado por ser aquele que trabalha pesado, executa um trabalho desvalorizado, tem pouco estudo, está sempre de obra em obra, desvinculado de um emprego só, sem garantia de aposentadoria.

Assim, é possível pensar que o que afasta os jovens em questão dos canteiros de obras para além de oportunidades outras de trabalho não está no canteiro de obras propriamente, mas fora dele, pelo menos em importante medida, num estigma que recobre o setor.

O canteiro de obras é visto, como em outros estudos, como um trabalho pesado, que depende de grande energia física e que é até possível para os participantes da pesquisa desde que em caráter provisório. O trabalho na construção civil representa uma possibilidade de ter acesso a bens de consumo e do ganho de atributos valorizados no mercado de trabalho, tais como a nobreza de estar "*correndo atrás*" desde cedo, a disciplina e não ter medo de "*pegar pesado*".

Experienciar o trabalho na construção civil no momento em que não se apresentam condições maturacionais do ponto de vista biológico e emocional para lidar com as pressões físicas e sociais da natureza do trabalho parecem ser pontos importantes para entender a não continuidade no canteiro de obras. Como pressão física, este estudo refere-se ao dispêndio de energia que os canteiros de obras demandam do trabalhador, seja jovem ou adulto. Os sujeitos da pesquisa percebem que seu corpo não está preparado para um trabalho que exija tanto esforço físico como é o caso da construção civil. E pressão social relaciona-se à atuação ocupacional em um setor historicamente estigmatizado e socialmente desvalorizado, o que pode conferir diminuição da autoestima e aumento do sentimento de inferioridade, tendo em vista uma sociedade que valoriza a imagem e atribui a alguns tipos de ocupação o ideal do eu.

Efeito disso, eles defendem que aqueles que buscam trabalho e só conseguem atividades à margem da sociedade, como o caso da construção civil, são desprezados por não mobilizarem suas forças e conseguirem outras ocupações.

Ainda que a construção civil tenha incorporado novas tecnologias de base organizacional ou construtiva aos seus canteiros, como é visto na literatura, aos olhos dos jovens o setor continua o mesmo: “lata de massa em sol quente”. E isso parece ser ainda mais forte quando se trata de obras conduzidas por pequenas construtoras ou mesmo por pequenos empreiteiros, como foi o caso dos jovens ouvidos, cujos trabalhos pouco mudaram, inclusive no que diz respeito à gestão da sua mão de obra marcada pelos contratos informais de trabalho, um dos motivos que parecem contribuir para o afastamento dos jovens dos canteiros de obras.

A carteira de trabalho assinada sugere ser mais do que os direitos trabalhistas assegurados. Ela significa a inserção formal e socialmente reconhecida no mundo do trabalho, elemento fundamental para os jovens, como foi anteriormente assinalado. Cumpre-se, com a posse de uma carteira de trabalho assinada, quase que um rito de passagem para a vida adulta. Eles desejam, sobretudo, se orgulhar do que fazem, não apenas eles, mas que a sua família e, possivelmente, o seu grupo social se orgulhem deles.

Este trabalho, como em toda pesquisa, possui limitações tanto teóricas quanto metodológicas, mas procurou contribuir para o enriquecimento dos estudos sobre a juventude e a construção civil. As respostas dos entrevistados vão, em grande medida, ao encontro do que tem assinalado a literatura, mas ganham um olhar diferenciado porque são os próprios jovens, em suas palavras, que falam de seus anseios e expectativas.

Finalmente, apesar de os jovens pesquisados não poderem ser considerados uma amostra dos jovens pobres da RMBH e, muito menos, de qualquer outra região do país, os seus depoimentos levam a crer que eles buscam no trabalho o reconhecimento social, a construção de uma identidade profissional e um lugar na sociedade. Mas sem uma formação profissional e sem mais informações sobre os trabalhos e ofícios encontrados nos diversos setores produtivos, eles acabam se conformando ao justificarem suas "escolhas" ou expressarem seus desejos com entendimentos predominantes e presentes no seu universo de relações. A construção civil, por outro lado, parece não fazer grande esforço no sentido contrário.

Para melhor compreensão do problema aqui tratado, recomenda-se a realização de pesquisa que possa ouvir maior número de jovens pobres e adultos operários da construção e, também, empresários e engenheiros do setor.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, H.; BRANCO, P.P.M. **Retratos da juventude brasileira análises de uma pesquisa nacional.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 37-72.

ALVES, A.J.L. Atividade produtiva e produção do humano na crítica marxiana da Economia Política. In: V SIMPÓSIO SOBRE EDUCAÇÃO E TRABALHO, 2009, Belo Horizonte. **Anais.**.., Belo Horizonte: Núcleo de Estudos Trabalho e Educação - FAE/UFMG, 2009, p. 1-17.

ANDRADE, C.C. **Juventude e trabalho:** alguns aspectos do cenário brasileiro contemporâneo. Mercado de Trabalho, SP: IPEA, n. 38, nov. 2008.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BARROS, P.C.; MENDES, A.M. Estratégias de mediação do sofrimento psíquico de trabalhadores terceirizados da construção civil**. PSICO,** Universidade São Francisco, Itatiba, v. 6, n. 1, p. 81-108, 2001.

BARROS, V.A.; NOGUEIRA, M.L.M. Identidade e trabalho: reflexões a partir de contextos precarizados e excludentes. **Educação e Tecnologia,** v. 12, n. 3, 2007,

BASTOS, Juliana Curzi. Efetivação de escolhas profissionais de jovens oriundos do ensino público: um olhar sobre suas trajetórias. **Revista Brasileira Orientação Profissional**, São Paulo , v. 6, n. 2, p. 31-43, dez. 2005 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902005000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em 11 nov 2016

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Tradução Reynaldo Bairão. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992

BOURDIEU, P. Compreender. In: BORDIEU, P. (org.). **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 693-732.

BRASIL. Lei nº 8.069 de13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 13 jul. 1990.

BRASIL. Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Cientifica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providencias. **Diário Oficial da União**, Brasília, 29 dez. 2008.

BRASIL. Lei nº 12.852 de 05 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude- SINAJUVE. **Diário Oficial da União**, Brasília, 05 ago. 2013.

BRAVERMAN, H. **Trabalho e capital monopolista**: a degradação do trabalho no século XX. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1974,

CLASSIFICAÇÃO BRASILEIRA DE OCUPAÇÕES. CBO. Ministério do Trabalho e Emprego. Instituída de 9 de outubro de 2002. Consulta via internet em 09 dez. 2016

COCKELL, F.F. **Da enxada à colher de pedreiro:** trajetórias de vulnerabilidade social na construção civil. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) –Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2008

COCKELL, F.F.; PERTICARRARI, D. **Contratos de boca:** a institucionalização da precariedade na construção civil. **Cad CRH**, Salvador, v. 23, n. 60, p. 633-653, dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792010000300013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25 jan. 2015.

COLOMBO, G.; PRATI, L.E. Maturidade para escolha profissional, habilidades sociais e inserção no mercado de trabalho. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 201-212, dez. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902014000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 jan. 2016.

CORROCHANO, M.C. *et al*. **Jovens e trabalho no Brasil**: desigualdades e desafios para as políticas públicas. São Paulo: Ação Educativa, Instituto Ibi, 2008.

COSTA, F.B. **Moises e Nilce**: retratos biográficos de dois grais. Um estudo de psicologia social a partir de observação participante e entrevista. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

COSTA, Luciano Rodrigues. Subcontratação e informalidade na construção civil, no Brasil e na França. **Cad. CRH** , Salvador, v. 24, n. 62, p. 413-434, Agosto de 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792011000200012&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em: 10 nov. 2015.

COSTA, L.R.; COCKELL, F.F. O canteiro de obra como espaço de formação: dilemas e conflitos na aprendizagem profissional na construção civil. In: COSTA, L.R.; BARONE, R.E.M. **Qualificação profissional em construção:** formação e aprendizagem na construção civil. Curitiba: CRV, 2014, p. 69-89.

COSTA, L.R.; TOMASI, A.P.N. O canteiro de obras é a escola? Formação e qualificação profissional na construção civil. **Teoria & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 2, p. 7-13, 2009. Disponível em:<http://datafolha1.folha.com.br/empregos/segmentos?reference_date=2014-11-10&segment_id=3&find=Enviar>.Acesso em:12 out. 2015.

COSTA, L.R. **Trabalhadores em construção**: mercado de trabalho, redes sociais e qualificações na construção civil. 2010. 282f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais,Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, 2003. Disponível em:<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04>. Acesso em: 20 out 2014.

DEPARTAMENTO DA INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO. DECONCIC. **Proposta de política industrial para a construção civil**: edificações. S. Paulo/SP: FIESP, outubro de 2008, caderno 1.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS. DIEESE. **Boletim Trabalho e Construção.** n. 7, out. 2012. Disponível em: <http://www.dieese.org.br/boletimtrabalhoeconstrucao/2012/2012boletim TrabalhoConstrucao7.pdf> Acesso em: 15 nov. 2015.

DIAS, M. Introdução. In: BRASIL. **Manual da aprendizagem**: O que é preciso saber para contratar o aprendiz. Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego, 2014, p.10-13.

DUBET, F. **Comment devient-on ouvrier?** Autrement. Ouvriers, ouvrières. Uncontinent morcelée et silencieux. Paris: Autrement,1992, p. 136-144.(Série Mutations, n.126).

DUGUÉ, E. A lógica da competência: o retorno do passado. In: TOMASI, Antônio (Org.). **Da qualificação à competência**: pensando o século XXI. Campinas: Papirus, 2004, p. 19-32.

ESTEVES, L.C.G.; ABRAMOVAY, M. Juventudes: pelos outros e por elas mesmas. In: ABRAMOVAY, M.; ANDRADE, E.R.; ESTEVES, L.C.G. (orgs). **Juventudes**: outros olhares sobre a diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, v 27, 2007. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001545/15480por.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2008.

GARDENAL, I. Pesquisa investiga perfil psicológica de motoboys. (2015, 26 abril). **Jornal da Unicamp.** Disponível em: <http://www.unicamp.br/unicamp/ju/622/pesquisa-investiga-perfil-psicologico-de-motoboys>. Acesso em: 20 dez. 2016.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M.W.; GASKELL, G. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** um manual prático. 12. ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2015, Cap. 3, p. 64-87.

GIOIELLI, R. **Luz no apagão**. Fundação Getúlio Vargas, 2011. Disponível em: <http://www.cps.fgv.br/cps/bd/clippings/nc0271a.pdf>. Acesso em: 14 de set. 2015.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 1999.

GOOD, W.J.; HAAT, P.K. A entrevista. In: GOOD, W.J.; HAAT, P.K. **Métodos em pesquisa social**. São Paulo: Nacional, 1977, p. 236-268.

GROPPO, L.A. **Juventude**: ensaios sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

GUATTI, B.A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas.** Brasilia: Liber Livro, 2004.

GUIMARÃES, N.A. Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil? In: ABRAMO, H.W.; BRANCO, P.P.M. (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 149-174.

FRIEDMANN, G. Problèmes humains du machinisme industriel. Paris: Galimard, 1946.

FRIEDMANN, G. Où va le travail humain?. 11. éd. Paris: Gallimard, 1950.

FRIGOTTO, G.; FRANCO, M.A.C. (Org.). **A experiência do trabalho e a educação básica.** 2. ed., Rio de Janeiro: DP & A, 2005.

FRIGOTTO, G. Juventude, trabalho e educação no Brasil: perplexidades, desafios e perspectivas. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. **Juventude e Sociedade:** trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

HOLANDA, Chico Buarque. **Construção**. Música. 1971

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. Brasil : uma visão geográfica e ambiental no início do século XXI. Rio de Janeiro: Coordenação de Geografia, 2016.

IRIAT, J.A.B. *et al*. Representações do trabalho informal e dos riscos à saúde entre trabalhadoras domésticas e trabalhadores da construção civil. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, v. 3, n. 1, 2006. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v13n1/20.pdf>. Acesso em: 14 ago 2016

JACQUES, M.G.C. Identidade e trabalho: uma articulação indispensável. In: TAMAIO, A.; BORGES-ANDRADE, J.E.; CODO, W. (Eds.). **Trabalho, organizações e cultura**. São Paulo, SP: Cooperativa de Autores Associados, 1996, p. 21-26.

KIND, L.N. **Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais**. 2004. Disponível em: http://www.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20041213 115340.pdf. Acesso em: 10 de maio de 2015.

KUENZER, A.Z. O trabalhador e o saber: repesando a relação Educação e Trabalho. In: KUENZER, A.Z**. Pedagogia da fábrica:** as relações de produção e a educação do trabalhador. 3. ed., São Paulo: Cortez, 1989; [S.l.]: 203 p.

LAMAS, K.C. *et al*. Orientação Profissional na escola: uma pesquisa com intervenção. **Psicologia em Revista**, 2008. Disponível em: http://www.ufjf.br/psicologiaempesquisa/ files/2009/11/v2n1007.pdf. Acesso em: 05 Nov. 2015.

LEÃO, G.M.P. Experiências da desigualdades: sentidos da escolarização elaborados por jovens pobres. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 1, p. 31-48, jan./abr. 2006.

MAIA, A.A.; RAVASCO, M.; MANCEBO, D. Juventude, trabalho e projetos de vida: ninguém pode ficar parado. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v. 30, n. 2, p. 376-389, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid =S1414-98932010000200012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 de nov. 2016.

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

MARX, K. Da manufatura à fábrica automática. In: GORZ, A. **A crítica da divisão do trabalho.** São Paulo: Martins Fontes, 1980-1996, cap.1, p. 21-36, 1996.

MARX, K. **O Capital**: crítica da economia política. Tradução por Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Abril Cultural, 1985. Livro 1, v. 1, t. 2 (Os economistas).

MANFREDI, S.M. **Educação profissional no Brasil**. Cap. 2. São Paulo: Cortez, 2002.

MELO, C.M.S. **Educação para o trabalho:** a formação profissional de jovens pobres. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Programa de Pós-graduação em Serviço Social. Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora. 150 f. 2015.

MÉNDEZ, N.P. Educação de Jovens e Adultos e o mundo do trabalho. In: STECANELA, N. (Org.). **Fundamentos da EJA.** Caixa do Sul: Educs, 2013, p. 37-53.

MINAYO, M.C.S. *et al.* (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 20 ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

NAVILLE, P. **Essai sur la qualification du travail**. Paris: Rivière, 1956

NERI**,** M**.** O novo trabalho da construção civil. **Revista Conjuntura Econômica,** v. 65, n. 3, 2011. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rce/article/view/22519/21283>. Acesso em: 14 de set. 2015.

OLIVEIRA, B.R,G.; ROBAZZI, M.L.C.C. O trabalho na vida dos adolescentes: alguns fatores determinantes para o trabalho precoce. **Revista Latino-Americana de Enfermagem,** v. 9, n. 3, p. 83-89, maio 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v9n3/11503.pdf > Acesso em: 17 set. 2015.

OLIVEIRA, S. L. **Tratado de Metodologia Científica**. São Paulo: Pioneira, 1997

PEREIRA, E.D. Adolescência: um jeito de fazer. **Revista da Universidade Federal de Goias**, v. 6, jun. 2004. Disponível em: <http://teste.proec.ufg.br/revista_ufg/juventude/adoles.html>. Acesso em: 14 set 2015.

POCHMANN, M. **Inserção ocupacional e o emprego dos jovens.** São Paulo: Associação Brasileira de Estudos- ABET, 1998.

POCHMANN, M. **Situação do jovem no mercado de trabalho no Brasil.** São Paulo, fev. 2007. Disponível em: <http://www.emater.mg.gov.br/doc/intranet/upload/transformar_leitura/situa%C3%A7%C3%A3o_do_jovem_no_mercado_de_trabalho.pdf>. Acesso em: 14 de set. 2015.

POCHMANN, M. Juventude em busca de novos caminhos no Brasil. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. **Juventude e Sociedade:** trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005

RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS. RAIS. **Características do emprego formal**. 2014. Disponível em: <http://portalfat.mte.gov.br/wp-content/uploads/2016/03/Caracter%C3%ADsticas-do-Emprego-Formal-segundo-a-Rela%C3%A7%C3%A3o-Anual-de-Informa%C3%A7%C3%B5es-Sociais-2014-31082014.pdf> Acesso em: 05 jan.2015

ROSO, A. Grupos focais em Psicologia Social: da teoria à prática. **Psico**, Porto Alegre, v. 28, n. 2, p. 155-169, 1997.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO À MICRO E À PEQUENA EMPRESA MINAS GERAIS. SEBRAE-MG. Minas Gerais. **Perfil setorial da construção civil**, 2005. Disponível em <http://www.sebrae-mg.com.br> Acesso em 31 ago. 2005

SILVA, I.M.M. **Aspirações e projetos de jovens das camadas populares em Belo Horizonte-MG**, 2008. 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação Tecnológica) - Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET/MG, Belo Horizonte, 2008.

SILVA JÚNIOR, P.R**. Juventude pobre e trabalho**: as experiências dos jovens que participam de programas de aprendizagem profissional na região metropolitana de Belo Horizonte. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG, Belo Horizonte, 2011. 322 p.

SITE NACIONAL DE EMPREGOS. SINE. **Pesquisa salarial média salarial dezembro de 2016**. Disponível em: <http://www.sine.com.br/media-salarial>. Acesso em: 20 dez. 2016.

SOARES, D.H.P. **A escolha profissional**: do jovem ao adulto. São Paulo: Summus, 2002. 196 p.

SOBROSA, G.M.R. *et al*. Opiniões sobre trabalho em jovens de classes populares. **Revista Brasileira Orientação Profissional**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 265-276, dez. 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902013000200011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 jan. 2016.

SOUZA, C.; PAIVA, I.L. Faces da juventude brasileira: entre o ideal e o real. **Estudo Psicol,** Natal, v. 17, n. 3, p. 353-360, dez. 2012. Disponível:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2012000300002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 de out. 2015.

SPOSITO, M.P. **Os jovens no Brasil:** desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas. São Paulo: Ação Educativa, 2003.

TAVARES, M.G. Evolução da Rede Federal de Educação profissional e Tecnológica: as etapas históricas da educação profissional no Brasil. In: IX SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, 2012. **Anais do IX ANPED Sul.** Caixas do Sul.

TELES, J.; FREGUGLIA, R.; CARVALHO, F.F. Juventude e mercado de trabalho no Rio de Janeiro e em Minas Gerais. **Econômica,** v. 4, n. 2, p. 223-250, 2002. Disponível em: <http://www.uff.br/revistaeconomica/v4n2/teles.pdf> Acesso em: 27 mai. 2015.

TOMASI, A.P.N. **A construção social da qualificação dos trabalhadores da construção civil de Belo Horizonte.** Belo Horizonte: CNPq, 1999. Relatório de pesquisa.

TOMASI, A.P.N.; FERREIRA, J.E.R.M. Engenheiro ou operário? O Lycée Martin Nadaud e a Formação Profissional na França. **Revista Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v. 22, n. 3, p. 35-53, set./dez. 2013.

TOMAS, M.C. **O ingresso dos jovens no mercado de trabalho:** uma análise das regiões metropolitanas brasileiras nas últimas décadas. 2007.168 f. Dissertação (Mestrado em Economia) - Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

TRAD, L.A.B. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 777-796, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312009000300013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 1º jul. de 2015.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título do Projeto: A juventude e o trabalho na construção civil

Prezado(a),

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa que pretende investigar e analisar os fatores que implicam a redução de jovens trabalhadores no setor da construção. Sua colaboração é fundamental para o desenvolvimento da pesquisa, entretanto, não é obrigatória. A participação neste estudo é voluntária e a qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento deste estudo.

Sua participação neste estudo consiste em participar de grupo focal, uma entrevista coletiva, sobre o tema da pesquisa. As informações serão gravadas e posteriormente transcritas e analisadas.

Sua identidade será mantida em sigilo. Você não será identificado(a) quando o material de seu registro for utilizado, seja para propósitos de publicação científica ou educativa. De maneira a assegurar sua privacidade, a transcrição será feita omitindo-se marcadores pessoais e institucionais que permitam sua identificação. Todo o material de registro produzido durante a pesquisa ficará sob a guarda do pesquisador responsável durante cinco anos e após este período todo material será destruído.

Efeitos indesejáveis podem ocorrer em qualquer pesquisa, apesar de todos os cuidados possíveis. Diante de qualquer desconforto ou constrangimento, sua participação poderá ser interrompida, sem mais prejuízos.

Espera-se, como resultado deste estudo, conhecer os fatores que implicam a redução dos jovens no trabalho da construção civil.

Você receberá uma cópia deste termo no qual constam o telefone e o endereço do pesquisador responsável e podem ter esclarecidas suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Pesquisador responsável:Sara Lopes Fonseca. Tel.: (31)9.8857-7460.
E-mail: saralopesf@gmail.com.br

Belo Horizonte, de de 2016.
Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade para participar deste estudo.

_____

Nome do participante (em letra de forma)

Assinatura do participante Data:

Obrigada por sua colaboração, Sara Lopes Fonseca

APÊNDICE B – Roteiro temático

1- COMO OS JOVENS VEEM AS OPORTUNIDADES DE TRABALHO, ATUALMENTE?

Como os jovens do seu relacionamento veem as oportunidades de trabalho, atualmente? Quais são as maiores dificuldades para os jovens encontrarem emprego/trabalho? E o que facilita para encontrar emprego/trabalho? O que os empregadores exigem dos jovens para darem emprego/trabalho? E o que os jovens do seu relacionamento procuram no emprego/ trabalho? Que empregos/trabalho são mais fáceis de encontrar? E quais sãos os mais difíceis?

2- QUAS SÃO AS EXPECTATIVAS PROFISSIONAIS DOS JOVENS?

Quais são as expectativas profissionais dos jovens do seu relacionamento? Quais são as profissões/ofícios que são mais atraentes para os jovens de seu relacionamento, hoje? Por quê? Para uma profissão/ofício ser desejada pelos jovens de seu relacionamento, hoje, quais devem ser as suas características mais importantes? (Apontem as cinco mais importantes e pela ordem).

3- OS JOVENS CONSIDERAM A ESCOLARIDADE QUE POSSUEM SUFICIENTE PARA TEREM A PROFISSSÃO QUE DESEJAM?

Com a escolaridade que possuem os jovens do seu relacionamento, que profissões eles poderiam ter? Eles pretendem continuar estudando? Se sim, até que nível? Se não, por quê? Quanto maior a escolaridade do jovem, melhores são as suas chances de encontrar trabalho e melhor a remuneração (Sim ou não? Por quê?).

4- OS JOVENS PROCURAM A FORMAÇÃO PROFISSIONAL?

Os jovens do seu relacionamento consideram a formação profissional importante? Que formação profissional vocês acreditam que eles gostariam de escolher? Por quê? Quais são as dificuldades para se ter acesso à formação profissional? Quais são as formações profissionais mais desejadas pelos jovens? Por quê?

5- O APOIO/INTERFERÊNCIA DA FAMÍLIA OU DO MEIO SOCIAL IMEDIATO NA EDUCAÇÃO E NA ESCOLHA PROFISSIONAL.

As famílias dos jovens apoiam os seus filhos na escola? Como? As famílias propõem para eles uma formação profissional? Que formação? Que carreira profissional as famílias dos

jovens esperam que eles sigam? As famílias influenciam na carreira que os jovens devem seguir? Como?

6- COMO AS FAMÍLIAS, OS GRUPOS SOCIAIS MAIS PRÓXIMOS DOS JOVENS E A SOCIEDADE, COMO UM TODO, VEEM O TRABALHO NA CONSTRUÇÃO CIVIL? Como a família, os amigos e a sociedade veem a entrada de jovens nos canteiros de obras da construção civil? E os próprios jovens, como veem? Como os pais e os trabalhadores da construção civil veem a entrada de jovens na construção civil? Eles incentivam? Eles tentam impedir? Por quê?

APÊNDICE C - Perguntas iniciais

Nome : _____ Idade: _____ Série na escola _____

Bairro: _____ Cidade: _____ Natural de:_____

Horário de aula: ( ) Manhã ( ) Tarde ( ) Noite

1) Já trabalhou antes?

( ) Não ( ) Sim. Durante quanto tempo? _____

Fazendo o quê? _____

A carteira de trabalho era assinada? _____

2) Liste abaixo todas pessoas que moram na mesma casa com você:

Nome do morador	**Idade**	**Parentesco**	**Trabalha**	**Profissão**	**Salário**

3) Escreva na tabela abaixo quais seriam os melhores e os piores trabalhos que um jovem poderia ter:

Melhores	**Piores**

APÊNDICE D - Tabela de caracterização dos entrevistados

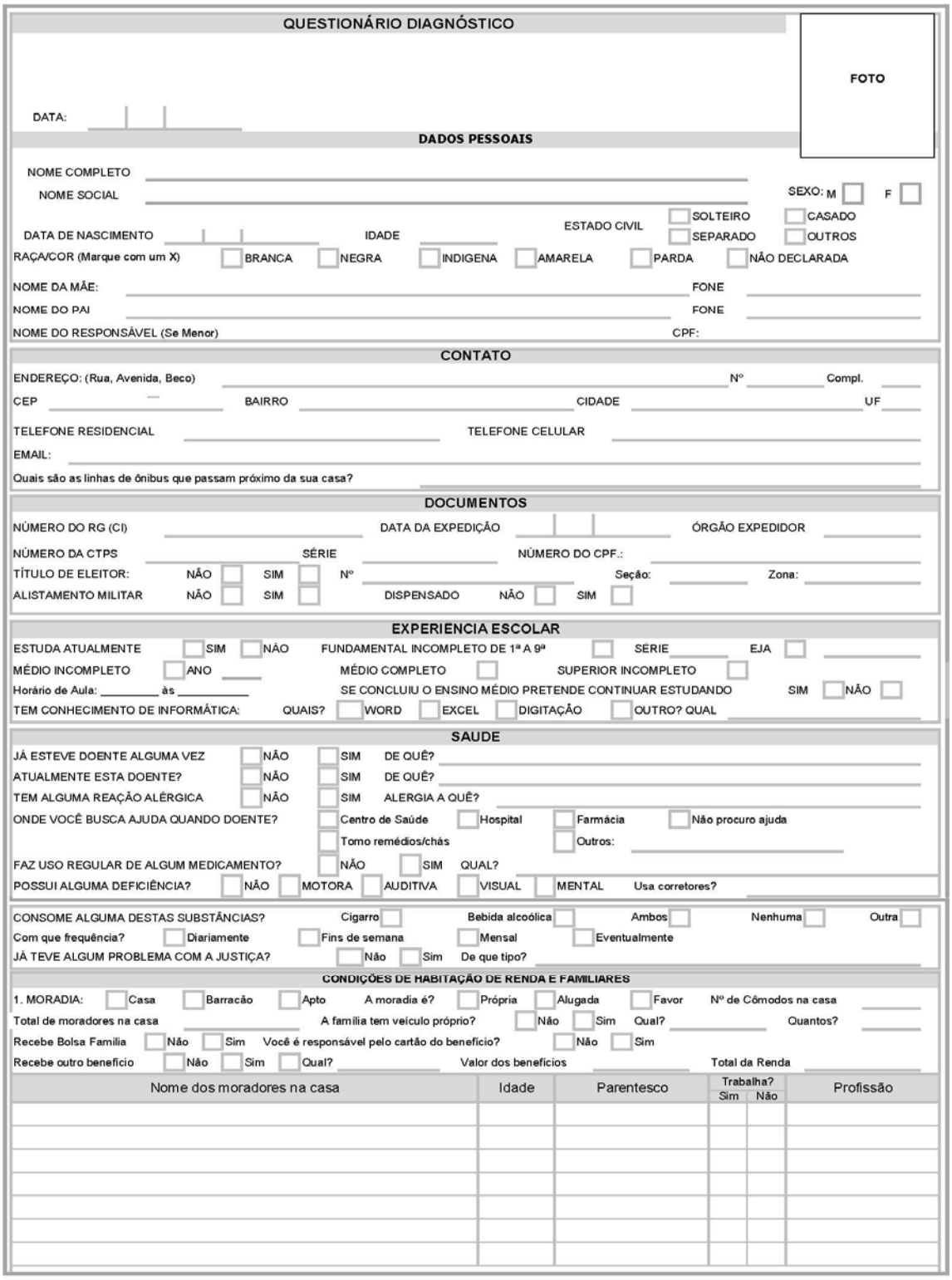
QUADRO 4 - Caracterização dos participantes da pesquisa

Nome	Idade	Escolaridade	Região que mora	Renda *per capita*	Cor (autodeclarada)	Profissão do pai	Trabalho na Construção Civil
Rafael	18	2º ano	Norte	R$ 137,78	Branco	Sem contato	Sim
Vinicius	15	7ª série	Leste	R$ 233,20	Pardo	Autônomo	Não
Luiz	16	9ª série	Nordeste	R$ 185,00	Negro	Gesseiro	Sim
Cleiton	16	2º ano	Metropolitana	R$ 280,00	Branco	Pedreiro	Sim
Samuel	16	1º ano	Norte	R$ 405,36	Pardo	Vigilante	Sim
Jean	16	9ª série	Norte	R$ 428,53	Negro	Auxiliar de Produção	Não
Diogo	16	1º ano	Norte	R$ 153,55	Indigena	Autônomo	Sim
Alexandre	17	1º ano	Norte	RS 290,80	Negro	Motorista	Não
Lucas	16	7ª série	Nordeste	R$ 337,14	Branco	Porteiro	Não
Vitor	16	1º ano	Metropolitana	R$ 125,00	Pardo	Pedreiro (Avó)	Sim
João	17	2º ano	Norte	R$ 496,04	Negro	Operador de Máquina	Não
Daniel	18	3º ano	Norte	R$ 856,26	Negro	Serralheiro	Não
Frederico	17	1º ano	Metropolitana	R$ 457,14	Pardo	Aposentado	Sim
Farley	15	EJA Fundamental	Metropolitana	R$ 469,00	Negro	Mecânico	Não

Fonte: elaborado pela autora.

ANEXOS

ANEXO A - Questionário diagnóstico utilizado da ONG citado no trabalho



QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

FOTO

DATA:

DADOS PESSOAIS

NOME COMPLETO

NOME SOCIAL

SEXO: M F

DATA DE NASCIMENTO IDADE ESTADO CIVIL SOLTEIRO CASADO SEPARADO OUTROS

RAÇA/COR (Marque com um X) BRANCA NEGRA INDIGENA AMARELA PARDA NÃO DECLARADA

NOME DA MÃE: FONE

NOME DO PAI FONE

NOME DO RESPONSÁVEL (Se Menor) CPF:

CONTATO

ENDEREÇO: (Rua, Avenida, Beco) Nº Compl.

CEP BAIRRO CIDADE UF

TELEFONE RESIDENCIAL TELEFONE CELULAR

EMAIL:

Quais são as linhas de ônibus que passam próximo da sua casa?

DOCUMENTOS

NÚMERO DO RG (CI) DATA DA EXPEDIÇÃO ÓRGÃO EXPEDIDOR

NÚMERO DA CTPS SÉRIE NÚMERO DO CPF.:

TÍTULO DE ELEITOR: NÃO SIM Nº Seção: Zona:

ALISTAMENTO MILITAR NÃO SIM DISPENSADO NÃO SIM

EXPERIÊNCIA ESCOLAR

ESTUDA ATUALMENTE SIM NÃO FUNDAMENTAL INCOMPLETO DE 1ª A 9ª SÉRIE EJA

MÉDIO INCOMPLETO ANO MÉDIO COMPLETO SUPERIOR INCOMPLETO

Horário de Aula: _____ às _____ SE CONCLUIU O ENSINO MÉDIO PRETENDE CONTINUAR ESTUDANDO SIM NÃO

TEM CONHECIMENTO DE INFORMÁTICA: QUAIS? WORD EXCEL DIGITAÇÃO OUTRO? QUAL

SAUDE

JÁ ESTEVE DOENTE ALGUMA VEZ NÃO SIM DE QUÊ?

ATUALMENTE ESTA DOENTE? NÃO SIM DE QUÊ?

TEM ALGUMA REAÇÃO ALÉRGICA NÃO SIM ALERGIA A QUÊ?

ONDE VOCÊ BUSCA AJUDA QUANDO DOENTE? Centro de Saúde Hospital Farmácia Não procuro ajuda

Tomo remédios/chás Outros:

FAZ USO REGULAR DE ALGUM MEDICAMENTO? NÃO SIM QUAL?

POSSUI ALGUMA DEFICIÊNCIA? NÃO MOTORA AUDITIVA VISUAL MENTAL Usa corretores?

CONSOME ALGUMA DESTAS SUBSTÂNCIAS? Cigarro Bebida alcoólica Ambos Nenhuma Outra

Com que frequência? Diariamente Fins de semana Mensal Eventualmente

JÁ TEVE ALGUM PROBLEMA COM A JUSTIÇA? Não Sim De que tipo?

CONDIÇÕES DE HABITAÇÃO DE RENDA E FAMILIARES

1. MORADIA: Casa Barracão Apto A moradia é? Própria Alugada Favor Nº de Cômodos na casa

Total de moradores na casa A família tem veículo próprio? Não Sim Qual? Quantos?

Recebe Bolsa Família Não Sim Você é responsável pelo cartão do benefício? Não Sim

Recebe outro benefício Não Sim Qual? Valor dos benefícios Total da Renda

Nome dos moradores na casa	Idade	Parentesco	Trabalha? Sim	Trabalha? Não	Profissão

Tem filhos? ☐ Não ☐ Sim Quantos? _____ Caso tenha filhos eles vivem com você? ☐ Sim ☐ Não

COMO É A RELAÇÃO FAMILIAR? ☐ Boa ☐ Regular ☐ Ruim ☐ Péssima VOCÊ É: ☐ Chefe de Família ☐ Dependente

Quando tem problemas a quem pede ajuda? ☐ Pai ☐ Mãe ☐ Amigos ☐ Outros Te afeta os problemas familiares ☐ Não ☐ Sim

TRABALHO

Você já trabalhou ☐ Sim ☐ Não O trabalho era remunerado ☐ Sim ☐ Não A CTPS era assinada ☐ Sim ☐ Não

Já fez trabalho voluntário ☐ Sim ☐ Não

Qual é a imagem que você tem do trabalho? _____

TRABALHO

Qual o trabalho que você sonha? _____

Que passos são necessários para realizar este sonho? _____

CURSOS ANTERIORES

	NOME DO CURSO	INSTITUIÇÃO	CARGA HORÁRIA	PERÍODO
1				
2				
3				
4				

VIDA COMUNITÁRIA

- Participa de algum grupo de jovens ☐ Sim Qual? _____ ☐ Não Por quê? _____
- Gostaria de fazer parte de um grupo? ☐ Sim De que tipo ? ☐ Desportivo ☐ Religioso ☐ Cultural ☐ Outro ☐ Não Por quê? _____

PERCEPÇÃO DE SI

- Qual o seu hobby? O que gosta de fazer? _____
- Quais são as suas qualidades? _____
- Quais são os seus defeitos? _____
- O que gosta mais em você? _____
- O que gostaria de mudar em você? _____
- Qual o seu maior sonho? _____

_____

Assinatura do candidato

Observações e parecer **(Não preencher)**

Local e data

Assinatura do Avaliador